

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Renato Marinoni dos Santos Prado

A necessidade de uma leitura contemporânea e analítica do Princípio Regulador do Culto

Mestrado em Teologia

SÃO PAULO
2019



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Secretaria Acadêmica da Pós-Graduação

Renato Marinoni dos Santos Prado

A necessidade de uma leitura contemporânea e analítica do Princípio Regulador do Culto

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Manzatto.

SÃO PAULO

2019

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória de minha mãe, Analucia, que sempre me apoiou, acreditou no meu chamado, me cobriu de orações e me incentivou a sempre ir mais longe.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois é d'Ele que recebo graça e sabedoria para qualquer tipo de reflexão sobre a experiência de podermos adorar a Deus como Corpo de Cristo. Tenho a plena convicção de que foi Deus quem abriu todas as portas para que eu pudesse ingressar neste programa e, pela sua graça, concluí-lo.

Agradeço à minha esposa Andressa, pelo seu apoio incondicional, incentivo nos momentos em que quis desistir e sempre me motivando a dar o melhor de mim. Essa conquista é sua também.

Agradeço ao meu pai Silas, minha irmã Rebeca, e a todos os familiares. Sem o apoio deles, dificilmente concluiria esta etapa e colaboraria com a comunidade acadêmica.

Agradeço à CAPES e ADVENIAT pelas bolsas recebidas, que possibilitaram a conclusão desta jornada.

Agradeço à PUC-SP. Fui muito bem recebido nesta casa e tratado com grande respeito. Espero ter respeitado esta instituição também no meu trabalho como aluno e pesquisador. Em especial, agradeço aos professores Antônio Manzatto pela sua paciência na minha orientação, pelas importantíssimas contribuições, e ao coordenador deste programa, professor Matthias Grenzer, por toda motivação em sempre ser um pesquisador melhor. Aos demais professores com quem tive a honra de ter aula, também agradeço pela contribuição especial de cada um.

Agradeço à Igreja Batista Nações Unidas, nas pessoas do seu presidente Pastor Luiz Sayão, de seu gestor Adelmo Ribeiro e de seu tesoureiro Thiago Faganello, estendendo o meu carinho a toda a liderança ministerial e diretoria, que me apoiaram em todo o tempo, no incentivo, compreensão e também de forma prática. Sinto-me honrado em fazer parte desta comunidade tão especial.

Agradeço pelo apoio da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, nas pessoas de seu diretor professor Lourenço Rega, sua coordenadora professora Madalena Molochenco, demais docentes e toda a equipe administrativa. Muito me alegro em servir nesta casa e espero que a conclusão deste mestrado seja útil no serviço nesta faculdade.

RESUMO

O crescimento da fé reformada a partir da segunda década do século XXI e os desafios à fé cristã trazidos pela pós-modernidade têm reacendido o debate sobre um culto cristão que seja bíblico, mas ao mesmo tempo relevante e que dialogue com a cultura. Esta pesquisa pretende trazer uma contribuição para este debate primeiramente recuperando o papel pedagógico da reunião coletiva de adoração cristã na formação do caráter cristão na vida do adorador, passando pela importância da prática litúrgica e dos rituais neste processo. Depois, analisaremos o entendimento dos reformadores e a importância central que todos eles deram para o culto cristão no reforço dos ideais reformados e como eles desenharam os cultos em seus contextos. Diante disso, veremos mais de perto o entendimento de João Calvino sobre o culto cristão, uma vez que Calvino foi a maior influência sobre o ramo protestante denominado teologia reformada. Foi dentro da fé reformada de contexto calvinista que surgiu, tempos depois, a preocupação com a necessidade de se formularem alguns princípios para o culto reformado. Esta iniciativa, que aconteceu na Inglaterra, num contexto de diversidade denominacional, mas dominada por puritanos e anglicanos, deu origem ao “Diretório de Culto de Westminster”, que traz a formulação do que viria a ser conhecido na história como “Princípio Regulador do Culto”, que é, em resumo, a aplicação do princípio de *Sola Scriptura* ao que deve ou não acontecer no culto cristão. Veremos o contexto em que se deu a formulação inicial do “Princípio Regulador do Culto”, se existe realmente um alinhamento entre este princípio e a visão escriturística de culto congregacional e como ele veio a ser aplicado na história posterior à sua formulação. No último capítulo, vamos analisar propostas litúrgicas contemporâneas e investigar a hipótese de que, se verdadeiramente o “Princípio Regulador do Culto” delimita, de acordo com as Escrituras, o que é próprio ou não para um culto cristão, de acordo com as ordenanças e revelação do próprio Deus, ele deve ser aplicado a todos os estilos estéticos de culto, assim como o Evangelho pode e deve ser pregado em todos os tempos e culturas.

Palavras-chave: Princípio Regulador do Culto; Culto Cristão; Fé Reformada; Contemporaneidade.

ABSTRACT

The growth of the reformed faith from the second decade of the twenty-first century and the challenges to the Christian faith brought by post-modernity have reignited the debate on a christian service that is biblical but at the same time relevant and that dialogue with the culture. This research aims to contribute to this debate by first recovering the pedagogical role of the collective meeting of christian worship in the formation of the christian character in the life of the worshiper, through the importance of liturgical practice and rituals in this process. Then we will look at the Reformers' understanding and the central importance they all gave to christian worship in reinforcing Reformed ideals and how they designed the services in their contexts. Given this, we will see John Calvin's understanding of christian worship more closely, since Calvin was the greatest influence on the Protestant branch called Reformed Theology. It was within the Reformed faith of the Calvinist context that arose, some time later, this concern for the necessity of formulating some principles for the reformed service. This initiative, which took place in England in a context of denominational diversity but dominated by Puritans and Anglicans, gave rise to the "Westminster Directory of Worship," which brings the formulation of what would come to be known in history as "Regulative Principle of Worship, which is, in short, the application of the *Sola Scriptura* principle to what should or should not happen in christian worship. We will look at the context in which the initial formulation of the "Regulative Principle of Worship" was given, whether if there really is an alignment between this principle and the Scriptural view of congregational worship and how it came to be applied in the history after its formulation. In the last chapter, we will examine contemporary liturgical proposals and investigate the hypothesis that if the Regulative Principle of Worship truly delineates, according to the Scriptures, what is proper or not for a christian worship, according to the ordinances and revelation of God himself, it should be applied to all aesthetic styles of worship, just as the Gospel can and should be preached in all times and cultures.

Keywords: Regulative Principle of Worship; Christian Worship; Reformed Faith; Contemporaneity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Definição de termos	11
Adoração	11
Liturgia	12
Teologia Reformada	13
Adoração Reformada	14
Justificativa da necessidade deste trabalho	14
Estrutura do trabalho	17
Conclusão	20
1. <i>LEX ORANDI, LEX CREDENDI: A ADORAÇÃO E O CULTO PÚBLICO COMO ORIENTADORES DA VIDA CRISTÃ NUM MUNDO HOSTIL</i>	21
1.1. O dilema de Caim e Abel: qual é a forma legítima de cultuar?	24
1.2. Liturgia que olha para o passado – a dimensão histórica do culto	29
1.3. A liturgia que olha para o futuro – a dimensão escatológica do culto ..	31
1.4. Liturgia cristã como modeladora dos desejos e dos hábitos – adoração em drama	34
1.5. A arquitetura da liturgia	36
1.6. A liturgia no entendimento dos reformadores - um panorama do pensamento litúrgico que orientou Lutero e demais reformadores	38
1.6.1. Um retorno à adoração da igreja primitiva e dos pais da igreja e a aplicação dos cinco <i>Solas</i> à formulação litúrgica dos Reformadores	40
1.6.2. Um desenho litúrgico comum a cultos de diversas tradições protestantes: o culto moldado pelo Evangelho	42
1.6.3. O pensamento litúrgico de Lutero	44
1.7. Conclusão	46
2. A TEOLOGIA DO CULTO EM JOÃO CALVINO E O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO: SUA FORMULAÇÃO ORIGINAL, SUA APLICAÇÃO E ENTENDIMENTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA IGREJA REFORMADA	47
2.1. O Culto Cristão na visão de João Calvino	49

2.2.	A formulação do Princípio Regulador do Culto na Confissão de Fé de Westminster e nos Catecismos	57
2.3.	A problematização do PRC: a distinção entre substância, elementos, formas e circunstâncias	60
2.4.	O desenho do culto a partir da CFW e do “Diretório de Culto”	62
2.5.	Qual é o alcance e abrangência do PRC?	64
2.6.	O desenvolvimento do PRC ao longo dos séculos subsequentes	67
2.7.	Conclusão	69
3.	NECESSIDADE E POSSIBILIDADES PARA UMA ADORAÇÃO REFORMADA CONTEMPORÂNEA E GLOBALIZADA	70
3.1.	Introdução	70
3.2.	O embate entre uma liturgia mais conservadora e uma liturgia mais contemporânea: o surgimento da música de adoração contemporânea e as guerras de adoração	72
3.2.1.	Música cristã contemporânea e a Teologia Carismática	73
3.2.2.	Música de adoração contemporânea	75
3.2.3.	O desenho do culto carismático	77
3.3.	Uma breve análise de estéticas litúrgicas contemporâneas: a adoração contemporânea, a adoração combinada e a adoração emergente	79
3.3.1.	Adoração contemporânea	79
3.3.2.	A adoração combinada	81
3.3.3.	Adoração emergente	83
3.4.	Desafios propostos por tempos contemporâneos e a necessidade de contextualização	86
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

INTRODUÇÃO

Difícilmente alguém poderia exagerar ao reforçar a importância da adoração congregacional, do culto para a vida e desenvolvimento da Igreja cristã.¹ Somos chamados a atingir a maturidade espiritual através da reunião coletiva (Cl 3.15-17), conhecida como culto cristão.

O Concílio Vaticano II define o culto cristão como o local que contribui para que os fiéis “exprimam em suas vidas e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a genuína natureza da verdadeira igreja” (SACROSSANTUM CONCILIUM, 2001, p. 33 e 34). A história da Igreja pode ser contada, em grande parte, ao se analisar o desenvolvimento da liturgia e os seus vários desdobramentos em todas as esferas da vida da Igreja.²

Não à toa, portanto, o campo litúrgico se tornou, muitas vezes, ao longo da história, um campo de batalha.³ Por tudo isso, este trabalho tem como intenção promover o aprofundamento de uma reflexão teológica embasada na teologia bíblica e na tradição para responder aos desafios contemporâneos para o campo litúrgico, fugindo da simplificação que se apega somente ao estilo do culto (tradicional *versus* contemporâneo).

¹ O reverendo Emilio Garofalo Neto diz que “adoração é central na vida da Igreja. De todas as atividades de uma igreja local, apenas essa vai durar para sempre” (NETO *In* JOHNSON, 2014a. Prefácio à edição brasileira).

² São os intentos louváveis de trabalhos celebrados, como dos estudiosos de liturgia James F. White (1989) e Bryan Chapell (2009).

³ Um exemplo mais recente disso se viu nas décadas de 1980 e 1990, com o surgimento do chamado movimento de Louvor e Adoração, que ficou conhecido como “worship war” (guerra de adoração), que basicamente era o enfrentamento entre adeptos e defensores do uso da música cristã contemporânea no culto e os contrários e, portanto, defensores de uma música mais litúrgica. Vários autores de renome e relevância se debruçaram sobre esse assunto, como Marva Dawn (1995 e 1999), em suas duas obras listadas em nossa bibliografia, John Frame (1997 e 2006), também em duas obras listadas em nossa bibliografia, e Robert Webber (2002), escrevendo vários livros sobre o assunto, tendo um de seus mais importantes em nossa bibliografia. Um dos autores mais proeminentes na defesa de uma adoração reformada mais tradicional, Terry Johnson (2014a), assim descreve essa guerra de adoração: “as formas da adoração tradicional – ordens históricas de culto, órgãos, hinos, salmos métricos, credos, orações ‘pastorais’ e sermões bíblicos – têm sido abandonadas em favor de formas da cultura contemporânea *soft rock*, postura de programa de entrevistas, uma atmosfera amigável e informal, retroprojetores e sermões tópicos tratando das necessidades percebidas” (JOHNSON, 2014a, Prefácio).

Esse desafio é ecumênico. Embora o objeto principal desta pesquisa se relacione à teologia reformada calvinista, dentro do campo protestante, esse é um tema que muito interessa à teologia católica romana, haja vista a importância dada ao tema no Concílio Vaticano II, que iniciou discutindo-o⁴, e a enorme quantidade de documentos, livros e artigos em periódicos produzida sobre o tema da liturgia dentro da Igreja Católica Romana, principalmente após o Vaticano II.⁵

Esse tema também é ecumênico pois a base da liturgia cristã é comum a católicos romanos e protestantes, em dezesseis séculos de desenvolvimento da fé cristã. Essa é uma rica herança de tradição que não pode ser desprezada. E toda a liturgia protestante tem seu início no modelo da liturgia católica romana da era medieval (WHITE, 1989, p. 25).

Portanto, os princípios que aqui serão tratados se aplicam a todos que querem refletir sobre uma liturgia sedimentada numa teologia bíblica da adoração, na riquíssima tradição da Igreja, mas que converse com os desafios do século XXI.

Definição de termos

Nesta introdução, serão feitas definições iniciais de alguns termos importantes para a correta compreensão desta pesquisa. Ressaltamos que definições mais aprofundadas serão dadas à medida que os temas forem sendo trabalhados no desenvolver do trabalho.

ADORAÇÃO

O termo **adoração** tem dois sentidos: um mais amplo, que fala da adoração em espírito e em verdade, ou seja, de uma vida de obediência à Palavra de Deus e que honre a Deus em todos os sentidos; e um sentido mais restrito, que é o culto cristão público, ou culto de adoração. Neste trabalho, vamos trabalhar com este sentido mais restrito.

⁴ O papa Bento XVI, que dedicou o que ele chama de “grande esforço” no estudo e escrita sobre liturgia, diz no livro em que coleciona todos os seus escritos sobre o assunto que o Concílio acertou em começar debatendo liturgia, pois, ao fazê-lo, deu acertadamente o destaque à primazia de Deus, porque, para ele, a liturgia diz que Deus vem primeiro (RATZINGER, 2008).

⁵ Uma pequena parte desse material será usada como referência nessa pesquisa.

A adoração cristã é um fenômeno muito rico e diversificado e, como tal, uma das possibilidades é analisarmos o desenvolvimento de suas diferentes tradições (WHITE, 1989, p. 21).

LITURGIA

A palavra **liturgia** vem do grego *leitorgeō*, que é a mais explícita expressão do Novo Testamento para serviço cúltico prestado a Deus⁶ (BLOCK, 2018, p. 23). Inicialmente, essa palavra não tinha seu uso atrelado à conotação religiosa, mas falava de serviço cívico público⁷.

Com sua correlação com o culto cristão, já na época patrística, posterior à conversão de Constantino, passou a designar um rito previamente definido e estipulado, ou seja, como esse culto deveria ocorrer (JUNIOR *et al*, 2018, p. 100).

No decorrer histórico, foram incorporados elementos litúrgicos que tradicionalmente compuseram a ordem litúrgica de diferentes tradições, tais como credos, bênçãos, doxologia, hinos, orações, entre outros (JUNIOR *et al*, 2018, p. 103-105). Alguns elementos litúrgicos são mais amplamente aceitos por todos os cristãos, enquanto outros são objetos de debates.

Todo culto tem liturgia, embora, para alguns, em tempos presentes, o termo possa ser erroneamente relacionado a uma forma mais tradicional-histórica de culto. Mas não existe culto informal no sentido de “sem forma”; sendo assim, todo culto, mais rígido nos seus momentos, ou mais livre em suas transições, possui uma forma e uma liturgia.

⁶ Como verbo, aparece traduzido como “ministrar”, em At 13.2, Rm 15.27 e Hb. 10.11. Como substantivo, tem três aparições. A primeira, *leitourgia*, aparece traduzido como “ministério, liturgia” por seis vezes, em Lc. 1.23, 2 Co 9.12, Fp 2.17-30, Hb 8.6; 9.21. Também como substantivo, *leitourgos*, aquele que conduz a liturgia, o ministro, por cinco vezes, em Rm 13.6; 15.16. Fp 2.25; Hb 1.7; 8.2. E por fim, o substantivo *leitorgikos*, traduzido como “ordenado para o ministério, apenas uma vez, em Hb 1.14 (BLOCK, 2018, p. 23).

⁷ Para um panorama mais completo sobre a origem e uso histórico do termo, veja COSTA, 2009, p. 288-289.

TEOLOGIA REFORMADA

Embora haja discussão se ser reformado é totalmente equivalente a ser calvinista⁸, sabemos que Teologia Reformada é uma visão teológica alinhada com a teologia calvinista, do reformador de Genebra João Calvino.

Trata-se da teologia oriunda da Reforma (calvinista) em distinção à luterana. O designativo “reformada” é preferível ao “calvinista” – ainda que o empreguemos indistintamente –, considerando o fato de que a teologia reformada não provém estritamente de Calvino (MAIA, 2007, p. 9).

Calvino foi grandemente influenciado por Lutero, Zwinglio e por Martin Bucer no desenvolvimento de sua teologia (JOHNSON, 2014a), que ele apresentou na obra “As Institutas da Religião Cristã”, que adquiriu sua forma definitiva em 1559.⁹

A teologia reformada, embora muito mais ampla, tem sido costumeiramente resumida nos conhecidos cinco pontos da fé reformada (no acróstico TULIP, em inglês): depravação total, graça irresistível, expiação limitada, eleição incondicional, perseverança dos santos.¹⁰

E, claro, como uma teologia surgida dentro do espectro da Reforma Protestante, ela também dá forte ênfase aos cinco solas: *sola Scriptura*, somente a Escritura; *solo Christus*, reafirmando a centralidade de Cristo; *sola fide*, o cristão é salvo somente pela fé; *sola gratia*, essa salvação vem pela graça; e, por fim, *soli deo gloria*, somente a Deus seja a glória.¹¹

Esses cinco solas vão nortear toda a teologia da Reforma, inclusive sua aplicação litúrgica.

⁸ Embora não seja nosso assunto principal, um pouco desse debate pode ser encontrado no artigo “Ser calvinista é o mesmo que ser reformado?”, TCHIVIDJIAN, 2011.

⁹ Essa edição está disponível em português, com base no latim (CALVINO, 2000.).

¹⁰ Para quem busca um aprofundamento nesse assunto, um bom livro introdutório sobre os cinco pontos foi escrito pelo pastor e teólogo John Piper (PIPER, 2018.).

¹¹ Para um panorama sobre a teologia da Reforma Protestante, ver: BARRET, 2017. Para uma aplicação contemporânea dos cinco solas, ver VANHOOZER, 2017.

ADORAÇÃO REFORMADA

O mesmo pode ser dito da chamada adoração reformada, como uma consequência natural, um produto da aplicação da teologia reformada (JOHNSON, 2014b, Prefácio). A adoração reformada deriva de muitos centros e do trabalho de vários líderes, como Zwinglio em Zurique, em um primeiro momento, e Calvino, na segunda fase de desenvolvimento (WHITE, 1989, p 59-65).

Por adoração reformada, nós entendemos a tradição litúrgica que remonta suas origens principalmente no entendimento de Calvino sobre o culto cristão e que rapidamente se espalhou pela Europa (WHITE, 1989, p. 69), passando pelo diretório de culto da Assembleia de Westminster, publicado em 1645 (WHITE, 1989, p. 71), e chegando até as igrejas reformadas de um passado recente (JOHNSON, 2014b, Prefácio).

Justificativa da necessidade deste trabalho

Desde 2008-2009, portanto há mais de 10 anos, começou a se verificar no Brasil e no mundo um despertar e crescimento do interesse pela fé Reformada. Esse interesse foi verificado por líderes cristãos e até mesmo por meios de comunicação de expressão, como a revista *Time*, que em 2009 publicou uma série de artigos intitulada “10 ideias que estão mudando o mundo” e colocou o novo calvinismo como uma delas, dizendo que “o calvinismo está de volta”. (BIEMA, 2009) Essa afirmação é confirmada pelo *The New York Times*, que em 2014 publicou um artigo intitulado “Os evangélicos se encontram no meio de um reavivamento calvinista”, dizendo:

O evangelicalismo está no meio de um avivamento calvinista. Números cada vez maiores de pregadores e professores ensinam as visões do reformador francês do século 16. Mark Driscoll, John Piper e Tim Keller – pregadores de megaigrejas e importantes escritores evangélicos – são todos calvinistas. A frequência em conferências e igrejas de influência calvinista está em alta, especialmente entre os fiéis nas casas dos 20 e 30 anos de idade. (OPPENHEIMER, 2014)

Teólogos, pastores e escritores brasileiros parecem concordar com essas afirmações. Ainda em 2008, Augustus Nicodemus Lopes, um dos maiores expoentes dessa vertente teológica em terras tupiniquins, afirmou:

O crescimento do interesse pela fé reformada em todo o mundo é um fato que tem sido notado aqui e ali pelos estudiosos de religião. Crescem em toda a parte a publicação de literatura reformada, o ingresso de estudantes em seminários e instituições reformadas, a realização de eventos, o surgimento de novas igrejas e instituições de ensino reformadas e o número de pessoas que se dizem reformadas. (LOPES, 2008)

Onze anos depois, esse crescimento é facilmente comprovado ao se analisar o contexto evangélico brasileiro, por exemplo, quando se verifica o enorme número de seguidores de referenciais reformados no Brasil em redes sociais e o grande número de acessos a seus vídeos em plataformas como o YouTube¹², a grande quantidade de autores notoriamente reformados no catálogo de lançamentos das editoras¹³, até mesmo com o lançamento de um clube de assinatura de livros reformados¹⁴, a proliferação de encontros e conferências reformadas com presença de grande público¹⁵ e o estabelecimento de seminários e escolas de confissão reformada.

Por isso, tudo o que se refere à fé reformada tem despertado grande interesse nos meios cristãos protestantes no Brasil. Um dos aspectos que têm sido mais debatidos e polemizados é a forma do culto congregacional. Terry Johnson (2014), um dos autores mais influentes quando se fala de liturgia reformada, diz que o neocalvinismo deve levar a sério a Reforma e a discussão litúrgica, olhando para a história do século XVI, se quiser que esse movimento atual perdure (JOHNSON, 2014b, Prefácio).

E nesse debate, entrou novamente em discussão a aplicação do Princípio Regulador do Culto diante dos desafios propostos pelos tempos contemporâneos.

¹² Só como um exemplo, Augustus Nicodemus, um dos nomes mais conhecidos no Brasil de teologia reformada, tinha, no dia 4 jun. 2019, 327 mil seguidores no Instagram e 318 mil inscritos em seu canal no YouTube.

¹³ A saber, as dezenas de títulos publicados de autores estrangeiros, como Timothy Keller, John Piper, John MacArthur, James Smith, D. A. Carson, Jonathan Edwards, John Owen, e de autores nacionais, como Augustus Nicodemus, Hernandes Dias Lopes, Heber Campos, entre outros, pelas maiores editoras evangélicas do Brasil, tais como Thomas Nelson Brasil, Edições Vida Nova, Editora Mundo Cristão, Editora Cultura Cristã, e também com o surgimento de selos editoriais notadamente reformados, como a Editora Monergismo.

¹⁴ É o caso da Box95, que em seu site afirma que trabalha com livros de linha reformada (<https://www.box95.com.br/>) e mais recentemente da Re:view, ligado ao canal do YouTube “Dois Dedos de Teologia”, que em seu site também afirma trabalhar com conteúdo reformado (<https://www.doisdedosdeteologia.com.br/clube>).

¹⁵ A Conferência Consciência Cristã, notoriamente de linha reformada, que em 2019 superou a marca de 100 mil participantes, segundo os organizadores, e que se realiza anualmente na Paraíba, foi chamada pela *Folha de S. Paulo* de “megaevento evangélico”. (ZANINI, 2019)

Esse princípio faz parte da fé reformada e se encontra em documentos, catecismos e credos que regem a fé reformada no que se refere à forma do culto cristão reformado. Ele será chamado, a partir de agora, pela sigla PRC e faz parte da Confissão de Fé de Westminster, que é fruto da teologia puritana e escocesa.¹⁶

Alguns estudiosos definem o PRC apenas como a aplicação dos princípios da Reforma na adoração (WILLIAMSON, 2001, p. 67). Williamson (2001) defende que o PRC nunca foi tão sucintamente definido como no Catecismo de Heidelberg. O catecismo diz na sua pergunta 96: “Que exige Deus no segundo mandamento? Resposta: Que não façamos a imagem de Deus em hipótese alguma, nem O adoremos de nenhum outro modo diferente do que nos ordenou em Sua Palavra”. (O CATECISMO DE HEILDEMBERG, 2016, pergunta 96) Zacarias Ursinus (1954), um dos autores deste catecismo, ao comentar essa pergunta e resposta, diz:

O fim ou propósito deste mandamento é que o verdadeiro Deus [...] seja adorado de forma apropriada [...] que seja agradável a Ele, e não com tal adoração que seja de acordo com a imaginação e disposição do homem [...] (e) que a adoração de Deus, como prescrita, seja preservada pura e livre de corrupção.” (URSINUS, 1954, p. 517) (tradução do autor).

João Calvino já tinha estabelecido essa base ao comentar sobre como deveria ser o culto cristão congregacional. Ele definia culto da seguinte maneira: “O culto espiritual é estabelecido por Deus mesmo” (CALVINO, 2000, II.8.17). Segundo o reverendo, autor e pesquisador especialista na teologia de Calvino Hermisten Maia (2003), de acordo com o reformador:

“A genuína adoração é submissa à autorrevelação de Deus, tanto com respeito à forma quanto com respeito ao espírito. E daí, nos instrui a seu legítimo culto, isto é, ao culto espiritual e estabelecido por ele mesmo. Não podemos separar o Espírito da Palavra. O Espírito honra exclusivamente a sua Palavra, não a nossa.” (COSTA, 2003, p. 78)

Em um breve resumo, essa é a base teológica sobre a qual a fé reformada construirá seu entendimento de como deve ser o culto cristão e o que ficou conhecido como PRC.

¹⁶ Aqui vamos dar apenas uma pequena introdução ao tema, mas no capítulo 2 desta pesquisa trabalharemos a fundo a formulação original e o desenvolvimento e uso histórico deste princípio dentro da fé reformada. Como introdução ao tema, sugiro a leitura do artigo do teólogo John Frame em <<http://frame-poythress.org/the-regulative-principle-scripture-tradition-and-culture/>>, acessado em 3 de junho de 2019.

Aqui vale diferenciar a importância da tradição na teologia reformada e na teologia católica romana, pois esta última considera a tradição com a mesma autoridade das Escrituras.¹⁷ Já na teologia reformada, o princípio *Sola Scriptura* afirma que a autoridade final é a Bíblia, embora a tradição tenha um papel relevante, porém não normativo.

Estrutura do trabalho

A hipótese que sustenta essa pesquisa é que, embora o PRC tenha sido desenvolvido e formulado no século XVII, sua aplicação não pode ser restrita somente a liturgias mais conservadoras e tradicionalistas. Se o PRC for um reflexo do ensino bíblico, ele pode e deve ser aplicável a diferentes estilos litúrgicos que busquem a sua expressão de forma bíblica.

Portanto, no capítulo 1, vamos, primeiramente, fazer um breve resgate do termo **liturgia**, e, a partir daí, olhar para a liturgia cristã como local onde a espiritualidade da Igreja ocorre e local formativo do caráter (amores, hábitos e afetos) cristão. Vamos recuperar o axioma *Lex orandi, lex credendi* e ver a importância de uma teologia bíblica da adoração equilibrada e profunda que compreenda toda a narrativa escriturística na encenação e prática do culto cristão. Ao final do primeiro capítulo, vamos olhar para o entendimento de Lutero sobre o culto cristão, no que se diferenciava do entendimento católico romano medieval e como o culto luterano serviu de base para outros ramos protestantes.

Para esse primeiro capítulo, utilizaremos principalmente a proposta de James K. A. Smith (2018 e 2019), nas duas primeiras obras de sua trilogia sobre Liturgia e Cultura, “Desejando o Reino” e “Imaginando o Reino”, de que a adoração, e não a

¹⁷ A constituição dogmática *Dei Verbum*, do Concílio Vaticano II, no seu artigo 9, do capítulo II, afirma que: “A Sagrada Tradição, portanto, e a Sagrada Escritura relacionam-se e comunicam estreitamente entre si. Com efeito, ambas derivando da mesma fonte divina, fazem como que uma coisa só e tendem ao mesmo fim. A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a Sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos apóstolos, para que, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde acontece que a Igreja não tira a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas só da Sagrada Escritura. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual afeto de piedade”. O texto integral da Constituição Dogmática *Dei Verbum* encontra-se disponível em português em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html Acesso em 4 jun. de 2019.

cosmovisão, é a matriz sobre a qual a visão de mundo cristã nasce e passa a defender uma nova perspectiva fenomenológica para a liturgia cultural, pensando no culto como espaço de formação primária do indivíduo cristão. Vamos analisar isso de forma bem mais profunda, dialogando com outros autores.

No capítulo 2, recuperaremos em termos gerais o entendimento de João Calvino sobre o culto, com base nos *insights* de Martinho Lutero, Farel e Bucer (WHITE, 1989, p. 63), mas construindo sua própria teologia do culto. Todo desenvolvimento litúrgico protestante posterior a Calvino foi influenciado pelo seu pensamento sobre liturgia e o culto cristão (JOHNSON, 2014b, Prefácio).

O entendimento de Calvino sobre o culto cristão teria a maior influência na história da Igreja protestante, principalmente na Inglaterra e em outros países da Europa, e, posteriormente, na América e depois, devido ao esforço missionário dos europeus e norte-americanos, em muitos outros lugares do mundo.

Tendo como base textos originais dos reformados de Genebra e comentários escritos sobre sua teologia do culto, veremos o processo histórico na Assembleia de Westminster, com influência puritana e escocesa, que levou à elaboração formal e documental do PRC e sua posterior aplicação e entendimento em diferentes contextos históricos desde sua formulação original.

Vamos promover um retorno *ad fontes* da formulação da Confissão de Fé de Westminster, da formulação original do PRC e de suas formulações posteriores. Faz-se necessário uma análise do contexto histórico e cultural em que ele se origina, qual era a concepção dos teólogos daquela época, no século XVII, e como se deu seu posterior entendimento em outros contextos geográficos e temporais.

A partir daí algumas perguntas ecoam e são elas que direcionam a caminhada para o capítulo seguinte: Como o PRC dialogou com eventuais novas formas litúrgicas que ele foi obrigado a enfrentar? Como podemos criar essas pontes com estéticas litúrgicas contemporâneas que precisam da orientação e correção que o PRC pode fornecer?

Para responder a essas perguntas, contaremos com a ajuda do teólogo John Frame (1997 e 2006), que em seus dois livros sobre o assunto da liturgia e do PRC,

o primeiro “Em Espírito e em Verdade” e o segundo “Contemporary Worship Music: a biblical defense”, reflete bastante sobre essas questões mencionadas.

Com isso em mente, no capítulo 3, apresentaremos os desafios do cenário pós-moderno do século XXI para a fé e o culto cristãos, e como o PRC, ou a ideia de uma adoração que seja bíblicamente fiel, dentro de uma teologia bíblica da adoração equilibrada e ao mesmo tempo calcada nas tradições, no nosso caso, na tradição reformada fiel ao pensamento de João Calvino sobre o culto, pode ser aplicado a diferentes estilos litúrgicos, como liturgia contemporânea, liturgia combinada e liturgia emergente, que são propostas litúrgias que serão apresentadas no capítulo e que buscam dialogar com a cultura contemporânea.

Nesse diálogo no capítulo final desta pesquisa vamos contar com os pensamentos e escritos do pastor, teólogo e escritor Timothy Keller (2017), que, no livro “Louvor: análise teológica e prática”, propõe o que ele chama de adoração reformada global, como uma forma de manter a tradição mas dialogar com a estética contemporânea.

Os que criticam o PRC dizem que todas as igrejas que o adotam acabam tendo a mesma forma de liturgia esteticamente atrelada ao século XVI, na Europa.¹⁸ Outros advogam que, embora o PRC estabeleça o que é próprio e o que não é próprio de um culto cristão reformado, ele não estabelece ou delimita as formas como isso poderia acontecer.¹⁹

Conclusão

Portanto, este é o caminho que esta pesquisa se propõe a percorrer, já definida sua pertinência e necessidade, na busca em contribuir para um diálogo saudável, embasado e equilibrado para o problema de que, se verdadeiramente o PRC delimita, de acordo com as Escrituras, o que é próprio ou não para um culto

¹⁸ No artigo “O princípio regulador do culto ‘engessa’ a adoração da igreja?”, o autor, Tripp Lee (2013), diz: “Uma crítica ao Princípio Regulador é que ele não permite muita diversidade entre as igrejas. Alguns argumentam que o Princípio Regulador produz somente um tipo de igreja e se aderirmos a ele nossas igrejas parecerão exatamente iguais” (LEE, 2013, p. 43-45).

¹⁹ Michael Horton diz: “Não há nada mais sagrado no estilo de adoração do século 18 do que no estilo do século 20. No entanto, os princípios da adoração nunca mudam, a despeito da mudança das aplicações” (HORTON, 2000, p. 62).

cristão, de acordo com as ordenanças e revelação do próprio Deus, ele deve ser aplicado a todos os estilos estético de culto, assim como o Evangelho pode e deve ser pregado em todos os tempos e culturas e deve responder aos desafios propostos pela pós-modernidade em pleno século XXI.

Nossa esperança é trazer significativas contribuições para que se encontrem caminhos de resgate de um culto cristão pleno de significado, embasado em uma teologia bíblica da adoração saudável, calcado na tradição, mantendo vivo o legado de cristãos fiéis que vieram antes de nós na busca por responder aos anseios da presente geração.

1. *LEX ORANDI, LEX CREDENDI*: A ADORAÇÃO E O CULTO PÚBLICO COMO ORIENTADORES DA VIDA CRISTÃ NUM MUNDO HOSTIL

O culto cristão historicamente sempre foi encarado como grande formador do tipo de vida cristã que se pratica. O modo como adoramos molda o que cremos, daí vem a famosa frase, adotada desde os tempos da Igreja antiga, “*Lex orandi, lex credendi*”, a norma do orar determine a regra do crer.²⁰ A doxologia determina a dogmática (VANHOZER, 2018, p. 124). A adoração coletiva (*lex orandi*) se torna o *locus* privilegiado da espiritualidade da igreja (SILVA, 2014, p. 112).

Essa perspectiva tem sido perdida na contemporaneidade e precisa ser readquirida pela Igreja cristã. O culto cristão precisa ser encarado como o *locus* de “formação de discípulos dedicados que desejem o reino de Deus” (SMITH, 2018, p. 19).

A experiência espiritual cristã encontra ordinariamente na Liturgia a referência, as balizas, a fonte e o cume de sua realização; esta, contudo, não é uma experiência ritualista, mas uma celebração prenhe do mistério – o próprio Deus. (SILVA, 2014, p. 111)

James K. A. Smith (2018 e 2019), cuja obra sobre Liturgias Culturais em três volumes²¹ servirá, em grande parte, como referencial teórico deste trabalho, desenvolve com base no axioma a ideia de que “oramos *antes* de crer, adoramos *antes* de conhecer – ou melhor, adoramos *para* conhecer” (SMITH, 2018, p. 33).

E ainda mais do que isso, é a adoração congregacional litúrgica da igreja que nos prepara como enviados para o mundo, em missão. Por isso, o encerramento da liturgia do culto vem com uma responsabilidade (SMITH, 2019, p. 22).

A exemplo de todos os encontros proféticos com o Deus vivo, esse encontro com o Deus triúno nos envia com uma missão e uma incumbência: ‘Vão e façam’ no poder do Espírito, como testemunho do Cristo ressurreto, convidando os vizinhos para que se tornem cidadãos do reino vindouro. (SMITH, 2019, p. 22)

²⁰ Para um estudo mais profundo sobre a origem do axioma, consultar TABORDA, 2003, p. 71-86.

²¹ James K. A. Smith desenvolve sua teologia filosófica da cultura na trilogia “Desejando o Reino” e “Imaginando o Reino”, já publicados em português pelas Edições Vida Nova e Awaiting for the Kingdom, publicado pela Baker Academic e aguardando a publicação em português.

E ele completa de forma sucinta e profunda: “O que acabamos de fazer no culto é tanto uma repetição da história do mundo todo quanto uma encenação do reino futuro” (SMITH, 2019, p. 22). N. T. Wright concorda com essa perspectiva, tanto do resgate da história da redenção quanto de uma narrativa escatológica.

Quando, portanto, nós adoramos ao Deus vivo, usando para este propósito a grande história das Escrituras, nós estamos celebrando por antecipação, e também materialmente contribuindo para o novo céu e nova terra finais. (WRIGHT, 2017, tradução do autor)

A adoração cristã proclama, encena e canta a história de Deus (WEBBER, 2008, Introdução). Michael Horton (2007) nos diz que “Calvino chamou o culto (...) de ‘maravilhoso teatro’ no qual Deus desce para atuar diante de um mundo espectador” (HORTON, 2007, p. 17).

Longe de ser um espaço para recarregar as baterias²², como muitos cristãos têm pensado sobre o culto ao longo das últimas décadas, ou um momento escapista, quando abandonamos a realidade para viver num mundo utópico, o culto cristão é onde aprendemos e modelamos nossos desejos, valores e intelecto para vivermos em missão no mundo, como cidadãos do Reino de Deus (HORTON, 2007, p. 17). Expressar a fé na liturgia é crucial para que a fé seja interiorizada e resulte em ações concretas (TABORDA, 2003, p. 81).

Smith (2018) defende o homem como animal litúrgico (*homo liturgicus*)²³, ou seja, um ser que é fundamentalmente formado por suas práticas de adoração e que não pode *não* adorar. Seu raciocínio se desenvolve ao afirmar que são essas liturgias,

²² Ao comentar esse pensamento sobre o propósito do culto, Smith (2018) diz: “Talvez tenhamos elaborado uma adoração que se comporta como um evento de reabastecimento – uma chance, sobretudo, de obter aquilo de que ‘preciso’ para me sustentar durante a semana. (...) A consequência disso é que a adoração diz respeito mais a *mim* do que a Deus, mais à realização individual do que à constituição de um povo” (SMITH, 2018, p. 156).

²³ “Somos o que amamos, e nosso amor é moldado, aperfeiçoado e guiado por práticas litúrgicas que tomam posse das nossas entranhas e direcionam nosso coração para certos fins. Portanto, não somos essencialmente *homo rationale* ou *homo faber* ou *homo economicus*; não somos nem mesmo, de modo geral, *homo religiosus*. Somos, mais concretamente, *homo liturgicus*. Nós, seres humanos, somos animais religiosos, não porque sejamos sobretudo animais que creem, mas porque somos animais litúrgicos – criaturas encarnadas, praticantes, cujo amor/desejo está voltado para algo supremo” (SMITH, 2018, p. 40.).

sejam elas cristãs ou seculares, que formam nossos amores.²⁴ E somos, antes de seres que conhecem, seres que amam.

(...) as liturgias – “sagradas” ou “seculares” – modelam e constituem nossa identidade, dando forma aos nossos desejos mais fundamentais e à nossa disposição mais elementar para com o mundo. Em suma, as liturgias fazem de nós um certo tipo de pessoa, e o que nos define é aquilo que *amamos*. (...) Elas nos preparam para encarar o mundo de uma certa maneira, para valorizarmos certas coisas, para buscarmos determinados objetivos e sonhos, para trabalharmos juntos em certos projetos. Em suma, toda liturgia constitui uma pedagogia que nos ensina, por meio de todas as formas precognitivas, a sermos um certo tipo de pessoa. (SMITH, 2018, p. 25)

Somente a liturgia cristã tem o poder de quebrar o poder formativo das liturgias seculares (SMITH, 2018, p. 90). A liturgia cristã corretamente aplicada e vivenciada nos torna à imagem do Criador. As liturgias seculares distorcem a imagem do Criador e nos levam, em última instância, à idolatria.

É na prática litúrgica que nossa imaginação e amores são formados e capturados. O conhecimento compartilhado na adoração coletiva é apreendido pela prática; portanto, existe uma unidade inequívoca entre prática (doxologia) e conhecimento (dogmática) (MURPHY, 2006, p. 104).

Tanto Smith (2018 e 2019) quanto Murphy (2006) defendem que o conhecimento compartilhado na adoração coletiva da igreja não é meramente cognitivo, mas encenado corporalmente e, portanto, material.²⁵ Logo, reafirmamos a dimensão lúdica da liturgia, que, por meio da arte, dos ritos, reativa um coração de criança em relacionamento com o pai nos fiéis redimidos (COSTA, 2016, p. 80).

O cristão, criado à imagem do Criador, pelo poder do Espírito, tendo aprendido como deve agir na liturgia da adoração, no encontro com Deus vive em missão em um mundo quebrado e mergulhado no pecado.

²⁴ Para um melhor entendimento de como liturgias seculares se desenvolvem na contemporaneidade, é crucial a análise do exemplo que o autor dá sobre o *shopping center* como local litúrgico (SMITH, 2018, p. 19-21).

²⁵ O desenvolvimento do Cristianismo no Ocidente foi amplamente influenciado por ideias platônicas, tendo em Agostinho o maior representante do neoplatonismo cristão. Essa perspectiva filosófica se alojou profundamente no coração da cristandade ocidental, até mesmo no ensino dos reformadores, e por isso a ênfase maior é sempre no conhecimento cognitivo, na mente, pois a dimensão corpórea é encarada como inferior. É o que o padre Valeriano Costa (1998) chama de dualismo axiológico grego (COSTA, 1998, p. 19). Indico a leitura de RUSHDOONY, 2019. Além dessa questão do neoplatonismo, o padre Valeriano ainda aponta o desafio metodológico moderno, que separa corpo e espírito como duas realidades subsistentes em si mesmas (COSTA, 1998, p. 19).

É justamente nessa intersecção entre o mundo vindouro do Reino de Deus já vivido, desejado e imaginado na liturgia cristã e o mundo quebrado e destruído pelo pecado da realidade que se encontra o grande embate do cristão com a cultura que o cerca. Esse debate entre “a Igreja e o mundo” ou “Cristo e cultura” é o debate que nunca cessou na Igreja, só foi passado de geração em geração (PLATINGA JR; ROZEBOOM, 2003, p. 4).

Marva Dawn (1995) diz corretamente que

crentes em Jesus Cristo são chamados para viver *no* mundo. Nós não fugimos dele para evitar contaminações e problemas, mas de *dentro* nós buscamos entender para que possamos ministrar às necessidades encontradas no mundo. Simultaneamente, nós lutamos para não ser *do* mundo; nós rejeitamos seus valores e permanecemos *fora* de suas tentações e idolatrias. Para manter essa tensão dialética de estar *no* mas não ser *do*, a adoração da igreja deve ser “ao contrário”, “invertida” (ao menos aos olhos do mundo) – virando de cabeça pra baixo as perspectivas da cultura (pensando a partir da revelação de Deus, e não do conhecimento humano), ensinando um conjunto de valores oposto ao existente (amando a Deus acima de amar a si mesmo), capacitando os crentes a fazer diferença autêntica no mundo. (DAWN, 1995, p. 17, tradução do autor)

A autora continua observando que essa adoração da Igreja, se for fiel às Escrituras, em algum momento, eventualmente, será subversiva à cultura dominante.

No definir o que é a adoração congregacional em ação no mundo se encontra um grande dilema, como veremos no desenvolver deste trabalho.

D. A. Carson (2017) nos lembra que é bastante assustador definir uma teologia da adoração e do culto sem que haja mínima concordância sobre como definir essa adoração (CARSON, 2017, p. 14). Portanto, vamos primeiro analisar um pouco a teologia bíblica da adoração envolvida na definição da teologia do culto e, depois, vamos ver como a cultura molda ou distorce esse entendimento.

1.1. O dilema de Caim e Abel: qual é a forma legítima de cultuar?

Desde a história dos dois irmãos que vieram cultuar a Deus, narrada em Gênesis 4, nós descobrimos que existe uma forma legítima e aceitável a Deus, prescrita pelo próprio Deus, e outra forma ilegítima e inaceitável, autodeterminada (HORTON, 2007, p. 17). E todos concordamos que a resposta se encontra na

revelação do próprio Deus no texto sagrado. A grande questão na narrativa de Caim e Abel parece ser que o ponto central não era *o que* foi ofertado, mas *como* foi ofertado e que o texto de Hebreus 11.4 parece confirmar ao dizer que Abel ofereceu sacrifícios pela fé (SPROUL, 2013, p. 28).

A forma importa muito. A adoração é uma questão de atitude do coração, mas também de forma. O adorador pode ser sincero em sua intenção, mas oferecer a Deus adoração de um jeito não autorizado, como Caim, ou como os profetas de Baal no monte Carmelo (JOHNSON, 2014a, capítulo 1).

Tendo por certo que o próprio Deus quer que a adoração a Ele tenha uma forma, a grande questão é se ela é bíblica no seu conteúdo e se aponta para a verdadeira adoração em espírito e em verdade, apresentada por Jesus no evangelho de João capítulo 4 (SPROUL, 2013, p. 21). “Nossa teologia da adoração molda o culto público.” (KELLER, 2014, p. 355)

Como o axioma mencionado no início deste capítulo, é a adoração coletiva da igreja que molda e aperfeiçoa nossa teologia, mas claro que a teologia também aperfeiçoa nossa adoração coletiva (VANHOOPER, 2018, p. 126). Se sua ideia de quem Deus é, de salvação e da obra de Cristo é vaga ou remota, então sua ideia de adoração só poderá ser imprecisa (WRIGHT, 1997, p. 10).

A liturgia cristã celebra, *per ritus et preces*, a fé contida na divina revelação, cujo conteúdo se traduziu em dogmas. Como dizia Romano Guardini, “a liturgia não é senão a verdade rezada” ou como diz Pere Tena, “o culto cristão é, sobretudo, uma profissão de fé”. Tal profissão tem como centro o mistério pascal, cujo núcleo é a afirmação de que Jesus de Nazaré é o Cristo prometido na primeira aliança testamentária e mostrado na segunda. (COSTA, 2016, p. 72)

Portanto, grande parte do problema está em como cada tradição baseia-se no texto bíblico para definir a sua visão da adoração que é fiel ao texto bíblico. Muitos podem incorrer no erro de achar que só existe um tipo de culto aceitável com base na revelação bíblica.

Block (2018) diz que “mesmo quando concordamos que somente a Escritura deve ser a última autoridade no que diz respeito ao culto cristão, permanecemos divididos com relação a quais textos bíblicos são determinantes para o culto” (BLOCK, 2018, p. 3).

Podemos nos perguntar: devemos nos basear somente no Novo Testamento, que parece trazer poucas informações assertivas sobre como desenvolver na prática uma liturgia que agrade a Deus e que reflita valores cristãos²⁶, ou devemos também nos apegar ao Antigo Testamento, que traz rituais e cerimoniais detalhados de culto, só que ligados a todo o espectro cerimonial, litúrgico da adoração do povo hebreu?²⁷

Essa é uma abordagem complexa, uma vez que o Novo Testamento “simplesmente não nos apresenta detalhes suficientes para moldar um culto completo quando nos reunimos para adoração” (KELLER, 2017, p. 208), embora seja possível falar de indicações da existência de uma estrutura semanal do tempo de adoração comunitária (WHITE, 1997, p. 13).

Sproul (2013) diz que nós não devemos ir ao Antigo Testamento para descobrir qual é o formato correto de adoração e impor isso sobre a comunidade neotestamentária (SPROUL, 2013, p. 15), haja vista a ressignificação promovida pela encarnação, morte e ressurreição do próprio Filho de Deus, Jesus Cristo.

No entanto, isso não significa que não exista continuidade entre os dois testamentos. Block (2018) assevera que

desconsiderar Deuterônimo e o restante da revelação constitucional encontrada em Êxodo-Números como sendo irrelevante para o estabelecimento da teologia e prática do culto é violar a própria declaração de Paulo em 2 Tm 3.16-17. (BLOCK, 2018, p. 6)

Sproul (2013) concorda ao afirmar que, se houve um tempo em que Deus revelou detalhadamente como queria ser adorado, por que não estudarmos esses princípios? (SPROUL, 2013, p. 18) Claro que temos descontinuidades entre a forma de adoração veterotestamentária e a forma de adoração neotestamentária, mas tanto o Pentateuco quanto os profetas trazem “princípios relativos à adoração a Deus que certamente se aplicam ao povo de Deus de todas as épocas” (LOPES, 2012, p. 7).

²⁶ D. A. Carson (2017), ao comentar os elementos que o NT menciona como pertencentes ao culto cristão, tais como louvor coletivo, leitura das Escrituras, oração, entre outros, afirma que “não há um mandato ou um modelo explícito de uma ordem ou arranjo particular desses elementos.” (CARSON *in* ASHTON *et al*, 2017, p. 48-49)

²⁷ BLOCK (2018) desenvolve bem esse cenário de como autores, pregadores e pastores têm respondido a esse questionamento, debatendo-se no tema de continuidade e descontinuidade entre ambos os testamentos aplicado ao tema específico da adoração congregacional. *Idem*, p. 4-7.

Uma teologia bíblica da adoração que pretende ser saudável não pode ignorar princípios, padrões de adoração que foram revelados ao povo de Deus ainda no deserto e permearam a vida cúlrica de Israel por todo o Antigo Testamento.²⁸

N. T. Wright (2017), grande estudioso do Novo Testamento, assevera que a moldura é essencial se você quer entender o todo da narrativa bíblica, por isso precisamos do panorama de toda a Bíblia (do Gênesis ao Apocalipse, da criação do jardim com humanos que carregavam a imagem de Deus e construíram comunidades para a cidade com um jardim até humanos como sacerdotes reais) para entender o que se passa em cada momento no meio da narrativa. (WRIGHT, 2017)

Carson (2017) nos lembra de que, no próprio transcorrer da história narrada no primeiro Testamento, vemos diferenças significativas na forma de adoração dos patriarcas, do povo de Israel após o Sinai, com a construção da tenda móvel, e finalmente com a construção do templo por Salomão, num movimento cada vez mais centralizador no que diz respeito ao local de adoração (CARSON, 2017, p. 34).

Horton (2007) questiona:

Sabemos que Deus ordenou cada detalhe do culto no Antigo Testamento, mas não teria sido esse um dos aspectos libertadores do Novo Testamento, isto é, que o culto fiel seria questão de coração em vez de forma? (HORTON, 2007, p. 167)

Existem, no entanto, diferenças significativas na forma da adoração cristã neotestamentária com relação à adoração veterotestamentária, conforme nos indica o autor de Hebreus

Vocês não chegaram ao monte que se podia tocar, e que estava em chamas, nem às trevas, à escuridão e à tempestade, ao soar da trombeta e ao som de palavras tais, que os ouvintes rogaram que nada mais lhes fosse dito. Mas vocês chegaram ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo. Chegaram aos milhares de milhares de anjos em alegre reunião, à igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus. Vocês chegaram a Deus, juiz de todos os homens, aos espíritos dos justos aperfeiçoados, a Jesus, mediador de uma nova aliança, e ao sangue aspergido, que fala melhor do que o sangue de Abel. (Hebreus 12.18-19, 22-24)

²⁸ Esse tema por si só demanda grande investigação e debate. Em não sendo o objetivo principal deste trabalho, o autor recomenda, a quem se interessar em se aprofundar, a leitura das obras citadas aqui como referência no assunto, principalmente o excelente “Para a glória de Deus: resgatando uma teologia bíblica do culto”, de Daniel Block (BLOCK, 2018).

É necessário dizer que a adoração cúltica aceitável a Deus sempre envolveu amar a Deus de forma verdadeira. Na tentativa de enfatizar as diferenças entre o tipo de adoração a ser oferecida nos dois testamentos, comete-se um erro, ao transparecer que a atitude do coração é importante somente para a adoração neotestamentária (HORTON, 2007, p. 38).

Em vários momentos, os profetas deixaram claro que a forma sem essência torna um culto abominável ao Senhor.

Vocês pensam que podem roubar e matar, cometer adultério e jurar falsamente, queimar incenso a Baal e seguir outros deuses que vocês não conheceram, e depois vir e permanecer perante mim neste templo, que leva o meu nome, e dizer: Estamos seguros!, seguros para continuar com todas essas práticas repugnantes? (Jeremias 7:9, 10)

Para que me oferecem tantos sacrifícios?, pergunta o Senhor. Para mim, chega de holocaustos de carneiros e da gordura de novilhos gordos; não tenho nenhum prazer no sangue de novilhos, de cordeiros e de bodes! Quando vêm à minha presença, quem lhes pediu que pusessem os pés em meus átrios? Parem de trazer ofertas inúteis! O incenso de vocês é repugnante para mim. Luas novas, sábados e reuniões! Não consigo suportar suas assembleias cheias de iniquidade. Suas festas da lua nova e suas festas fixas, eu as odeio. Tornaram-se um fardo para mim; não as suporto mais! Quando vocês estenderem as mãos em oração, esconderei de vocês os meus olhos; mesmo que multipliquem as suas orações, não as escutarei! As suas mãos estão cheias de sangue! Lavem-se! Limpem-se! Removam suas más obras para longe da minha vista! Parem de fazer o mal, aprendam a fazer o bem! Busquem a justiça, acabem com a opressão. Lutem pelos direitos do órfão, defendam a causa da viúva. (Isaías 1.11-17)

Em um nível mais profundo sobre o que torna uma adoração verdadeira, em primeira instância, o que a diferencia de uma adoração falsa é a autenticidade com respeito às intenções do coração.²⁹ Isso é o que Jonathan Edwards vai definir como “afeições religiosas”.³⁰

²⁹ Aprofundei essa abordagem em meu livro “Sem Atalhos: em busca de uma adoração autêntica”, como, por exemplo, neste trecho do capítulo 2 “É tudo aparência – adoração em verdade”: Isso nos mostra que podemos ter um belo discurso piedoso, podemos usar as palavras certas, mas se a nossa prática não estiver de acordo com esse discurso, de nada adianta. Tom Hovestol diz que ‘As pessoas religiosas podem realmente disfarçar a decadência espiritual’. Essa é uma grande armadilha para quem está no caminho de Deus. Todos corremos o risco de cair nela e perdermos a nossa autenticidade. Augustus Nicodemus diz: “Dois aspectos muito ligados ao culto, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, são a pureza e a identidade do povo de Deus. Deus deseja ser cultuado e adorado; porém, segundo as Escrituras, ele deseja ser cultuado e adorado por verdadeiros crentes, por pessoas que de fato sejam seus filhos e filhas e estejam vivendo vidas santas. Esse é um ponto que vemos apresentado e explicitado de muitas maneiras no Antigo Testamento”. (MARINONI, 2017, p. 48)

³⁰ Edwards define “afeições religiosas” como “as atividades mais pungentes e sensatas da inclinação e da vontade da alma. (...) Essa faculdade tem vários nomes. Às vezes é chamada de *inclinação* e,

Ele continua não aceitando um culto que não esteja de acordo com o que ele estabeleceu, que fica apenas com as sobras, que não esteja de acordo com a vontade dele, enfim, um culto em que o coração não esteja presente. (LOPES, 2012, p. 51)

Edwards (2018) afirma que o culto verdadeiro, que ele chama de religião verdadeira, só é aceito por Deus se vier de intensidade de ações e de forma fervorosa. Em contrapartida, a falsa religião, ou a falsa adoração, é manifestada no desinteresse e na falta de vigor (EDWARDS, 2018, p. 23). Sem a dimensão afetiva da adoração, a teologia, por si só, é seca e árida (VANHOZZER, 2018, p. 126).

Tendo estabelecido a primazia da essência sobre a forma, agora devemos estabelecer as bases filosóficas e fenomenológicas para a profunda importância do desenho, da forma dada à liturgia de adoração coletiva.

1.2. Liturgia que olha para o passado – a dimensão histórica do culto

N. T. Wright (2017) afirma que a adoração da Igreja é um sinal e um meio da nova criação. Como um sinal, ela aponta para o futuro, para a redenção final. E ela é um meio pois conta o que Deus fez e revelou no passado, e a comunidade de remidos reunida para contar essa história sobrenaturalmente é formada à imagem dessa nova criação. (WRIGHT, 2017)

É o mesmo que dizem os documentos do Concílio Vaticano II quando afirmam que a Igreja, e por consequência sua liturgia, como espelho da natureza da Igreja, deve ser:

humana e divina, visível, mas dotada de realidades invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação, presente no mundo e contudo peregrina, de tal modo que o humano é orientado e subordinado ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, a realidade presente à cidade para a qual estamos encaminhados. (SACROSSANTUM CONCILIUM, 2001, p. 34)

Esse é o alvo deste trabalho: ir em busca de uma liturgia que traga a riqueza do passado em seus rituais e significados, mas que aponte para o futuro, consciente de comunicar a sua mensagem no tempo presente.

como diz respeito às ações determinadas e governadas por ela, é chamada de *vontade*. A *mente*, com relação ao exercício dessa faculdade, muitas vezes é chamada de *coração*." (EDWARDS, 2018, p. 20)

Quando ignoramos a tradição histórica da Igreja estamos rompendo com os cristãos do passado (KELLER, 2017, p. 188). E ele continua, afirmando que a melhor forma de estabelecer o culto coletivo é quando consultamos a Bíblia, o que já abordamos, o contexto cultural em que estamos inseridos, assunto que vamos abordar no capítulo deste trabalho, e a tradição histórica de nossa Igreja, o que iniciaremos agora e aprofundaremos no capítulo 2, dentro da tradição litúrgica reformada (KELLER, 2017, p. 201).

Aprendemos com o povo de Israel e com a história da revelação desvendada no que chamamos de Antigo Testamento a olhar para o passado e lembrar os feitos poderosos de Deus (por exemplo, no Salmo 78). O calendário litúrgico nos lembra de que somos parte de uma tradição de cristãos que vieram antes de nós e também se dedicaram a pensar em como deveriam adorar a Deus de forma correta (SMITH, 2018, p. 160).

O lembrar bíblico é muito mais do que um exercício intelectual. O trazer à memória bíblico é trazer os eventos salvíficos de Deus para nosso corpo, alma e mente. Deus ama a sua própria história, e, portanto, a adoração bíblica é sempre sobre lembrar os atos de salvação de Deus na história da humanidade (WEBBER, 2008, capítulo 2).

A liturgia olha para o passado por meio da pregação, dos credos, dos cânticos, e na celebração dos memoriais e sacramentos, como a celebração da Páscoa, da ceia e do batismo. Não podemos adorar em um vácuo histórico.

Por isso, somos um povo de memória, moldado por uma tradição viva que data de milênios e que foge da busca pela eterna contemporaneidade³¹. G. K. Chesterton (2008), grande escritor britânico, em sua “Ortodoxia”, diz que

A tradição pode ser definida como uma extensão do direito de voto, pois significa, apenas, que concedemos o voto às mais obscuras de todas as classes, ou seja, a dos nossos antepassados. É a democracia dos mortos. A tradição se recusa a submeter-se à pequena e arrogante oligarquia daqueles que parecem estar por aí meramente de passagem. Todos os democratas

³¹ A necessidade da busca por contextualização será abordada no capítulo 3 deste trabalho, mas aqui se faz necessário o esclarecimento do que queremos dizer com essa eterna busca pela contemporaneidade, que vem a ser uma obsessão que se torna problemática. No mundo pós-moderno, de liquidez, é cada vez mais difícil ser realmente contemporâneo, dada a velocidade das mudanças. A tradição nos livra dessa obsessão.

protestam contra o fato de o nascimento estabelecer diferenças entre os homens, a tradição opõe-se a que tais diferenças sejam estabelecidas por razão de sua morte. (CHESTERTON, 2008, p. 69-70)

Ao rejeitarmos a história, rompemos nossa solidariedade com os cristãos do passado (KELLER, 2017, p. 198). Embora muitas adaptações e inovações tenham sido feitas ao longo da história, ao analisar a história da liturgia cristã percebe-se quão estável e durável ela tem sido (WHITE, 1997, p. 10-11).

Se a Igreja tem um entendimento correto do Evangelho, isso se refletirá no desenho de sua liturgia e, inevitavelmente, mesmo na Igreja contemporânea, essa liturgia refletirá práticas históricas da Igreja (WEBBER, 2008, capítulo 1).

1.3. A liturgia que olha para o futuro – a dimensão escatológica do culto

Marva Dawn (1995) acertadamente afirma que

utilizar novas formas de adoração sem conexão com sua herança passada é se isolar de 3.500 anos de história da tradição judaico-cristã. Por outro lado, sem reforma, a tradição se torna distorcida e morte – ou idolatria. (DAWN, 1995, p. 60) (tradução do autor)

Já falamos sobre a importância de a liturgia espelhar a rica tradição de Israel e da história da Igreja, mas também precisamos falar sobre como ela deve olhar para o futuro.

A natureza escatológica da adoração cristã é bem mais do que pregar sermões ou cantar canções sobre a segunda vinda de Jesus e sobre o céu. Passa pela redenção final da criação e o estabelecimento do Reino de Deus sobre toda a terra, de forma total. A natureza escatológica da adoração cristã tem a ver com a vontade de Deus sendo feita na terra como no céu, como nos ensina o Pai Nosso (WEBBER, 2008, capítulo 3).

Por isso, a comunidade cristã deve ser um tipo de povo que “aponta perpetuamente para o futuro, aguardando a vinda do reino” (SMITH, 2018, p. 161). Essa é a realidade da Igreja primitiva, cheia do poder do Espírito (que, em si, era um sinal dos “últimos dias” e portanto inaugurava uma nova perspectiva escatológica), e

que se reunia para adorar (estudar as Escrituras, orar e cantar louvores), segundo o texto de Atos 2.

Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Todos os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava todos os dias os que iam sendo salvos. (Atos 2.42-47)

O culto da Igreja primitiva tinha um forte tom escatológico. Eles entendiam a adoração da Igreja como uma antecipação e uma declaração do triunfo final de Deus e do propósito de Deus em Cristo.

A adoração da Igreja é a aclamação antecipada de Jesus como *Kyrios* (Senhor) e, portanto, uma ação escatológica que conduz os participantes às cenas finais do drama da redenção (HURTADO, 2011, p. 137).

Vemos a Igreja adoradora reunida diante do trono do Cordeiro em várias cenas do livro da revelação, o Apocalipse, como o poderoso relato do capítulo 5.

Então vi na mão direita daquele que está assentado no trono um livro em forma de rolo escrito de ambos os lados e selado com sete selos. Vi um anjo poderoso, proclamando em alta voz: “Quem é digno de romper os selos e de abrir o livro?” Mas não havia ninguém, nem no céu nem na terra nem debaixo da terra, que podia abrir o livro, ou sequer olhar para ele. Eu chorava muito, porque não se encontrou ninguém que fosse digno de abrir o livro e de olhar para ele. Então um dos anciãos me disse: “Não chore! Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos”. Então vi um Cordeiro, que parecia ter estado morto, de pé, no centro do trono, cercado pelos quatro seres viventes e pelos anciãos. Ele tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra. Ele se aproximou e recebeu o livro da mão direita daquele que estava assentado no trono. Ao recebê-lo, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro. Cada um deles tinha uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos; e eles cantavam um cântico novo: “Tu és digno de receber o livro e de abrir os seus selos, pois foste morto, e com teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, língua, povo e nação. Tu os constituíste reino e sacerdotes para o nosso Deus, e eles reinarão sobre a terra”. Então olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões. Eles rodeavam o trono, bem como os seres viventes e os anciãos, e cantavam em alta voz: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!” Depois ouvi todas as criaturas existentes no céu, na terra, debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles há, que diziam: “Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro sejam o louvor, a honra, a glória e o poder, para todo o sempre!” Os quatro seres viventes disseram: “Amém”, e os anciãos prostraram-se e o adoraram. (Apocalipse 5.1-14)

Quando a Igreja de Cristo se reúne para adorar coletivamente, está conectada com a adoração celestial (OWEN, 1968, p. 77) afirmando a vitória escatológica do Cordeiro na *parousia*, no Dia do Senhor. A destronação, que foi concretizada na cruz e na ressurreição de Cristo, será concretizada no Último Dia, derrotando todos os principados e autoridades do mundo, e o único *Kyrios* será adorado por toda a eternidade (WEBBER, 2008, capítulo 3).

O reconhecimento de que a adoração cristã tem essa dimensão escatológica elevará o rosto dos fiéis na direção da aurora futura da obra redentora e vitoriosa de Cristo. Será a consumação de todas as coisas nele, conforme assevera a proclamação cristã. (HURTADO, 2011, p. 137)

Vivemos entre tempos, entre o “já”, o reino inaugurado de Cristo e todas as suas implicações cosmo, sócio e antropológicas, e o “ainda não”, pois aguardamos a completa redenção de todo o Universo.

Se não mantivermos o equilíbrio desse paradoxo, seremos tentados a cair em extremos, e isso afetará profundamente o nosso culto. Se enfatizarmos o “já”, como numa escatologia super-realizada, vamos adotar um triunfalismo em que nada é deixado para os céus, pois tudo foi alcançado aqui.

Esse tipo de visão escatológica do culto tende a se concentrar no presente. No outro extremo, uma escatologia sub-realizada vai se concentrar no porvir, como se Deus estivesse bem distante. Os cultos que enfatizam esse tipo de pensamento são frios, e a presença de Deus é raramente sentida (HORTON, 2007, p. 149-158).

Reunimo-nos para adorar após a descida do Espírito, entendendo o início dos “últimos dias”, a era do Espírito, mas antes da segunda vinda, apontando para a sua realização.

1.4. Liturgia cristã como modeladora dos desejos e dos hábitos – adoração em drama

Para o cristão atuar no mundo sem ser do mundo, ele precisa ser instruído em como viver as doutrinas cristãs num mundo (sistema de pensamento, liturgias seculares) hostil. E a educação cristã só será plenamente eficaz se formar nossos

hábitos e desejos, se atingir as afeições mais profundas do nosso coração (mente e vontade), para falar numa linguagem edwardiana, como mencionado anteriormente.

E essa formação não acontece com ferramentas intelectuais apenas³², mas está muito mais ligada com a repetição de práticas comunitárias, encarnadas, modeladas pelo Evangelho, e que encontram sua expressão máxima na arquitetura da adoração cristã (SMITH, 2019, p. 35 e 36).

Vamos lembrar aqui o âmago da argumentação: uma vez que somos animais litúrgicos definidos pelo que amamos, e como nossos amores e desejos são preparados e moldados por práticas formativas, disso se segue que um modelo holístico de educação cristã – seja ela na igreja, escola ou universidade – precisa incluir uma *pedagogia do desejo*. (SMITH, 2019, p. 32)

E o alvo dessa prática é formar atores, personagens ativos nesse enredo, e não apenas espectadores. Em última instância, o alvo final da adoração cristã é enviar os cristãos adoradores para agirem no mundo. Essa ação deve ser dirigida por hábitos e desejos modelados pela mensagem de redenção apresentada em toda a Escritura e de forma mais clara e plena nos Evangelhos.

Vários autores, como Michael Horton (2007), Kevin Vanhoozer (2016, 2017 e 2018), além de James Smith (2018 e 2019), amplamente citado neste trabalho como referencial teórico, adotam a linguagem do teatro para abordar a maneira como o culto cristão deve ser encarado: como uma grande encenação da história de como Deus salvou e redimiu a humanidade.

Nesse grande “teatro de celebração” (a comunidade dos redimidos), o desenho da liturgia deve refletir o enredo maior de redenção, onde os atores (os redimidos em si) são envolvidos no drama da redenção (VANHOOZER, 2016, p. 424). O drama divino convida a audiência a um papel ativo na encenação.

Quando proclamamos o enredo bíblico, de Gênesis a Apocalipse, a unidade emerge não somente de suas páginas nem apenas dentro da comunidade de Cristo, mas nós também, individualmente, somos a ela incorporados. (...) Esse particular e concreto drama de Deus e de Israel torna-se a nossa história, nosso enredo. Começamos a conhecer a nós mesmos à medida que entendemos nosso papel nesse drama. (HORTON, 2007, p. 63)

³² Não existe qualquer intenção em negar o papel crucial da instrução intelectual, mas em salientar que essa instrução doutrinária intelectual é orientada por desejos e hábitos que são adquiridos anteriormente, por práticas litúrgicas, seja essa prática cristã ou secular.

Desde o Iluminismo, em meio à narrativa do racionalismo, da ciência como única verdade (modernidade) e das muitas narrativas recortadas da pós-modernidade, a Igreja muitas vezes esquece a própria história, que é a história do Deus Criador que enviou seu Filho para resgatar o Seu povo do pecado e irá redimir todas as coisas plenamente. Parte da missão da Igreja nos dias de hoje é contar a história, de forma apologética, do Deus de Israel, encarnado em Jesus, que veio salvar a humanidade (BARTHOLOMEW; GOHEEN, 2004, Prólogo).

Ao encararmos a liturgia cristã, o culto da Igreja como a encenação de celebração da comunidade de redimidos reunida para celebrar ao Deus resgatador e digno de louvor, revelada na história do Éden, nos patriarcas, no deserto, no tempo dos juízes, profetas, no exílio até chegar no ápice do Deus encarnado, Jesus Cristo de Nazaré, e como uma antecipação da plena redenção aguardada de toda a criação na Nova Jerusalém, a adoração pública coletiva é revestida de nuances, cores e sentidos pouco experimentados.

Portanto, somos convidados à vida do Deus triúno ao sermos convidados a participarmos de rituais e práticas concretos que são “habitações do Espírito”. Assim como o Filho é encarnado – o Verbo feito carne se encontra conosco, que somos carne – assim também o Espírito se encontra conosco em práticas tangíveis e encarnadas que funcionam como instrumentos do poder transformador do Espírito. (SMITH, 2019, p. 35-36)

A liturgia adequada nos captura para o enredo divino ao se utilizar de recursos cinestésicos e de uma linguagem poética, que, combinados, capturam nossa imaginação de forma poderosa (SMITH, 2019, p. 38 e 39).

Esta é a especificidade e a riqueza da celebração cristã: algo de “extraordinário” que remete à história divino-humana da Salvação. Por meio de símbolos, gestos e ritos, a celebração cristã é a expressão simbólica da presença de Deus na história humana, dando-lhe um sentido. É também um convite para a comunhão com esse mesmo Deus e com as demais pessoas reunidas, que assim realizam a Igreja, prolongamento histórico de Deus no mundo. (SILVA, 2017, p. 166)

Quando nos damos conta da profundidade e das muitas camadas no propósito da liturgia pública coletiva na formação da comunidade de redimidos que anseiam pelo Reino, estamos cômnicos da enorme responsabilidade de desenhar, na prática, como essa liturgia se desenrolará.

1.5. A arquitetura da liturgia

Não existe estilo neutro. Todo estilo arquitetônico comunica algo. Ao longo da história, quem esteve na liderança da Igreja se preocupou com como a arquitetura iria comunicar a mensagem do Evangelho (BOGAZ; HANSEN, 2015, p. 19). Ou pelo menos o Evangelho, ou mensagem que se queria comunicar.³³ E é óbvio que se preocuparam com o desenho arquitetônico da liturgia para que ela comunicasse a narrativa do Evangelho.

Os arquitetos também reconhecem que diferentes projetos arquitetônicos dão diferentes funções para seus edifícios (OLD, 2012, capítulo 4). Os católicos construíram igrejas que comunicavam sua visão hierárquica da liturgia. Os protestantes, por sua vez, deram, por meio do estilo arquitetônico, prioridade à leitura das Escrituras e à pregação (OLD, 2012, capítulo 4).

É o desenho da narrativa de Deus, contada nas Escrituras, que dá forma (ou deveria) à liturgia. Análogo à arquitetura do prédio da igreja, a *ordem* de cada coisa na liturgia reforça ou ilustra um entendimento do Evangelho.

White (1989) e Chapell (2009) desenvolvem com muitos detalhes como a liturgia foi desenhada com cuidado, em cada tradição, desde a Igreja Católica Romana, na era medieval, passando pelos reformadores, e como eles quiseram que suas liturgias reforçassem seus ensinamentos escritos e orais.

No segundo capítulo deste trabalho, veremos com mais profundidade o desenho dado por João Calvino para a liturgia reformada, que, sem dúvida, foi a liturgia que mais influenciou o mundo cristão protestante e que até hoje gera intensos debates, como já foi mencionado.

Retomando a teologia cultural da liturgia de Smith (2018 e 2019), ele concorda com Horton (2007) e reforça dizendo que não existem práticas e hábitos neutros

³³ Chapell (2009) diz: “Quando Lutero teve a oportunidade de desenhar uma igreja que refletisse as novas perspectivas da Reforma, ele se certificou de que as estruturas básicas da igreja iriam reforçar a história do Evangelho que ele gostaria de contar. Nenhuma mudança estrutural teria sido mais óbvia para adoradores do século dezesseis do que o local onde o púlpito era colocado. Em contraste deliberado com a prática da Igreja Católica Romana de colocar o púlpito à frente da congregação, Lutero arranhou para que o pastor pregasse entre as pessoas.” (CHAPELL, 2009, capítulo 3) (tradução do autor)

(SMITH, 2018, p. 84) e que o desenho da liturgia cristã (assim como a arquitetura do prédio) deve ser intencional, para ser formativa e pedagógica, para orientar os nossos amores. Para ele, fica claro que a liturgia e a adoração dizem respeito ao amor último por Deus.

Nosso amor tem sempre como objetivo primordial um *telos*, uma imagem da boa vida que nos impele na sua direção, modelando, desse modo, nossas ações e comportamento. Essa orientação é algo que precede o pensamento, portanto, ela é pré-cognitiva. Ela opera principalmente no nível do inconsciente adaptativo ou do “imaginário social”. (SMITH, 2018, p. 80)

Ele desenvolve um importante exemplo de como um *shopping center* pode ser entendido e interpretado como um local litúrgico, de formação de amores e de ideais de boa vida (SMITH, 2018, p. 19-23).

E, claro, até mesmo a arquitetura do *shopping* é pensada para incentivar a prática dos “rituais” que ali acontecem e para colaborar com a mensagem, o *telos* que está sendo vendido. É o caso das portas que facilitam a entrada, os corredores largos, os vidros destacando o céu e o efeito de iluminação, que traz a impressão de que sempre é dia. Tudo feito com a intenção de capturar a imaginação do fiel (consumidor) para que ele, com base nos ideais de boa vida (marcas e produtos que significam *status*), expresse o seu amor em rituais e práticas (compras).

E isso poderia ser feito com um estádio de futebol, por exemplo, para analisar como todo o desenho arquitetônico das arquibancadas também colabora com a formação de “fiéis” (torcedores), que buscarão um ideal de boa vida (a vitória do seu time), por meio de rituais e práticas que envolvem todo o corpo e capturam a imaginação e o coração.

Contudo, também é preciso reconhecer que as liturgias *seculares* trabalham desse modo: elas também, arrolam nossos impulsos e desejos inconscientes com histórias corporificadas que abastecem nossa imaginação e, desse modo, governam em última análise nossas ações. (SMITH, 2019, p. 36)

Uma liturgia profunda e assertiva requer intencionalidade, arte na arte de combinar elementos e um correto entendimento sobre o porquê de fazermos o que fazemos, ou seja, por que cada elemento faz parte (ou não) da liturgia cristã para que sejamos efetivos na captura da imaginação e do coração das pessoas.

Sendo assim, é necessário olhar e estudar como a Igreja modelou a liturgia ao longo de sua caminhada, em diferentes tradições da Igreja cristã, para entendermos qual é a história contada.³⁴ “A tradição é valiosa porque nos vincula aos santos e à Igreja do passado, apoiando-nos na sabedoria testada e aprovada das gerações.” (KELLER, 2014, p. 355)

1.6. A liturgia no entendimento dos reformadores – um panorama do pensamento litúrgico que orientou Lutero e demais reformadores

A história do desenvolvimento das liturgias em diversas vertentes protestantes, a partir da liturgia católica romana da idade medieval anterior ao Concílio de Trento, é um estudo complexo, porém muito rico para o entendimento mais profundo da história da Igreja.

Foram várias contribuições de diversos reformadores vindos de diversas partes da Europa. Após Lutero, começando com Zwinglio, Bucer, continuando com Calvino, alcançando a Inglaterra, posteriormente (CLARK, 2008, capítulo 7). Calvino, então, foi a maior fonte de inspiração para outras tradições litúrgicas, principalmente na Inglaterra (até o avivamento liderado por Wesley no movimento metodista que rompeu fortemente com a liturgia reformada³⁵).

Dentro das chamadas tradições litúrgicas, a ênfase sempre foi na dimensão corpórea e nos sacramentos. Temos subdivisões, como elevada (ou alta), da qual

³⁴ Neste trabalho, como já dito, vamos abordar com maior profundidade a arquitetura da liturgia reformada, mas mencionando outras tradições e como elas dialogaram na construção da história da liturgia. Ressalto mais uma vez os trabalhos de James White (1989) e Bryan Chapell (2009) numa análise profunda das diversas tradições litúrgicas e como elas se desenvolveram, bebendo umas das outras.

³⁵ O avivamento iniciado no movimento metodista teve grandes implicações na concepção litúrgica na Inglaterra mas principalmente nos Estados Unidos da América, mais acuradamente, no Segundo Grande Despertamento, por meio da influência do pensamento de John Wesley sobre Charles Finney. Wesley era ministro anglicano e, como tal, já não se utilizava da liturgia reformada, característica das igrejas independentes. Como ministro anglicano, procurou uma reforma da liturgia anglicana. A ênfase de Wesley era no sermão com forte apelo emocional, apelos para conversão ao final do sermão e forte ênfase arminiana, que, como tal, divergia da questão soteriológica calvinista (MATOS, 2006, p. 23-50). Tanto John quanto seu irmão Charles foram grandes entusiastas do uso de hinos no culto cristão, sendo Charles compositor de mais de 6 mil hinos, em contraposição à posição calvinista do uso da salmodia exclusiva. Estudos mais aprofundados sobre a vida de Charles Wesley podem ser encontrados em JONES, 1919, p. 262-284, e CLARKE, 2008. Para um aprofundamento na teologia concernente ao culto cristão de John Wesley, recomendamos JOHNSON, 2016.

fazem parte a liturgia anglicana, moderada, luterana e episcopal, e baixa, metodista. Depois, temos as chamadas liturgias tradicionais, que colocam a ênfase no sermão, entre elas as chamadas “Igrejas Livres” puritanas/reformadas (que analisaremos detalhadamente no capítulo 2), que se desenvolveram com base no pensamento de João Calvino, e as independentes (são muitas e variadas entre si). Com a vertente avivalista, nos séculos XVIII e XIX, os batistas e metodistas (KELLER, 2014, p. 354).

No capítulo 3, analisaremos as liturgias contemporâneas e as suas características. Por ora, como dissemos, vamos destacar algumas características principais do pensamento litúrgico de Lutero. A partir de Lutero todos os demais reformadores desenvolveram seu pensamento sobre liturgia, inclusive Calvino (CHAPELL, 2009, capítulo 4), que será assunto de nossa análise no próximo capítulo.

Neste momento, vamos traçar aspectos comuns entre essas diversas tradições protestantes mencionadas. É com base na liturgia católica romana, com sua divisão entre dois movimentos principais relacionados à Palavra e aos sacramentos, que estabeleceremos o fundamento para analisar as demais liturgias protestantes.

Os reformadores protestantes queriam que suas liturgias fossem uma expressão adequada da sua teologia, com ênfase especial na Palavra de Deus (JOHNSON, 2014b, Capítulo 3). Baniram o formalismo, tão característico da missa católica medieval, e promoveram um retorno à simplicidade, evocando a tradição patrística (LESSA, 2017, capítulo 52).

1.6.1. Um retorno à adoração da Igreja primitiva e dos pais da Igreja e a aplicação dos cinco *So/as* à formulação litúrgica dos reformadores

De forma geral, os reformadores não pretendiam criar algo novo, mas um retorno ao cristianismo defendido pela Igreja primitiva e pelos patriarcas (OLD, 1992, p.14; CLARK, 2008, capítulo 7). Para isso, aboliram várias práticas litúrgicas católicas romanas, como o culto dos santos, a venda de indulgências, o culto aos anjos, relíquias, procissões e alusões ao purgatório. Rejeitaram cinco dos sete sacramentos, conservando apenas o batismo e a eucaristia (LESSA, 2017, capítulo 52).

O que os apologistas católicos romanos chamaram de “inovações de Estrasburgo”, Martin Bucer chamou de “retorno ao que é certo, antigo e eterno” (HYDE, 2009, p. 190).

Alguns exemplos práticos (JOHNSON, 2014b, capítulo 2):

- A prática protestante de pregação expositiva sequencial em livros inteiros da Bíblia, que foi adotada após os reformadores descobrirem que a Igreja primitiva adotava esse procedimento chamado de *lectio continua*, pegando emprestado da liturgia da sinagoga. Essa prática foi encontrada também em Orígenes, Agostinho, Crisóstomo, Jerônimo, entre outros.

- Eles encontraram uma variedade de orações feitas e praticadas pela Igreja primitiva, tais como invocação e confissão de pecados, iluminação e bênção.

- Eles encontraram evidências da prática da Igreja primitiva de cantar salmos e hinos cristocêntricos. Os pais da Igreja também defenderam o canto de salmos, como Eusébio, Atanásio, Agostinho, Jerônimo, Ambrósio, entre outros.

- Tanto a Igreja primitiva como os pais da Igreja praticavam os chamados “sacramentos”, termo que foi usado pela primeira vez por Tertuliano.

Os cinco *Solas*, princípios teológicos norteadores e unificadores da Reforma Protestante (que foi um movimento bastante diverso internamente), também se fazem presentes quando se fala em moldar e desenhar as liturgias e desenho de culto protestante (JOHNSON, 2014b, capítulo 3).

Resumidamente, com o *sola Scriptura* os reformadores estabeleceram que as Escrituras devem ser a única autoridade para estabelecer o que deve fazer parte de um culto e mais do que isso: a Palavra de Deus deve ser o maior conteúdo do culto cristão. Com esse princípio, na prática, a liturgia foi reduzida.

Com o *solus Christus*, os reformadores estabeleceram que todo culto cristão deve ser cristocêntrico.³⁶ E, com isso, houve uma reforma da eucaristia. Mesmo com diferenças profundas em seus pensamentos sobre o sacramento da ceia, os

³⁶ Por isso Bryan Chapell (2009) intitula seu livro, já mencionado nesta pesquisa, como o Culto Cristocêntrico, por entender que essa é a principal ênfase e distinção do culto reformado como um todo.

reformadores entendiam que o sacrifício de Cristo estava terminado e é suficiente; portanto, houve uma mudança total no entendimento da doutrina da transubstanciação católica romana.³⁷

O *sola fide* reformou a forma de adoração, pois o cristão é justificado somente pela fé, e as Escrituras dizem que a fé vem pelo ouvir e o ouvir a Palavra (Rm 10.17). Portanto a Palavra deve ser pregada em língua vernacular, para que o povo possa entendê-la.

O *sola gratia* levou à reforma da vida de oração da Igreja. A oração não era um meio de se atingir a salvação ou perdão em Cristo, mas uma forma de o redimido manter um relacionamento com Deus.

Por último, o *solī Deo gloria* orientou toda a ação litúrgica dos reformados. Todo o culto deve ser para a glória de Deus. Deus é glorificado quando as pessoas adoram de acordo com as Escrituras, por meio de Cristo, quando pessoas são alcançadas pela graça, somente, pela fé, que vem por ouvir a Palavra de Deus.

1.6.2. Um desenho litúrgico comum a cultos de diversas tradições protestantes: o culto moldado pelo Evangelho

Como já mencionamos anteriormente neste capítulo, o culto cristão deve ser definido e desenhado pela narrativa do Evangelho. E essa foi a intenção dos reformadores ao buscarem recuperar o que entendiam e sabiam da adoração da Igreja primitiva e dos pais da Igreja.

³⁷ Não é o objetivo de nosso trabalho nos aprofundarmos nessa questão. Para maior aprofundamento nos diferentes entendimentos de Lutero, Zwinglio e Calvino sobre o tema, indicamos a leitura de fontes primárias, como “Do Cativo Babilônico da Igreja”, de Lutero (LUTERO, 2017, p. 103-164); “Pequeno Tratado da santa ceia de nosso Senhor Jesus Cristo no qual se demonstram sua verdadeira instituição, seu proveito e sua utilidade, com a razão por que vários autores modernos parecem ter escrito diferentemente” (1540), de Calvino (CALVINO, 2017, p. 103-133) e estudos que resumem e comparam o entendimento dos reformadores, como MATHISON, *in* BARRET, 2017, capítulo 18).

A liturgia é um dos mais importantes aspectos de análise da teologia da reforma protestante, uma vez que as maiores conquistas deste período são litúrgicas (CARDOSO, 2017, p. 24).

No entendimento dos reformadores, de forma geral, o culto deveria ter o seguinte desenho: iniciamos com louvores a Deus, que nos levam ao entendimento de nossa condição pecaminosa e, portanto, à confissão de pecados. Após a confissão, celebramos o perdão garantido por meio de Cristo, que nos leva a ações de graças. Os sacramentos (pregação, eucaristia) nos capacitam a receber da vida de Cristo, e terminamos com a bênção final (JOHNSON, 2014b, capítulo 7).

Johnson (2014b) nos apresenta o desenho do que comumente descreve como um culto protestante, seja na visão luterana, no entendimento calvinista (e suas derivações holandesas e alemãs), ou no entendimento da Igreja inglesa reformada, com Cranmer ou com John Knox, na Escócia.

Oração silenciosa

Meditação privada e leitura das escrituras

Avisos/Anúncios

CICLO DE LOUVOR

Chamada à adoração

Invocação

Salmo/Hino de Louvor

Confissão de Fé

Gloria Patri / Doxologia

CICLO DE CONFISSÃO

Leitura da lei de Deus

Confissão de pecados

Garantia do perdão

Salmo/Hino de Ações de Graças

CICLO DO EMPREGO DOS MEIOS DE GRAÇA/SACRAMENTOS

Oração de iluminação

Leitura das Escrituras

Sermão

Oração de Intercessão

Sacramentos

CICLO DE AÇÕES DE GRAÇAS E BÊNÇÃO FINAL

Hino/Salmo de conclusão

Bênção final

1.6.3. O pensamento litúrgico de Lutero

Entre os extremos dos anabatistas e do pensamento de Calvino, no que se referia à obediência estrita à Palavra, a posição de Lutero é encarada como uma posição litúrgica mais ao centro, sendo considerado mais flexível (LESSA, 2017, capítulo 52).

Vamos mencionar o monge alemão, pois foi Lutero que estabeleceu as fundações para toda a adoração protestante com a sua obra de 1520, *O Cativoiro Babilônico da Igreja*, que é um ataque à liturgia medieval católica romana.

Por isso, confessamos em primeiro lugar que nem jamais foi nossa intenção abolir totalmente todo o culto a Deus, mas apenas purificar novamente esse que está em uso, mas que está viciado pelos piores acréscimos, e mostrar o uso evangélico. Pois, não podemos negar que a missa e a comunhão no pão e no vinho é um rito divinamente instituído por Cristo e que foi observado, primeiramente no tempo de Cristo e depois no tempo dos apóstolos, da forma mais simples e evangélica, sem qualquer acréscimo. No entanto, no decorrer do tempo, foi ampliado por tantas invenções humanas que, em nossos dias, além do nome da missa e da comunhão nada restou. (LUTERO, 2000, p. 157)

A teologia do culto de Lutero só pode ser entendida à luz da sua teologia global (SPEHR, 2014, p. 35). Na arquitetura litúrgica de Lutero, as pessoas não são mais somente expectadoras, mas participantes do culto (WHITE, 1989, p. 41).

Lutero não queria que as pessoas entendessem o culto como algo sendo oferecido por um sacerdote em nome deles. O culto de Lutero reforçava a doutrina do “sacerdócio de todos os santos”.³⁸ Portanto, o culto deixa de ser um sacrifício dos homens a Deus e passa a ser encarado como um ato da graça divina em direção ao homem (SPEHR, 2014, p. 40).

A música teve papel fundamental e deixou de ser exclusividade de profissionais, sendo compostos dezenas de hinos para que todo o povo cantasse (CHAPELL, 2009, capítulo 3).

O culto de Lutero ainda mantinha algum desenho da liturgia herdada da igreja católica romana. Conservou o próprio uso do título “missa”, e manteve o *Kyrie*, pedindo a misericórdia de Deus. Em seguida, o *Gloria* em agradecimento pela misericórdia de Deus, seguido de oração coletiva, o *Benedictus* e o *Credo* (LESSA, 2017, capítulo 52).

³⁸ Em seu famoso texto “Do Cativoiro Babilônico da Igreja” (1520), Lutero diz: “Se eles fossem forçados a admitir que nós todos, se somos batizados, somos igualmente sacerdotes – como de fato somos – e eles estivessem incumbidos somente do ofício espiritual – mas obviamente com o nosso consentimento –, eles saberiam igualmente que não teriam nenhum direito de governo sobre nós, a não ser o tanto que nós voluntariamente lhes concedêssemos. (...) O sacerdócio não é nada mais que um serviço. (...) Daí se segue que aquele que não prega a Palavra, para o que foi chamado pela Igreja, na verdade não é sacerdote coisa alguma.” (LUTERO, 2017, p. 156)

Lutero, porém, não inovou ao colocar coisas novas, mas ao retirar. Ele tirou a leitura do Antigo Testamento, como era feito na liturgia católica romana, querendo enfatizar o ensino da graça do Novo Testamento. As leituras seguiam a ordem de um trecho das epístolas, depois do Evangelho, uma recitação do Credo Apostólico e um hino antes do sermão.

Lutero transformou o sermão em parte da adoração, e isso foi uma de suas maiores inovações litúrgicas (WHITE, 1989, p. 46). Ele dizia que a Palavra de Deus havia sido emudecida e agora ele queria restaurar-lhe a voz (LESSA, 2017, capítulo 52). Ele dizia que se podia abrir mão de qualquer coisa do culto, menos da Palavra (NICHOLS, 2017, capítulo 12).

Alguns estudiosos estimam que Lutero tenha pregado algo em torno de 5.800 sermões entre os anos de 1522 e 1546, e ele mesmo afirma, em um de seus escritos, que chegou a pregar 4 sermões por dia (NICHOLS, 2017, capítulo 12). Por isso, ele afirma que a Palavra de Deus é a razão principal do culto, e todo o resto – canto, oração, leituras – deve ser baseado na Palavra, ou não tem razão de existir (SPEHR, 2014, p. 49-50).

Depois do sermão, o povo cantava novamente, respondendo à mensagem ensinada. Com isso, o ministro exortava o povo a praticar a palavra, sempre incentivando a participação popular de todas as formas possíveis (CHAPELL, 2009, capítulo 3).

Outra grande mudança empreendida por Lutero foi o uso da língua vernacular, para que o povo entendesse o que estava sendo celebrado e ensinado (CHAPELL, 2009, capítulo 3).

1.7. Conclusão

Tendo visto o papel do culto como agente formador dos amores (afeições) humanos mais profundos, na captura da imaginação e na orientação de agentes do reino de Deus, chegamos à conclusão de que precisamos de um culto bem modelado com base em uma teologia da adoração bíblica equilibrada.

Essa teologia da adoração bíblica moldará, então, o desenho de nossos cultos, para refletir a história do Evangelho. Esse desenho arquitetônico do culto deve ser dialético, na conexão com o passado e no apontamento escatológico do futuro.

Concluimos este capítulo analisando o exemplo prático dado por Martinho Lutero, que desenhou um culto que serviria de base para todas as outras liturgias protestantes a partir de sua visão teológica global, a saber, a doutrina da justificação pela fé, a suficiência das Escrituras e o sacerdócio de todos os santos, principalmente.

No próximo capítulo, vamos analisar o entendimento de João Calvino sobre o culto, com base no trabalho de Lutero, e o desenvolvimento da tradição litúrgica reformada dentro da tradição puritana, que desembocará na Confissão de Fé de Westminster.

2. A TEOLOGIA DO CULTO EM JOÃO CALVINO E O PRINCÍPIO REGULADOR DO CULTO: SUA FORMULAÇÃO ORIGINAL, SUA APLICAÇÃO E ENTENDIMENTO AO LONGO DA HISTÓRIA DA IGREJA REFORMADA

João Calvino foi, sem dúvida, o mais importante reformador dentro da chamada teologia reformada, uma vertente dentro da teologia protestante em geral.³⁹ E como mencionado no capítulo anterior, todos os reformadores se preocuparam grandemente com o “desenho” da liturgia dos cultos que propuseram, como reflexo prático de sua teologia.

Na verdade, como averiguamos, mais do que isso: criam que o culto corretamente desenhado ajudava a formar nos cristãos uma teologia correta. Calvino não foi diferente. Na verdade, ele foi o reformador que mais se preocupou e escreveu sobre como deveria ser uma liturgia verdadeiramente reformada, e o desenho de sua liturgia foi o mais impactante para o desenvolvimento da liturgia reformada (CARDOSO, 2017, p. 24).

Em uma de suas famosas cartas, esta endereçada ao Cardeal Jacó Sadoleto (1539), Calvino atesta a importância do culto cristão:

Concedo-te ainda de bom grado que nada há de mais perigoso para nossa salvação do que um culto a Deus pervertido e indevido. Os ensinamentos basilares pelos quais costumamos educar para a piedade e a religião verdadeiras, pelos quais conquistamos discípulos para Jesus Cristo, são justamente estes: guardar-se de inventar insensatamente e ao seu bel-prazer qualquer modo novo de adorar a Deus, mas compreender que o único culto legítimo é aquele que o próprio Deus aprovou desde o princípio. (...) Por fim, nós nos esforçamos ao máximo para que abandonem todo culto falso e costume supersticioso, para que permaneçam em uma única regra e nos mandamentos de Deus, afirmados em sua Palavra santa. (CALVINO, 2017, p. 67)

³⁹ O termo **teologia reformada** é usado para fazer distinção à teologia luterana. Embora Calvino não tenha sido o único teólogo importante dentro dessa vertente, certamente foi o mais importante, e muitas vezes os termos são usados de maneira intercambiável (MAIA, 2007, p. 9). “O que veio a ser chamado de tradição reformada se desenvolveu da junção de duas vertentes, uma que remonta suas origens à Ulrich Zwinglio e outra a Bucer e Calvino. A vertente Bucer-Calvino, ou Estrasburgo-Genebra, bebeu tanto de Lutero quanto de Zwinglio, mas foi chamada de Reforma Calvinista porque as formulações e ensinamentos de Calvino se tornaram mais influentes nos séculos vindouros.” (MCKEE, 1995, p. 172) (tradução do autor)

Aqui encontramos o ponto mais importante para nosso trabalho e a base de todo o pensamento litúrgico de Calvino: para ele, de acordo com o segundo mandamento, há uma forma correta de adorar a Deus, revelada pelo próprio Deus, e outra que não o glorifica. Essa é a formulação teológica sobre a qual será erigido o Princípio Regulador do Culto (PRC), que será tema de nosso debate ainda neste capítulo.

A liturgia de Genebra se tornou o padrão para as igrejas reformadas na Suíça, França, Alemanha, Holanda e Escócia (COSTA, 2003, p. 75; JOHNSON, 2014b, Prefácio, edição Kindle). Além disso, a grande influência do pensamento de Calvino, incluindo seu pensamento litúrgico, é reconhecida dentro da igreja anglicana na Inglaterra (DAVIE, 2010, p. 316; JOHNSON, 2014b, Capítulo 2).

Importante lembrar que a liturgia calvinista, como mencionado no capítulo anterior, não pode ser separada do todo da teologia reformada. Abraham Kuyper, importante teólogo, filósofo e estadista holandês, se dedicou a escrever e definir o calvinismo já no século XIX, e o faz declarando que o calvinismo é um sistema de vida (KUYPER, 2002, p. 19-20). Para ele, é clara a relação entre a teologia reformada e o culto reformado. Como veremos, dessa relação flui a influência do pensamento calvinista em todas as áreas da vida.

O Calvinismo está enraizado em uma forma de religião que era peculiarmente própria, e desta consciência religiosa específica desenvolveu-se primeiro uma teologia peculiar, depois uma ordem eclesiástica especial, e então, uma certa forma de vida política e social, para a interpretação da ordem moral do mundo, para a relação entre a natureza e a graça, entre o Cristianismo e o mundo, entre a Igreja e o Estado e, finalmente, para a Arte e a Ciência. (KUYPER, 2002, p. 25-26)

Diante disso, neste capítulo faremos um breve retrospecto do entendimento de Calvino sobre o culto, uma vez que existem artigos, mencionados neste trabalho, que se debruçam sobre este assunto, e olharemos para o desenvolvimento da liturgia calvinista, até chegar à assembleia de Westminster e à formulação do PRC.

2.1. O culto cristão na visão de João Calvino

O entendimento de João Calvino sobre o culto cristão foi amplamente influenciado por Martin Bucer, o reformador de Estrasburgo (COSTA, 2003, p. 74). Calvino se utiliza da liturgia desenvolvida por Bucer, mas, ao escrever a sua, em 1542, já em Genebra, coloca no seu trabalho o seu pensamento (WHITE, 1989, p. 64).

Entender um pouco do contexto de Genebra é importante para a análise do pensamento de Calvino sobre o culto (WHITE, 1989, p. 65), uma vez que, como Kuyper (2002) menciona na citação acima, o calvinismo quer ser um sistema que abrange o todo da vida. Genebra deveria ser uma cidade modelo para outras cidades reformadas em todos os aspectos, incluindo a adoração (WHITE, 1989, p. 65).

Para Calvino, havia quatro princípios basilares que deveriam nortear a decisão de todos os outros aspectos do culto cristão. O primeiro, como mencionado acima, é a primazia da Palavra de Deus na orientação e formação da teologia da adoração e do culto. É impossível exagerar a importância que Calvino atribui à Palavra de Deus no culto público. Ele diz: “Sempre que os profetas predizem a restauração da Igreja ou sua extensão sobre todo o globo, atribuem primazia à Palavra” (CALVINO, 2017, p. 69). Toda decisão sobre a adoração coletiva do povo de Deus deve ser orientada pelas Escrituras. O reformador não faz distinção entre o Espírito atuante na Igreja e a Palavra de Deus.⁴⁰

O segundo princípio basilar é que o culto cristão deveria ser simples (COSTA, 2003, p. 75), para que a Palavra de Deus fosse mais destacada (JOHNSON, 2014b, Capítulo 2, edição Kindle). Essa simplicidade se opunha ao rebuscamento da liturgia católica medieval (CALVINO, 2009, p. 413). Essa simplificação do ritual litúrgico atingiu vários aspectos do culto e da vida cristã, como a simplificação do calendário litúrgico e o ritual do batismo (WHITE, 1989, p. 65).

Em sua carta a Sadoleto (1539), ele diz:

Em relação aos sacramentos, nada fizemos além de buscar restaurar a pureza original de que degeneraram e, assim, permitir que reassumissem sua

⁴⁰ “Pois, ao ver o quão perigoso seria vangloriar-se do Espírito sem a Palavra, Deus declarou que a Igreja é governada pelo Espírito Santo. Mas, a fim de que tal governo fosse certo, estável e seguro, ele o aliou à sua Palavra.” (CALVINO, 2017, p. 68)

primeira honra e dignidade. Quanto às cerimônias, abolimos a maioria, a isso compelidos em parte porque, por sua abundância, degeneraram numa espécie de judaísmo e em parte porque ocuparam demais o entendimento do povo simples e o encheram de superstição, de modo que não podiam continuar presentes sem prejudicar a piedade, em vez de fazê-la progredir. (CALVINO, 2017, p. 72)

Aqui aparece algo muito caro à teologia de Calvino e dos reformadores em geral, como já mencionado no capítulo anterior, mas que merece um novo destaque. Eles não consideram que estão promovendo inovações, mas creem estarem promovendo um retorno à “pureza original” dos pais da Igreja.

O próprio nome do livro de Calvino sobre o culto cristão, publicado em sua primeira edição em 1540, no seu título original em francês diz: “A forma das orações e dos hinos da Igreja com a maneira de administrar os sacramentos e consagrar o matrimônio de acordo com o costume da Igreja antiga” (em português, publicado como “Razão e Forma Pública da Oração, da Administração dos Sacramentos e Outros”).

A Reforma foi impulsionada por um desejo comum ao humanismo renascentista de um retorno *ad fontes* e uma rejeição ao método escolástico, e com isso uma renovação do interesse pelos escritos dos pais da Igreja (JOHNSON, 2014b, capítulo 2). Sendo assim, Calvino e os demais reformadores viam sua reforma como um retorno à prática de adoração da Igreja na era pós-apostólica.⁴¹

Para ele, o culto deveria ser uma oportunidade de instruir o povo, com uma demanda especial para a instrução na justiça, e o terceiro princípio para o culto cristão de Calvino é que o povo deve ter entendimento de tudo o que acontece no culto (CHAPELL, 2009, Capítulo 4). Dessa visão de Calvino vem a característica racional do culto reformado (WHITE, 1989, p. 65). Isso está amplamente conectado com a ideia de Calvino de que a adoração cristã e, portanto, o culto verdadeiro procedem do conhecimento de Deus (CALVINO, 2009, p. 451).

Existe sempre, nos comentários de Calvino, a ideia de um culto “genuíno” e um culto “pervertido”. Ao comentar a atitude do salmista Davi, Calvino diz que este

⁴¹ Para aprofundamento neste assunto, indico a leitura de HYDE, D. R. According to the Custom of the Ancient Church? Examining the Roots of John Calvin’s Liturgy. **Puritan Reformed Journal**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 189-211, 2009. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rft&AN=ATLAI\FZK190330001139&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

sabia “distinguir o culto espiritual daquele que não passa de ficção e imitação” (CALVINO, 2009, p. 515). Mais do que isso, para Calvino, o culto cristão verdadeiro é a causa de preservação da Igreja, mesmo que contenha problemas, como a igreja de Corinto (CALVINO, 2014, Capítulo 1, versículos 1 a 3).

Para ele, tanto o culto genuíno quanto o culto idolátrico, falso, pervertido acontecem primordialmente ligados ao coração, embora encontrem expressões externas (CALVINO, 2014, Capítulo 10, versículos 13 a 18).

Calvino menciona, principalmente em seus comentários, quatro pecados litúrgicos, que têm a ver com a distorção, no seu entendimento, do correto culto cristão (WITVLIET, 2003, p. 129).

O primeiro é o pecado da desobediência, quando o povo adora a Deus da forma que não foi ordenado. Esse pecado transforma o culto em “falso e corrupto” (CALVINO, 2009, p. 279) ao “inventar falsas religiões e um culto pervertido”, o que provoca a ira de Deus (CALVINO, 2009, p. 384).

O segundo pecado é a hipocrisia, que ocorre quando a forma está correta, mas a intenção do coração não está. Ao comentar este pecado, diz que os que praticam o culto hipócrita “podem ter o nome de Deus continuamente nos lábios e vangloriar-se de serem praticantes do culto divino externo”, mas “podemos com segurança reprovar sua jactância, uma vez que não oferecem os sacrifícios de uma forma correta” (CALVINO, 2009, p. 89).

O terceiro pecado é a superstição, quando rituais tomam o lugar da verdadeira adoração. Ele diz que os homens supersticiosos inventam “observâncias religiosas [...] por sua própria fantasia” (CALVINO, 2009, p. 171). Ele diz que os “primeiros israelitas” e depois os “samaritanos de outrotra” contaminavam a adoração deles com “vis superstições” (CALVINO, 2014, Capítulo 1, versículo 11). Ele diz que elementos colocados por Deus na adoração devem servir-nos como “assistência na busca espiritual de Deus em sua glória celestial” (CALVINO, 2009, p. 172).

E o quarto pecado é a idolatria, e Calvino, sendo um iconoclasta, menciona a adoração a santos, mas ele dá ênfase especial à idolatria da mente e do coração, que para ele é muito mais perigosa. Para ele, o culto idolátrico causa “sérias ofensas tanto

a Deus quanto aos homens” (CALVINO, 2014, Capítulo 8, versículos 8 a 13), porque os idólatras “eram convictos de que Deus era simplesmente como suas mentes vazias o haviam concebido” (CALVINO, 2018, Capítulo 1, versículo 10).

Portanto, o fim deste mandamento é que Deus não quer que Seu legítimo culto seja profanado mediante ritos supersticiosos. Pelo que, em síntese, Ele nos recambia e afasta totalmente das insignificantes observâncias materiais que nossa mente bronca, em razão de sua crassitude, costuma inventar quando concebe a Deus. E, daí, nos instrui a Seu legítimo culto, isto é, ao culto espiritual e estabelecido por Si Próprio. Assinala, ademais, o que é mais grosseiro defeito nesta transgressão: a idolatria exterior. (CALVINO, 2000, II.8.17; II.8.16)

Uma ênfase especial no pensamento litúrgico de Calvino é que Deus está ativo enquanto Seu povo o adora (WITVLIET, 2003, p. 145). E ele vê essa participação ativa acontecendo de forma trinitária. Cada pessoa da trindade tem algum tipo de participação na adoração do povo de Deus. O Pai é o agente, doador e iniciador da adoração. O Filho é o mediador. O Espírito é o efetuator e o capacitador, aquele que grava a lei de Deus em nossos corações (WITVLIET, 2003, p. 146).

Claro que, no entendimento de Calvino, como nos demais reformadores, o povo também deveria ter participação ativa no culto, espelhando o sacerdócio universal de todos os crentes. Calvino define isso dizendo que o culto deveria ser “útil para todo o povo” (CARDOSO, 2011, p. 65). Sendo assim, todo o culto era pensado de forma a comunicar bem a mensagem para o povo e promover a participação ativa da congregação (CHAPELL, 2009, Capítulo 4). Ele chega a chamar de piada o fato de alguns dizerem que o povo poderia ser beneficiado no culto sem entendimento (HERON, 2012, p. 4).

Na verdade, no entendimento de Calvino, Deus, sendo ativo na adoração do Seu povo, é quem dá o primeiro passo. E a adoração do povo de Deus é uma resposta a essa iniciativa divina (COSTA, 2003, p. 77). Neste ponto, devemos nos perguntar: no entendimento de Calvino, o que deve o povo de Deus fazer, como resposta ao chamado divino, em um culto verdadeiro, autêntico, livre dos quatro pecados litúrgicos, simples e trinitário?

O próprio reformador resume seu entendimento e afirma:

Sabemos o que a Igreja deve fazer ao reunir-se, ou seja: ouvir os ensinamentos; oferecer a Deus suas orações e cânticos; observar os

sacramentos; fazer confissão de sua fé; tomar parte nos ritos religiosos e outros exercícios piedosos. (CALVINO, 2014, Capítulo 11, versículos 17 a 22, edição Kindle)

A liturgia reformada pode ser também separada, em dois momentos, na liturgia da Palavra e na liturgia da Eucaristia, como a liturgia católica medieval.⁴² Um desenho resumido da liturgia da Palavra, como a primeira metade do culto no entendimento de Calvino, pode ser: o culto inicia com uma palavra de abertura, confissão de pecados e um salmo cantado, seguidos do sermão como ponto central. Depois, em cima do Decálogo, há uma seção de oração estendida, com intercessão, o Pai Nosso e oração antes da Eucaristia, a Ceia do Senhor (HERON, 2012, p. 4).

Já na liturgia da Eucaristia, a leitura do Credo, a distribuição dos elementos, ações de graças e, depois da participação na Ceia, a bênção final (HERON, 2012, p. 4).

Muitas vezes, ao nos atermos à instrução de Calvino de que o culto verdadeiro deve ser de acordo com a Palavra, parece que ele é muito apegado às formas definidas e rígidas de adoração. Isso não é verdade. Para Calvino, as formas de adoração eram secundárias (JANSEN, 1962, p. 287), sendo que em nenhum momento ele foi dogmático no estabelecimento das formas ou ordens do culto (COSTA, 2009, p. 290).

Isso não o impede de estabelecer três princípios ordenados para o culto: pregação da Palavra de Deus, orações públicas e a administração do sacramento (CARDOSO, 2017, p. 31; HERON, 2012, p. 5).

A adoração pública era central para a Reforma e para apresentar as marcas da Igreja. Portanto, a implementação de uma nova liturgia, chamada de *As Formas da Oração*, era vital no contexto da *lectio continua*, uma forma de exposição da Bíblia, os sacramentos, os Salmos e (em princípio) comunhão e doação. É possível organizar a reforma de Calvino ao redor desses fundamentos: pregação e ensino da Palavra de Deus em sermões e no sacramento; oração e formação cristã tanto na Palavra quando na vida. (MCKEE, 2009, p. 57) (tradução do autor)

A pregação da Bíblia era de extrema importância para Calvino, que via o púlpito como a mais importante responsabilidade de seu ministério (LAWSON, 2008, Capítulo 1). “Calvino não tinha outra arma senão a Bíblia. [...] Ele pregava a Bíblia

⁴² Para um aprofundamento no desenho litúrgico do culto cristão segundo o entendimento de Calvino, CHAPELL, 2009, Capítulo 4.

todos os dias, e, sob o poder desta pregação, a cidade começou a ser transformada.” (BOICE, 2003, p. 81) Ele é apontado como o mais influente ministro da Palavra que o mundo já viu, à parte dos escritores bíblicos (LAWSON, 2008, Capítulo 1).

Como já mencionado no capítulo 1 deste trabalho, Calvino praticava a *lectio continua*, ou seja, a exposição consecutiva de versículos e livros da Bíblia, por acreditar que assim faria uma exposição mais fiel do texto bíblico, sem recortes (LAWSON, 2008, Capítulo 2).

Ao mencionar a oração, ele destaca que ela desempenha, no entendimento do reformador de Genebra, também um papel didático (WHITE, 1989, p. 68). As orações no culto de Calvino poderiam ter uma forma definida, tendo ele mesmo publicado um livro de orações, e também poderiam ser espontâneas.⁴³

Ao falar dos cânticos, Calvino enfatiza o papel da música no culto, mas alerta que não podem estar dissociados dos afetos do coração (CALVINO, 2018, Capítulo III, 11). Também entende seu papel didático e seu grande auxílio na memorização da Palavra (COSTA, 2009, p. 302). Além disso, dentro dos três elementos definidores do culto, já mencionados acima, Calvino considerava os cânticos orações cantadas (CARDOSO, 2017, p. 31). Ele chega a dizer que os cânticos enriquecem grandemente e que nada pode direcionar a moral humana como a música (HERON, 2012, p. 5).

Calvino optou pelo canto exclusivo dos Salmos por entender que somente a Palavra deveria ser cantada, em conformidade com o princípio do *Sola Scriptura* (COSTA, 2009, p. 303). Além disso, encontrou indícios, em Tertuliano, Eusébio, Atanásio, Ambrósio e Crisóstomo, de que a Igreja primitiva cantava salmos (JOHSON, 2014b, Capítulo 2).

Seguindo o princípio da simplicidade do culto, os cânticos deveriam ser simples e apropriados, para serem cantados sem treinamento formal – mas esses cânticos eram sem instrumento musical (COSTA, 2009, p. 304) e sem divisões harmônicas vocais (HERON, 2012, p. 3).

⁴³ A oração foi um tema de extrema importância para Calvino, e, por isso, ele dedicou a maior parte de suas *Institutas* para ensinar sobre o tema. Ao publicar um livro de orações públicas, o reformador de Genebra também atestou a importância das orações na liturgia.

Uma das grandes contribuições de Calvino para a liturgia protestante foi o Saltério Genebrino⁴⁴, com salmos metrificados, com a ajuda do poeta francês Clément Marot e de Teodoro Beza, que se tornou extremamente popular em toda a Europa (COSTA, 2009, p. 308).⁴⁵

Somente no século XVIII, com os hinos de Watts e o surgimento da hinologia moderna, principalmente no segundo grande despertar, os Salmos de Calvino perderam seu posto de cânticos litúrgicos preferidos da maior parte dos protestantes (BEEKE, 2016, Capítulo 1).

Um bom resumo do entendimento reformado sobre cantar salmos no culto público é este a seguir:

Por que devemos cantar os Salmos? A primeira razão é que Deus os concedeu a toda a sua Igreja, tanto aos judeus como aos gentios, tanto sob a antiga aliança como sob a nova. Como observa Bradley Johnston: “O apóstolo Paulo ordenou às igrejas dos efésios (Ef 5.19) e dos colossenses (Cl 3.16) que cantassem o Saltério e comentou o fato de os coríntios cantarem Salmos (1 Co 14.15).” (BEEKE, 2016, Capítulo 1)

Sobre os sacramentos, podemos definir que, para Calvino, eles são todos os sinais que trazem mais certeza e confiança da verdade das suas promessas. Para ele, nos sacramentos, Deus manifesta mais de Si e atesta sua bondade. Os sacramentos, na visão do reformador, são sinais e símbolos da ação de Deus a favor do Seu povo. Ele chega a definir os sacramentos como espelhos das riquezas de Deus (MOELLER, 1997, p. 89).

Para Calvino, a doutrina do *verbum visibile* não significa que os sacramentos sejam encenações das doutrinas, mas que a Palavra se tornou carne em Jesus Cristo, que se faz presente na adoração da Igreja cristã, quando ela lê, prega e canta as Escrituras, e no partir do pão e do cálice (OLD, 1992, p. 80). Ele entendia como sacramentos a pregação da Palavra, o batismo e a ceia.

⁴⁴ Para um aprofundamento sobre a história, influência e legado do Saltério de Genebra: CARDOSO, 2017; CARDOSO, 2011 e HERON, 2012. Sobre a teologia de Calvino nos Salmos: SELDEHUIS, 2007. E uma defesa do uso dos salmos no culto cristão: BEEKE; JOHNSON; HYDE, 2016.

⁴⁵ Cardoso diz que a tradução e a metrificação de Salmos não era algo inédito. Calvino ficou encantado com essa prática e isso se tornou um elemento chave em seu projeto ministerial. Embora tenha herdado essa prática de Bucer em Estrasburgo, Calvino é o grande incentivador do canto dos salmos metrificados. (CARDOSO, 2017, p. 29-30)

Embora não seja tema principal de nossa análise, é importante resumir o entendimento de Calvino sobre a ceia⁴⁶, uma vez que esse tema gerou grande controvérsia entre os reformadores.⁴⁷

Ele entendia que o ensino da Ceia passou um “longo tempo enredado em muitos e enormes erros” (CALVINO, 2017, p. 103) e reforçava que o ensino neotestamentário é que os elementos da Ceia são tomados de forma adequada pela fé e se tornam uma refeição espiritual, que promove a união do redimido com Cristo (CHAPELL, 2009, Capítulo 4). Cristo, para o reformador, é comunicado, pelo sacramento da Ceia, ao redimido (CALVINO, 2017, p. 105). Essa refeição espiritual é a que traz sustento para a vida cristã, provida pelo bom Pai Celestial (Calvino, 2017, p. 104).

Ele aponta três propósitos principais para a Ceia:

Foi por isso que o Senhor instituiu a ceia, para assinalar e selar em nossa consciência as promessas contidas em seu evangelho referentes ao modo como nos tornamos participantes de seu corpo e seu sangue, e ao mesmo tempo nos dar a certeza e a segurança de que é nele que subjaz nossa verdadeira comida espiritual, para que assim, com tal garantia, nós pudéssemos conceber reta certeza de salvação. Em segundo lugar, ele instituiu a ceia para nos exercitar no reconhecimento de sua grande bondade para conosco, louvando-a e glorificando-a mais amplamente. Em terceiro, ele deseja nos exortar a toda santidade e inocência, como membros de Jesus Cristo, e sobretudo recomendar-nos, de modo especial, união e caridade fraternas. (CALVINO, 2017, p. 105-106)

Sendo assim, Chapell (2009, capítulo 4) propõe o seguinte desenho para o culto defendido por Calvino:

CICLO DE LOUVOR E CONFISSÃO

Sentença de abertura retirada da Escritura

Confissão de pecados

⁴⁶ Calvino explicou detalhadamente seu entendimento sobre a Ceia do Senhor em “Pequeno tratado da Santa Ceia de nosso Senhor Jesus Cristo: no qual se demonstram sua verdadeira instituição, seu proveito e sua utilidade, com a razão por que vários autores modernos parecem ter escrito diferentemente”. (1540) in CALVINO, 2017.

⁴⁷ Para um entendimento panorâmico das diversas visões sobre a Ceia entre os principais reformadores, ver MATHISON in BARRET, 2017.

Salmo cantado

Os Dez Mandamentos

CICLO DO EMPREGO DOS MEIOS DE GRAÇA/SACRAMENTOS

Oração por Iluminação (com o Pai Nosso)

Leitura da Escritura

Sermão

Liturgia da Ceia (quando instituída)

CICLO DE AÇÕES DE GRAÇAS E BÊNÇÃO FINAL

Oração de Ações de Graças

Salmo cantado

Bênção aarônica

2.2. A formulação do Princípio Regulador do Culto na Confissão de Fé de Westminster e nos Catecismos

Como dissemos, a teologia de João Calvino se torna a mais influente na vertente reformada, atingindo várias partes da Europa, incluindo a Inglaterra anglicana. Com a forte influência calvinista no Reino Unido, fortalecido pelo reinado de Elizabeth I, existe uma tentativa dos puritanos de se estabelecer um diálogo (e reforma) entre Cranmer, com seu influente “Livro de Oração Comum”, e a teologia reformada estabelecida nos pilares de Calvino, que, por sua vez, se respaldava na teologia do culto de Lutero e Zwinglio (DIRETÓRIO DE CULTO DE WESTMINSTER, Introdução).

Os puritanos são um grupo de herdeiros da Teologia Reformada de Calvino dentro do contexto anglicano. Na verdade, podem ser considerados, em certo sentido, hipercalvinistas, pois são mais rígidos na busca por um biblicismo (WHITE, 1989, p. 118).

Depois de uma grande turbulência política com claros aspectos religiosos, os puritanos conseguiram estabelecer sua agenda, e o auge dessa busca e do diálogo com a tradição anglicana foi a Assembleia de Westminster, que aconteceu entre 1º de julho de 1643 e 22 de fevereiro de 1649, ou seja, os membros dessa assembleia estiveram reunidos por cinco anos, seis meses e vinte e dois dias (DIRETÓRIO DE CULTO DE WESTMINSTER, Prefácio dos Editores).

Ela foi composta por 121 teólogos, chamados de “divinos”, de diferentes origens, como membros da igreja presbiteriana, anglicana, independentes e escoceses, e deu origem à “Confissão de Fé de Westminster” (a partir de agora, CFW), “O Catecismo Maior”, “O Catecismo Menor” e diretórios sobre culto e governo da Igreja (GORE, 1995, p. 30).

Desses, os documentos mais importantes para nossa discussão são a CFW⁴⁸ e o “Diretório de Culto”. O diretório de culto foi pedido pelo Parlamento em 12 de outubro de 1643 e aprovado em janeiro de 1645 (DELIVUK, 1996, p. 238). Ainda na CFW, encontramos a base fundadora do PRC, no capítulo XXI, intitulado “Do culto religioso e do domingo”, embora não encontremos o termo especificamente em nenhum documento da época e provavelmente ele não tenha sido utilizado antes do século XX (SMITH, 2006, p. 89):

A luz da natureza mostra que há um Deus, que tem domínio e soberania sobre tudo, que é bom e faz o bem a todos, e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido de todo o coração, de toda a alma e de toda a força; mas, o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por Ele mesmo, e é tão limitado pela sua própria vontade revelada que ele não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível, ou de qualquer outro modo não prescrito nas Sagradas Escrituras. (CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER, Capítulo 21, parágrafo 1)

⁴⁸ GORE (1995) defende que são importantes para entender uma discussão mais ampla envolvendo o PRC os capítulos I, seção vi; XX, seção ii e XXI, seções i-vi (GORE, 1995, p. 30). Isso porque o PRC envolve a discussão sobre a liberdade humana e a liberdade de consciência (SMITH, 2006, p. 90).

O “Catecismo de Heidelberg”, elaborado entre 1559 e 1576, portanto mais antigo do que a CFW, diz na sua pergunta 96: “Que exige Deus no segundo mandamento? Resposta: Que não façamos a imagem de Deus em hipótese alguma, nem O adoremos de nenhum outro modo diferente do que nos ordenou em Sua Palavra” (CATECISMO DE HEIDELBERG, 2013, Dia do Senhor 35).

Zacharius Ursinus, um dos autores deste catecismo, ao comentar essa pergunta e resposta, diz:

“O fim ou propósito deste mandamento é que o verdadeiro Deus [...] seja adorado de forma apropriada [...] que seja agradável a Ele, e não com tal adoração que seja de acordo com a imaginação e disposição do homem [...] (e) que a adoração de Deus, como prescrita, seja preservada pura e livre de corrupção.” (The Commentary of Dr. Zacharias Ursinus on the Heidelberg Catechism, 1954, p. 517) (tradução do autor)

Importante esclarecer que o PRC não foi uma inovação do “Catecismo de Heidelberg”, nem da Assembleia de Westminster, nas formulações na CFW ou no “Diretório de Culto”. Como ficou claro em nosso estudo, suas origens remontam à teologia de João Calvino, embora o termo nunca tenha sido usado por ele (CLARK, 2008, capítulo 7, edição Kindle), e o PRC já estava em uso antes mesmo da publicação dos documentos gerados pela Assembleia (DELIVUK, 1996, p. 238). E ele foi estabelecido também em Confissões Batistas, como a Londrina de 1689 (inclusive em linguagem idêntica à da CFW), e em credos congregacionais (DUNCAN *in* RYKEN, THOMAS, DUNCAN, 2003, p. 21).

O PRC era uma fonte de discussão entre puritanos e presbiterianos escoceses, de um lado (SMITH; LACHMAN, 2005, p. 116), e anglicanos do outro, uma vez que os anglicanos não aceitavam a ideia de um princípio regulador (DELIVUK, 1996, p. 239), mas, junto com os luteranos⁴⁹, defendiam a ideia de um princípio normativo, ou seja, se a Bíblia não condena determinada prática de forma clara, a Igreja é livre para julgar se deve mantê-la ou não (GORE, 1995, p. 31). Para os defensores do PRC, não ordenar já era proibir (SMITH; LACHMAN, 2005, p. 116).

⁴⁹ “A real diferença entre a reforma luterana e a calvinista sobre adoração pode ser resumida assim: Lutero usa o que não é especificamente condenado pelas Escrituras, enquanto Calvino só usará o que é determinado por Deus nas Escrituras” (CLARK, 2008, capítulo 7) (tradução do autor). FRAME (2006) diz que católicos romanos e episcopais também acompanham o entendimento luterano (FRAME, 2006, p. 66). JOHNSON (2014a) diz que a visão reformada é mais rigorosa, mas não peserosa (JOHNSON, 2014a, capítulo 2).

2.3. A problematização do PRC: a distinção entre substância, elementos, formas e circunstâncias

Outras questões surgem a partir do estabelecimento do PRC: só existe uma forma de adorar a Deus de forma aceitável? Se sim, como é essa forma? Existe uma mudança de princípio entre a adoração revelada no Antigo Testamento e a adoração revelada no Novo Testamento? O PRC se aplica somente à vida coletiva da Igreja ou se aplica à vida toda como adoração, só que de formas e graus diferentes (DUNCAN *in* RYKEN, THOMAS, DUNCAN, 2003, p. 15-16)?

O capítulo I, seção vi da CFW, institui a questão da “circunstância” dentro do culto de adoração. Existe, no PRC, uma distinção entre “elemento” e “circunstância”. Um elemento é algo essencial para a adoração. A CFW reconhece como elementos somente a pregação (XXI, v) e a oração (XXI, iii e iv). Importante ressaltar que os sacramentos entram como pregação (CLARK, 2008, capítulo 7, edição Kindle; DELIVUK, 1996, p. 240).

Com base na CFW e no “Diretório para o Culto”, podemos levantar uma lista de elementos que devem fazer parte do culto público: “leia a Bíblia, pregue a Bíblia, ore a Bíblia, cante a Bíblia e veja a Bíblia” (DUNCAN *in* RYKEN, THOMAS, DUNCAN, 2003, p. 65).

A leitura das Escrituras com santo temor, a sã pregação da Palavra e a consciente atenção a ela, em obediência a Deus, com entendimento, fé e reverência, o cântico de salmos, com gratidão no coração, bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo, são partes do culto oferecido a Deus, além dos juramentos religiosos, votos, jejuns solenes e ações de graças em ocasiões especiais, os quais, em seus vários tempos e ocasiões próprias, devem ser usados de um modo santo e religioso. (CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER, capítulo 21, parágrafo 5)

Já questões como local, horário, roupas, postura, que são questões que cercam o culto, são consideradas “circunstâncias” e podem (e devem) mudar de acordo com a cultura, o decoro e o bom senso cristão (CLARK, 2008, capítulo 7; DELIVUK, 1996, p. 240; GORE, 1995, p. 32).

George Gillespie, um dos teólogos membros da Assembleia que produziram a CFW, definiu circunstâncias como algo que não tem santidade em si, nenhum louvor

especial nelas, tendo o mesmo valor que em coisas civis (SMITH; LACHMAN, 2005, p. 117).

O “Diretório de Culto” faz uma clara distinção entre esses dois tipos de classificações, o que é “elemento” e o que é “circunstância”. Johnson (2014a) ainda acrescenta um terceiro aspecto, que é a “forma”, que ele define como conteúdo dos elementos, nas quais pode haver liberdade. E ele coloca circunstâncias como questões mais amplas que as formas (JOHNSON, 2014a, capítulo 2).

Duncan (2003) concorda com essas classificações, mas é ainda mais específico ao afirmar uma “substância” anterior ao “elemento”. Para ele, a “substância” é o conteúdo do que vai preencher o “elemento” prescrito e ordenado. Em seu entendimento, “substâncias” e “elementos” são ordenados e devem ser utilizados somente se forem prescritos positivamente pelas Escrituras. No caso das “formas” e “circunstâncias”, elas devem ser decididas num ponto de vista mais amplo das Escrituras e no bom senso cristão (DUNCAN *in* RYKEN, THOMAS, DUNCAN, 2003, p. 23).

E é justamente nessas classificações e nas suas diferenças que encontramos uma grande problematização inicial do PRC. O importante teólogo reformado contemporâneo John Frame (1992), por exemplo, afirma que nem sempre é possível traçar uma linha tão clara do que é “elemento” (explicitamente ordenado), “circunstância” (o que deve ser definido pela cultura e o bom senso). Na verdade, ele diz preferir o termo “aplicação” em vez de “circunstância” (FRAME, 2006, p. 70).

Ele dá o exemplo de que, embora a Escritura nos ordene a pregar a Palavra em um culto, não há direcionamento de quantos sermões deve haver em uma mesma reunião, se deve haver somente um pregador ou vários, com qual volume o pregador deve falar e quais textos deverão ser usados (FRAME, 1992, p. 359).

Clark (2008) também problematiza essa questão quando menciona que o “Diretório de Culto” nem mesmo menciona a questão da circunstância e que a CFW, ao fazê-lo, abriu brecha, no seu entendimento mais conservador e rigoroso, na aplicação do PRC para entendimentos incorretos (CLARK, 2008, capítulo 7) e por isso critica o posicionamento de Frame (1992 e 2006).

Essa é uma questão importantíssima que será aprofundada no capítulo seguinte deste trabalho, pois, como defende Horton (2007), é sempre perigoso separar o *como* nós adoramos (estilo), ou, como chamamos, a forma/circunstância, do *quem* nós adoramos. Ou, como ele coloca, separar o primeiro mandamento (“Não terás outros deuses”) do segundo, que são inseparáveis (HORTON, 2007, p. 191).

2.4. O desenho do culto a partir da CFW e do “Diretório de Culto”

Diante de todas essas considerações sobre os fundamentos teológicos e históricos do PRC, Chapell (2009, capítulo 5) propõe o seguinte desenho para o culto defendido pela CFW:

CICLO DE LOUVOR E CONFISSÃO

Chamado à adoração

Oração inicial

- Adoração
- Súplica por graça
- Súplica por iluminação

Leitura do Antigo Testamento

Salmo cantado

Leitura do Novo Testamento

Salmo cantado

Confissão e Intercessão

CICLO DO EMPREGO DOS MEIOS DE GRAÇA/SACRAMENTOS

Oração por Iluminação

Leitura da Escritura

Sermão

Liturgia da Ceia (quando instituída)

CICLO DE AÇÕES DE GRAÇAS E BÊNÇÃO FINAL

Oração de Ações de Graças

Pai Nosso

Salmo Cantado

Nesse desenho é possível ver sua origem traçando ao entendimento reformado, com a influência principal do pensamento de Calvino, mas também já com a influência de desenvolvimentos posteriores, como o entendimento puritano sobre o culto. Essas influências podem ser vistas nas orações não improvisadas, mas lidas, e na ausência do Credo Apostólico (NEEDHAM *in* RYKEN, THOMAS, DUNCAN, 2003, p. 405).

2.5. Qual é o alcance e abrangência do PRC?

Uma das perguntas mencionadas anteriormente, proposta na aplicação do PRC, é qual deve ser o seu alcance. Ele deve ser aplicado somente na adoração coletiva ou na vida como um todo?

Essa discussão é levantada por Frame, que, em seus livros e artigos, citados na bibliografia deste trabalho, defende que a adoração deve ser entendida num sentido mais universal, e não no sentido restrito do culto (FRAME, 2006, p. 89). Sendo assim, ele advoga que o PRC seja aplicado em todos os aspectos da vida, e não somente no que se refere ao culto público coletivo (FRAME, 1992, p. 361).

Mas ele não está sozinho. Michael Horton (2007) e Timothy Keller (2017) parecem concordar com Frame (1992 e 2006) ao apontar que é de extrema importância buscar um culto bíblico mas que, ao mesmo tempo, o PRC pode trazer heranças culturais da sua época e do seu contexto desnecessárias para sua correta utilização nos dias atuais.

Para Frame (1992), não faz sentido usar a ideia do princípio normativo em todas as áreas da vida e somente no que se refere ao culto público ter de usar o PRC (FRAME, 1992, p. 358).

Eu confesso que acho difícil entender por que Deus, se queria entregar um princípio que governasse sobre a adoração de forma rígida, e que fosse diferente do princípio de governar a vida ordinária, não nos deu algo como um “livro de mandamentos” para a adoração. (FRAME, 1992, p. 361) (tradução do autor)

White (1989) concorda com este pensamento de Frame (1992) ao dizer que muitas afirmações da Bíblia sobre a adoração cristã são incidentais, e não prescritivas, e que por isso é difícil utilizar a Bíblia como um livro legalista para prescrições litúrgicas (WHITE, 1989, p. 119.). Keller (2017) afirma que a Bíblia simplesmente não apresenta detalhes suficientes para se montar um culto com um único padrão aprovado (KELLER *in* ASHTON *et al*, 2017, p. 201).

Esse não é o entendimento reformado puritano tradicional. No contexto da formulação original do PRC, entende-se que a adoração corporativa da Igreja tem um *status* diferente, pela importância da adoração para a vida cristã (DUNCAN *in* RYKEN, THOMAS, DUNCAN, 2003, p. 21).

Na verdade, alguns defendem que o único resultado possível da aplicação do princípio do *Sola Scriptura* em questões pertinentes ao culto cristão é o PRC (SCHWERTLEY, 2000, Introdução). Nesse sentido, advogam a favor de uma uniformidade no culto cristão reformado (DELIVUK, 1996, p. 248).

Mas essa uniformidade não existe. Nem mesmo Zwinglio e Calvino, trabalhando com os mesmos compromissos bíblicos, conseguiram chegar a uma única conclusão e deram origem a duas tradições litúrgicas diferentes (KELLER *in* ASHTON *et al*, 2017, p. 203-204).

Claro que precisamos notar que os puritanos foram mais longe do que Calvino em sua defesa de um PRC bem rigoroso, em que o silêncio da Bíblia é interpretado como proibição (WHITE, 1989, p. 118), embora provavelmente não tenham se dado conta disso (THOMAS *in* RYKEN; THOMAS; DUNCAN, 2003, p. 80). Muito disso se deve ao contexto em que viviam, tentando estabelecer alguma autoridade no ambiente eclesiástico controlado pelos anglicanos (KEITH, 2008, p. 17).

A disputa se concentra em como se interpretam alguns textos. Os que advogam a favor do PRC como exclusivo para regular a adoração coletiva usam textos como

Não adorem ao Senhor, ao seu Deus, como fazem essas nações, porque, ao adorarem os seus deuses, elas fazem todo tipo de coisas repugnantes que o Senhor odeia, como queimar seus filhos e filhas no fogo em sacrifícios aos seus deuses. Apliquem-se a fazer tudo o que eu lhes ordeno; não lhes acrescentem nem lhes tirem coisa alguma. (DEUTERONÔMIO 12.31-32)

Os que entendem que o PRC deveria ser mais amplo e aplicado ao todo da vida, então, questionam como eles interpretam, então, Deuteronômio 4.1-2, que diz

E agora, ó Israel, ouça os decretos e as leis que lhes estou ensinando a cumprir, para que vivam e tomem posse da terra, que o Senhor, o Deus dos seus antepassados, dá a vocês. Nada acrescentem às palavras que eu lhes ordeno e delas nada retirem, mas obedecem aos mandamentos do Senhor, o Deus de vocês, que eu lhes ordeno. (DEUTERONÔMIO 4.1-2)

Os defensores de um PRC mais amplo dizem que interpretar Deuteronômio 4.1-2 de forma restrita torna impossível viver no mundo moderno (como fazer uso de eletricidade, usar veículos automotivos, etc.) e que, portanto, ambos os textos não devem ser levados em absoluto como se propusessem qualquer tipo de proibição ou adição.

Para os defensores do sentido mais tradicional do PRC, os dois textos falam de coisas diferentes e não podem ser utilizados na mesma discussão. Afirmam que o

texto de Deuteronômio 4 fala do todo da vida, da lei ética, e que o de Deuteronômio 12, sim, fala da adoração a Deus.⁵⁰

Frame (1992) levanta a questão que esse entendimento mais restrito teve de ser obedecido somente no que se referia ao tabernáculo/templo, e que hoje não serve como norma para exigir textos bíblicos que positivamente ordenem o que deve fazer parte ou não de um culto (FRAME, 1992, p. 366).

Para os autores da CFW, o PRC pode ser caracterizado como a aplicação prática no culto cristão do princípio de *Sola Scriptura* defendido por Calvino e demais reformadores (CLARK, 2008, capítulo 7) com base no segundo mandamento (DELIVUK, 1996, p. 244).

Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e guardam os meus mandamentos. (ÊXODO 20.4-6)

E eles entendem que o mandamento positivo proíbe a prática negativa (DELIVUK, 1996, p. 246), sempre com o cuidado de dizer que essa interpretação vale somente para a adoração cristã, no culto coletivo.

Frame (1992) contra-ataca dizendo que toda interpretação dos preceitos bíblicos, seja ela para adoração, seja ela para a vida ordinária, deve ser feita da mesma forma, e não por princípios diferentes.

Para determinar as “prescrições divinas”, nós devemos interpretar, analisar a força dos exemplos bíblicos, determinar as relações entre mandamentos no Antigo Testamento e aqueles do Novo Testamento, etc. Eu não sou cético o bastante para negar o conteúdo normativo que pode vir desse método. Na verdade, esse é o método pelo qual procede toda a teologia. Ao mesmo tempo, nós não devemos entender que o PRC torna simples determinar qual é a vontade de Deus para a adoração. (FRAME, 1992, p. 359-360)

Depois de tudo isso que apontamos, e retomando a discussão do capítulo 1, do culto como lugar de formação do caráter cristão, este autor pensa em alinhamento com Frame (1992 e 2006) sobre uma aplicação mais ampla do PRC e que isso é

⁵⁰ Para um aprofundamento nos argumentos a favor de uma visão mais tradicional do PRC, contra a visão mais ampla, ver SCHWERTLEY, 2000. Para um aprofundamento na defesa de uma visão mais ampla do PRC, ver FRAME, 1992.

respaldado por Smith (2018), quando este afirma que é importante ter práticas diárias de adoração, que são modeladas com base nas práticas litúrgicas (SMITH, 2018, p. 216).

2.6. O desenvolvimento do PRC ao longo dos séculos subsequentes

Após um período relativamente curto, o puritanismo perdeu força como movimento e criou “braços” nas igrejas congregacionalistas, presbiterianas e batistas (WHITE, 1989, p. 129).

Criado para ser uma alternativa reformada ao “Livro de Oração Comum” da igreja anglicana, o “Diretório de Culto” acabou padecendo por tentar buscar um equilíbrio entre essas várias vertentes.

Na época de sua formulação, levantou poucos questionamentos e não foi imposto como regra única. Sendo assim, poderia ser facilmente ignorado (KEITH, 2008, p. 25). Acabou por ser adotado com mais efeito pelos presbiterianos escoceses.

Importante ressaltar que o PRC teve uma grande força nas igrejas reformadas puritanas nos séculos XVI e XVII, tanto na Europa quanto na América, mas perdeu força durante o século XVIII, chegando a ser esquecido no século XIX.⁵¹

Essa saída do PRC do foco abriu o caminho para diversas novas formas de adoração, incluindo uma abertura ao liberalismo teológico em igrejas que antes adotavam o padrão reformado de adoração (SMITH, 2006, p. 90).

Esse quadro começa a mudar a partir dos anos 1940, quando há um renascimento do interesse pela liturgia reformada, principalmente com os debates e questões levantados pelo professor John Murray, principalmente em questões relacionadas ao que se podia ou não cantar num culto público (SMITH, 2006, p. 91).

⁵¹ Algumas razões são apontadas para isso: na Europa, o surgimento do secularismo, que trouxe um afastamento dos ideais reformados, e na América, os movimentos de avivamento, conhecidos como teologia de fronteira, que se afastaram da teologia calvinista (SMITH, 2006, p. 90; WHITE, 1989, p. 130).

A partir dos anos 1980, diante das já mencionadas “guerras de adoração”, entre defensores da adoração que adota a música contemporânea e defensores de uma adoração mais litúrgica, mais fiel ao PRC (no entendimento destes), muitos autores se dedicaram a escrever sobre o assunto⁵², lançando um debate proveitoso e profícuo sobre este tema, tornando-o altamente relevante.

No Brasil, diante do crescimento da fé reformada, como mencionado na Introdução deste trabalho, muita bibliografia tem sido publicada em português sobre este tema, principalmente a partir de 2010, e hoje temos disponível em nossa língua, como mencionado na Bibliografia deste trabalho, os textos originais da CFW, do “Diretório de Culto”, dos Catecismos, além da tradução de importantes autores que debatem o tema.

2.7. Conclusão

Uma das críticas feitas diz que o PRC é fruto de uma mentalidade puritana do século XVII e tem uma visão mais estreita que a de Calvino sobre a adoração (DUNCAN *in* RYKEN; THOMAS; DUNCAN, 2003, p. 24). Vimos que, em muitos pontos, os puritanos formuladores do PRC foram além de Calvino na busca por uma rigidez na formatação de um culto de adoração.

Diante da dificuldade de não termos uma lista extensa da Bíblia sobre o que é permitido e o que é proibido no culto, e diante da dificuldade de separar o que é substância/elemento do que é forma/circunstância, além da dificuldade de termos diferentes interpretações para alguns textos bíblicos-chave, é impossível dizer que o PRC espelha totalmente o ensino bíblico de adoração. Isso não é consenso nem dentro da tradição reformada, como vimos.

E essa também é a grande batalha atual envolvendo o PRC, que acontece não por causa dos elementos, mas, sim, por causa das formas (ou circunstâncias, dependendo da definição que se adota) (KEITH, 2008, p. 23). Como ficou claro, nem

⁵² Muitas dessas obras são citadas nesta pesquisa e fundamentam esse trabalho, tais como: BEEKE, 2016; CARSON, 2017; CLARK, 2008; FRAME, 1997; FRAME, 2006; HORTON, 2007; JOHNSON, 2014a; JOHNSON, 2014b; KELLER, 2017 *in* CARSON, 2017.

na época original de sua formulação houve um consenso sobre o que eram elementos ou circunstâncias na adoração coletiva; o impasse nos dias de hoje continua (KEITH, 2008, p. 29).

A discussão que vamos aprofundar no capítulo a seguir é se as formas (ou circunstâncias) contemporâneas conseguem ser adequadas aos ideais da fé reformada (JOHNSON, 2014a, capítulo 2). A pressuposição é de que, mesmo o PRC não sendo a exata representação do ensino bíblico, mas estando suficientemente perto dele para servir de guia, ele pode e deve ser aplicado a uma estética contemporânea, não estando necessariamente preso a uma estética do século XVII.

Horton (2007) lança esse debate ao dizer que precisamos manter a substância ou os elementos do culto, fazendo uma renovação das formas/circunstâncias, mas sem perder de vista que nenhuma forma é neutra (HORTON, 2007, p. 165-166, 197).

Sendo assim, o PRC consegue se “libertar” das amarras culturais do seu surgimento (Europa do século XVII) e dialogar com a pós-modernidade sem perder a sua integridade de propósito?

3. NECESSIDADE E POSSIBILIDADES PARA UMA ADORAÇÃO REFORMADA CONTEMPORÂNEA E GLOBALIZADA

3.1. Introdução

Como vimos no capítulo anterior, o Princípio Regulador do Culto (PRC) foi formulado com base no entendimento reformado de adoração e de como o culto deve ser, bebendo de fontes como Martin Bucer, mas principalmente João Calvino, e visava trazer uma uniformidade para os cultos reformados, garantido seu apoio escriturístico.

No entanto, vimos que os teólogos que se reuniram na Assembleia de Westminster, que elaboraram a Confissão de Fé de Westminster (CFW) e o Diretório de Culto de Westminster, foram além de algumas perspectivas de Calvino e adotaram uma postura mais rígida, criando categorizações extrabíblicas, como “elemento”, “substância”, “forma” e “circunstância”, para separarem o que deveria ou não, na opinião deles, fazer parte do culto cristão.

Nesse sentido, muitas vezes, os defensores do PRC parecem adotar a suposição de que algumas formas históricas são mais bíblicas e puras do que outras, especialmente a europeia dos séculos XVI e XVII (KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 199-200).

Será que podemos concluir que a abordagem europeia dos séculos XVI e XVII seja completamente bíblica e, portanto, devesse ser preservada, livre de adaptações aos tempos contemporâneos? Parece-nos que essa é uma visão ingênua e idealista, não correspondendo à realidade.

Frame (1997) diz que, embora saibamos que o contexto cultural nunca é neutro, não devemos inferir que exista somente um jeito de conduzir a adoração sem compromisso cultural. (FRAME, 1997, p. 56-57).

Não é evidente para mim que há somente um estilo arquitetônico de igrejas, ou uma ordem de liturgia, ou um padrão de roupa para os adoradores, ou um estilo musical que sozinho consiga abraçar a distinção do Evangelho no mundo contemporâneo. (FRAME, 1997, p. 57) (tradução do autor)

Keller (2014) concorda com ele quando diz que é simplista acreditar que a Bíblia presente e defenda somente um estilo de culto e que é errado defender que sua interpretação pessoal do que a Bíblia ensina sobre adoração é anistórica (KELLER, 2014, p. 353).

Ao comentar o que o Novo Testamento diz sobre a adoração coletiva da Igreja, Carson (2017) diz:

Não há um mandato ou um modelo explícito de uma ordem ou arranjo particular desses elementos. Claro, isso não é negar que pode haver arranjos melhores e piores. Pode-se tentar estabelecer uma ordem litúrgica que reflita a teologia da conversão, ou pelo menos da aproximação geral em direção a Deus: a confissão do pecado antes da garantia da graça, por exemplo. No entanto, a tendência em algumas tradições de detalhar tudo com clareza e afirmar que tais denominações são bíblicamente sancionadas é “ir além do que está escrito” (para usar a frase paulina de 1 Coríntios 4.6). (CARSON *in* CARSON *et al*, 2017, p. 49)

Numa retrospectiva histórica, analisando o contexto formador do PRC, como fizemos no capítulo anterior, fica claro que, mesmo à época, havia diferentes entendimentos culturais, por exemplo, na problemática classificação do que é “elemento/substância” e o que é “forma/circunstância”, pois esses são entendimentos culturalmente condicionados.

A Bíblia não prescreve nem mesmo trata de inúmeras considerações práticas. Ela não estabelece o nível de formalidade nem o grau de previsibilidade nos cultos, não rege a duração do culto nem o tempo reservado a cada parte, os tipos de harmonia, ritmo ou instrumentação musical, o nível de expressão emocional e tampouco a ordem do culto. (KELLER, 2014, p. 355)

Porém, esse é o mesmo entendimento inocente e perigoso que muitos defensores de uma estética litúrgica mais contemporânea adotam com relação à cultura que nos cerca no presente e que os faz adotarem a estética contemporânea sem nenhum tipo de filtro (DAWN, 1995, p. 9). Eles parecem adotar a ideia de que a cultura é neutra e, portanto, inofensiva para o culto de adoração (KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 199).

A grande questão que fica, portanto, ao iniciarmos este capítulo que conclui a argumentação que move esta pesquisa é: como podemos ter uma adoração bíblicamente fundamentada mas que dialogue com os desafios contemporâneos da contemporaneidade, da mesma forma que os formuladores originais do PRC

procuraram fazer em seu contexto cultural? Como usar a liberdade que temos de forma sábia? Como escolher uma abordagem que seja bíblica e ao mesmo tempo relevante?

Vamos partir para a busca de uma resposta a essa pergunta-chave com base em uma retomada do que foi discutido até aqui, nos capítulos 1 e 2, e em uma apresentação de argumentos em favor da necessidade de discutir uma adoração bíblica que abrace os desafios da contemporaneidade.

A partir disso, vamos analisar brevemente alguns modelos de estéticas contemporâneas de culto propostos nos últimos anos, analisando seus pontos positivos e negativos, e concluir com uma proposta de alguns princípios que devem nortear essa busca por um modelo de liturgia e culto que seja reformado, na busca por uma fidelidade às Escrituras, e, ao mesmo tempo, contemporâneo e globalizado para dialogar com as necessidades do século XXI.

3.2. O embate entre uma liturgia mais conservadora e uma liturgia mais contemporânea: o surgimento da música de adoração contemporânea e as guerras de adoração

Embora o debate entre visões mais históricas/conservadoras e visões mais contemporâneas para a liturgia possa ser considerado simplista (KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 200), é ele que tem dominado a cena do embate litúrgico em meios protestantes evangélicos desde os anos 1980 e ganhado novos contornos com o fortalecimento do calvinismo a partir dos anos 2010, como vimos na introdução deste trabalho.

Os grupos modernos acham que os tradicionalistas defendem verdades confortáveis e racionalistas que já não os tocam, enquanto os intrépidos defensores do passado se preocupam com o fato de que os contemporâneos mais jovens estão tão envolvidos com experiências exageradas, que não se importam com a verdade, muito menos com a beleza. (CARSON *in* CARSON *et al*, 2017, p. 11)

Dizemos que esse debate é simplista porque em alguns momentos parece que só há duas alternativas: o modelo tradicionalista ou a contemporaneidade de

modismo (CARSON *in* CARSON, 2017, p. 11) e muitas vezes toda a “guerra” se limita somente às formas estéticas, sem explorar as questões mais profundas e amplas.

Frame (1997), por exemplo, sugere que discutir sobre a chamada “música cristã contemporânea” (MCC) envolve temas e reflexões mais profundas como: a relação Cristo x cultura; a relação entre as Escrituras e a tradição; contextualização da mensagem; a relação intelecto x emoções; a questão da estética no que tange a adoração, entre outros (FRAME, 1997, p. 2).

Michael Horton (2007) concorda com ele ao afirmar que muitos criticam o uso da MMC, por exemplo, sem fazer jus à realidade dos cultos contemporâneos. (HORTON, 2007, p. 208) E nos ensina “Há um caminho melhor, além do impasse tradicional-contemporâneo. (...) A lógica do mercado tem nos tomado como reféns de sua segmentação.” (HORTON, 2007, p. 206)

Vejamos o contexto onde começa essa “guerra” de adoração e qual a influência desse debate em nossa discussão.

3.2.1. Música cristã contemporânea e a Teologia Carismática

Muito dessas guerras de adoração está ligado ao surgimento da MCC e a adoção desse estilo musical nas liturgias das igrejas, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 (INGALLS, 2008, p. 104).

A MCC é a música com conteúdo cristão, que se utiliza da estética da música popular contemporânea. Esta última é a música que não exige nenhum tipo de treinamento formal para ser apreciada, ao contrário da música erudita, que requer certo grau de instrução do ouvinte. É a música que encontramos nas ruas, nos comércios e na mídia.

A MCC rompe com a estética da hinódia mais antiga, e passa a se valer dos valores estéticos da música popular de sua época, no final dos anos 1960, para passar a mensagem cristã. Essa música jovem cristã surgiu, em meio a um movimento de

renovação espiritual chamado Movimento de Jesus , que nasceu fora das estruturas das igrejas históricas institucionalizadas e começou na Califórnia e que se espalhou por todos os Estados unidos no final da década de 1960 e início dos anos 1970, atingindo milhares de jovens.

Algumas das várias influências que convergiram para trazer à tona este movimento: Uma busca por autenticidade, a rejeição do racionalismo liberal, uma contra revolução de classe média contra a permissividade dos anos 1960, e uma busca por comunidade criaram uma mistura que deu combustível ao crescimento do cristianismo evangélico. O “Jesus Movement”, nascido ao sudoeste da Califórnia, ao final dos anos 1960, é o que melhor exhibe essas conexões (INGALLS, 2008, p. 55). (tradução do autor)

O Movimento de Jesus trouxe para a igreja cristã protestante nos EUA e depois para todo o mundo uma forte influência teológica carismática. O professor Alderi Matos (2013) define Movimento Carismático como: “[...] ‘Movimento carismático’ (lato sensu): todo movimento que dá ênfase aos dons carismáticos do Espírito, principalmente os de natureza extraordinária, como profecia, curas e glossolalia. Geralmente, também tem um forte componente apocalíptico (milenismo).” (MATOS, 2013)

Tornou-se quase impossível definir o movimento carismático em termos doutrinários. [...] o movimento cresceu assustadoramente. Na verdade, ele alcançou o que o movimento ecumênico foi incapaz de conseguir – a unidade exterior, de modo geral indiferente a qualquer preocupação teológica. O movimento carismático abriu as portas para quase todas as denominações e seitas que aderem a algum tipo de manifestação dos dons carismáticos. Também conhecido como neopentecostalismo, o movimento carismático é herdeiro do pentecostalismo, surgido por volta de 1900. (...) O movimento carismático espalhou-se entre episcopais, metodistas, presbiterianos, batistas e luteranos. E tem crescido desde então, incorporando católicos, teólogos liberais e vários grupos pseudocristãos. Portanto, é difícil (ou impossível) de definir o movimento carismático por meio de alguma doutrina ou ensino advogado por todos os adeptos do movimento. O que os carismáticos têm em comum é a *experiência* – que creem ser o batismo do Espírito Santo (MACARTHUR, 2011, p. 20).

Essa influência carismática transformou a estética litúrgica de muitas igrejas, inclusive históricas, que sempre adotaram, até então, uma liturgia mais reformada. Esse processo não foi fácil (INGALLS, 2008, p. 109).

A ampla adesão de jovens – grande parte oriundos desse movimento – ao cristianismo protestante nos EUA no final dos anos 60 provocou algumas consequências para aquele campo religioso: (1) igrejas tradicionais adotaram estilos mais informais nos cultos para incluir os novos convertidos e passaram a admitir até mesmo no seu *staff* pessoas provenientes do movimento hippie (CUNHA, 2007, p. 72).

Michael Horton (2007) observa que esse fenômeno deu origem à uma homogeneização que transcende as barreiras denominacionais:

Em gerações passadas, o estilo de culto distinguia, imediatamente, uma igreja da outra, em razão de diferentes entendimentos teológicos; hoje, um visitante numa igreja reformada, batista ou luterana poderá pensar que está num *shopping* espiritual genérico (HORTON, 2007, p. 198).

3.2.2. Música de adoração contemporânea

A MCC desenvolveu um braço de uso litúrgico, a chamada Música de Adoração Contemporânea (MAC), através de gravadoras como a *Maranatha!Music*, *Vineyard Music* e *Integrity!Music*, e que atingiram o mundo todo com suas canções, fazendo uma exportação do modelo de culto carismático que se utiliza da MAC. Todas essas gravadoras possuem origem carismática (PINSON *in* DUNCAN *et al*, 2009, p. 12).

O teólogo John M. Frame (1997) define a MAC assim:

(1) bem mais contemporânea e popular em seu idioma musical e de letras do que tradicional ou clássica. (2) A maior parte dela consiste em músicas com uma estrofe e um coro, em oposição aos muitos versos da hinódia tradicional. (3) Os textos da MAC tendem a ser bem mais simples do que os da hinódia tradicional (4) Na MAC, tem muito mais ênfase no louvor (em oposição ao lamento, confissão de pecados, ensinamento, testemunho pessoal ou súplicas) do que na hinódia tradicional, embora outros aspectos da adoração também estejam presentes (FRAME, 1997, p. 8) (tradução do autor).

Na prática, a utilização da MAC nos cultos de adoração pública implicou no surgimento dos blocos de músicas com duração de 20 a 40 minutos, sendo chamado de período de louvor, ou período de adoração, rompendo com o entendimento reformado do culto todo como adoração. Essa definição tem uma carga teológica carismática dentro dela, pois o objetivo era um encontro íntimo com Deus (INGALLS, 2008, p. 80).

Na gênese desse pensamento, encontramos a grande influência de John Wimber, grande líder do movimento *Vineyard*, mas que levou a influência do culto carismático para muito além das suas próprias fronteiras (NEEDHAM *in* RYKEN; THOMAS; DUNCAN, 2003, p. 410) e que concebeu um modelo de como organizar o

momento de louvor e adoração, chamado de “Cinco Fases da Adoração”, que na prática remodelou o desenho litúrgico do culto de adoração..⁵³ Wimber que, igualmente é oriundo do Movimento de Jesus, foi um dos líderes que mais influenciou a teologia do movimento carismático, e sua concepção de adoração estava carregada com seu entendimento carismático de culto.⁵⁴

Andy Park (2002), importante líder de louvor e compositor do movimento *Vineyard*, diz sobre a concepção de adoração de Wimber:

John tinha um profundo desejo de ter genuína comunhão com Deus durante a adoração e ele resistia a qualquer técnica musical ou manipuladora que pudesse depreciar a experiência de adoração e a transformasse em algo carnal, em vez de uma experiência espiritual. [...] John era o líder de igreja mais informal que eu já tinha visto. Ele vinha para a igreja vestindo bermuda e uma camisa havaiana florida. [...] John dizia que deveríamos ‘vir como estávamos’ para adorar. Um de seus mais fortes valores na adoração era a honestidade diante de Deus (PARK, 2002, p. 296-298).

Chapell (2009) diz que os cultos carismáticos contemporâneos perderam o seu desenho baseado no entendimento do Evangelho, como era o entendimento desde a Reforma Protestante, como vimos, e passaram a adotar um modelo mais fluido, sem transições e que favorece um apelo mais emocional (CHAPPELL, 2009, capítulo 6).

Essa nova visão sobre a adoração congregacional que valoriza um fluir suave do cultos foi chamada de “livre fluir” e eliminou ou combinou vários elementos do culto (REDMAN, 2002, capítulo 2).

Esse período de músicas que foi chamado de “momento de adoração” definiu efetivamente como “adoração” o canto congregacional, separando a pregação da Palavra de Deus da atividade de “adoração” (INGALLS, 2008, p. 85).

⁵³ Em meu livro “Mergulhando na Adoração: aspetos práticos do ministério e da ministração de louvor”, no capítulo 18, eu abordo mais profundamente a questão de como o modelo das “Cinco Fases da Adoração” funciona. (MARINONI, 2010). No Apêndice 1 do livro de Park (2002), pode ser encontrado mais detalhes também sobre o pensamento de Wimber sobre essas etapas. Williams também fala sobre o entendimento de Wimber na adoração congregacional nas cinco etapas, no capítulo onde defende a adoração carismática. (WILLIAMS in BASDEN, 2006, p. 151) Redman (2002) também vai abordar esse entendimento de Wimber sobre as cinco fases (REDMAN, 2002).

⁵⁴ Mais sobre um pequeno histórico de John Wimber em português pode ser encontrado no Apêndice 1 do livro “Em Espírito e em Verdade”, de Andy Park, onde ele diz: “Antes de se tornar um dos líderes do movimento Vineyard, John Wimber era pastor da Igreja dos Amigos, movimento conhecido antigamente como os ‘quákers, do inglês “quakers””. John e Carol foram influenciados pela ênfase dos quákers de esperar no Senhor e estar abertos ao Espírito Santo” (PARK, 2002, p. 295 e 296).

Ainda atrelado ao modelo mais contemporâneo carismático de culto está a associação de uma subjetividade em relação a adoração. O desenho de um culto contemporâneo deixou de ser moldado pelo Evangelho e passou a ser mais uma questão de gosto pessoal.

E em todo o culto carismático contemporâneo existe uma grande expectativa de um momento de encontro com Deus através do Espírito Santo (REDMAN, 2002, capítulo 2). Esse encontro é o que Wimber vai chamar de intimidade, a última fase de adoração.

O resultado prático é que há uma redefinição do papel do Espírito Santo no culto. No entendimento reformado clássico, o Espírito Santo estava em atuação através da Palavra, e nos sacramentos, mas agora passa a ter uma ação sem mediadores, diretamente nas pessoas. E seus sinais que antes eram vistos como arrependimento de pecados, iluminação espiritual e edificação em Cristo agora passam a ser vistos como cair no espírito, sensações físicas, euforia e risadas (NEEDHAM *in* RYKEN; THOMAS; DUNCAN, 2003, p. 410-411).

3.2.3. O desenho do culto carismático

Redman (2002) propõe o desenho de um culto contemporâneo carismático como dividido em três ou quatro seções, a depender do contexto, mas com destaque para duas seções, que são a ministração de louvor e a pregação. Vamos ver um resumo desse desenho:

ABERTURA / PERÍODO DE LOUVOR (de 30 a 40 minutos, em média)

ORAÇÃO / AVISOS

SERMÃO (30 minutos em média)

MINISTRAÇÃO/ ENCERRAMENTO

Importante fazer algumas ressalvas. O momento de louvor, em muitos círculos carismáticos é dividido entre o que é chamado de “canções de louvor” e “canções de adoração”. As primeiras são canções mais agitadas, com um arranjo mais retumbante, e que são utilizadas no início do culto (INGALLS, 2008, p. 86). As segundas são canções mais verticais (o adorador canta para Deus) e possuem um ritmo mais lento, e um arranjo mais intimista (INGALLS, 2008, p. 89).

O próprio desenho do momento de louvor é encarado como uma réplica da caminhada do adorador pelo tabernáculo/templo, sendo que as canções de louvor são associadas com o Santo Lugar e as de adoração com o Santo dos Santos (INGALLS, 2008, p. 86 e 89).

O embate entre a visão carismática de culto com visões mais reformadas conservadoras gerou as chamadas “guerras de adoração”, com a música utilizada no culto ocupando o centro do debate, que foram tão sérias, com defensores e detratores inflamados de ambos os lados, que autores e teólogos importantes se dedicaram a escrever sobre isso, como Marva Dawn (1995), John Frame (1997), e surgiram vários livros tentando trazer um diálogo entre diferentes visões litúrgicas na busca de um apaziguamento nessas guerras de adoração.⁵⁵

Keller (2014) diz que a guerra foi vencida nos anos 1990 pela geração dos *baby boomers*, nascidos na década de 1960 e 1970, ou seja, a adoção da música de adoração contemporânea, principalmente ligada a uma visão carismática do culto dominou o cenário, mas faz a ressalva que atualmente, em pleno século XXI, o cenário voltou a se complicar (KELLER, 2014, p. 353).

3.3. Uma breve análise de estéticas litúrgicas contemporâneas: a adoração contemporânea, a adoração combinada e a adoração emergente

A partir da adoção da liturgia carismática, inclusive em igrejas não carismáticas e até mesmo de histórico reformado a partir dos anos 1980, e da ampla

⁵⁵ Dentre os livros que foram escritos com este propósito, os principais são BASDEN, 2006; CARSON *et al*, 2017 e DUNCAN *et al*, 2009.

aceitação que este modelo litúrgico obteve, outras propostas surgiram, tentando equilibrar uma visão contemporânea de liturgia, mas que não estivesse tão comprometida com a visão de culto carismática.

Vamos abordar aqui, brevemente, os aspectos principais dessas propostas litúrgicas que buscam dialogar com a contemporaneidade, apontando seus pontos fortes e seus pontos negativos.

Mais uma vez se faz necessário ressaltar que, embora todo este trabalho tenha uma visão mais ampla da liturgia, com seus vários elementos, o debate contemporâneo se centrou muitas vezes no papel da música e a partir do estilo musical se derivou o estilo de outros elementos do culto (FRAME, 1997, p. 49).

Mesmo assim, procuraremos transcender a discussão do estilo musical, aprofundando o debate para questões

3.3.1. Adoração contemporânea

A tentativa de se criar essa terminologia é para separar a MAC de uma adoração necessariamente comprometida com os princípios carismáticos. A origem da adoração contemporânea é a mesma da adoração carismática mas diferem no modo em que entendem os dons e atuação do Espírito Santo na adoração. (HORNESS *in* BASDEN, 2006, p. 169).

Embora ambos os movimentos busquem estimular a atividade do Espírito Santo na adoração, a ênfase da adoração contemporânea está no movimento interno do Espírito no coração da comunidade, ao passo que o movimento carismático adota e incentiva também sinais externos de sua presença (HORNESS *in* BASDEN, 2006, p. 170).

Com essa diferenciação relevante feita, a Adoração Contemporânea se define como um estilo que

empenha-se no uso de instrumentos modernos (guitarra, instrumentos de percussão, sintetizadores, sopros), de estilos musicais contemporâneos (*rock, jazz, hip hop, gospel*) e de canções com letras ou arranjos novos (cânticos e adaptações de hinos tradicionais), utilizando tudo na linguagem da geração presente, a fim de conduzir as pessoas a expressões autênticas

de adoração e a experiências genuínas na presença de Deus (HORNESS *in* BASDEN, 2006, p. 106-107).

E ainda podemos acrescentar: “Essas expressões de música de adoração cristã e liturgia estão enraizadas em múltiplos idiomas culturais contemporâneos, paisagens sonoras contemporâneas e mentalidades culturais contemporâneas” (WILT *in* DUNCAN *et al*, 2009, capítulo 5).

A Adoração Contemporânea se coloca como herdeira da mesma motivação que moveu Martinho Lutero, na busca por um cântico contemporâneo pra fortalecer a Reforma, Isaac Watts, na renovação da hinódia, e os irmãos Wesley no avivamento metodista (WILT *in* DUNCAN *et al*, 2009, capítulo 5).

A Adoração Contemporânea, assim como sua meia-irmã carismática, também enfatiza o relacionamento com Deus (HORNESS *in* BASDEN, 2006, p. 109). Tudo isso com o grande ideal de se comunicar com a geração de nossos dias., principalmente com não-cristãos.

Foi dentro do contexto da adoração contemporânea que surgiu a ideia do culto voltado para o não-cristão, os chamados *seeker friendly*, ou em tradução livre, cultos sensível para quem busca a Deus ou espiritualidade, que foram amplamente utilizados e propagados por Bill Hybels e a *Willow Creek* e Rick Warren, com a *Saddleback Church* dentro do chamado movimento “Igreja com Propósito”, trabalhado em inúmeros livros, e que foi um movimento extremamente influente nos anos 1990 (KELLER, 2014, p. 358).

Os cultos voltados para os não-cristãos se preocupam mais em comunicar com aqueles que não vieram da tradição judaico-cristã do que com a adoração dos que já são cristãos. Com isso, há uma preocupação com uma linguagem destituída de vocabulários estritamente cristãos, um ambiente descontraído, ênfase em um ambiente mais alegre e convidativo, evitam características da adoração histórica (FRAME, 1997, p. 47) além do uso de arte e tecnologia de forma mais ampla no culto (HORNESS *in* BASDEN, 2006, p. 111).

Keller (2014) faz uma crítica a esse modelo de culto, dizendo é falsa essa dicotomia que insiste que precisamos escolher entre agradar a Deus ou nos preocupar

com os visitantes e afirma que um culto modelado pelo Evangelho é suficiente para alcançar os não-cristãos e nutrir e edificar os cristãos (KELLER, 2014, p. 359-360).

Com tudo isso que foi trabalhado sobre a Adoração Contemporânea, é necessário dizer que o desenho do culto é muito semelhante ao apresentado quando falamos do culto de adoração carismático contemporâneo.

3.3.2. A adoração combinada

A Adoração Combinada é uma tentativa de se chegar a um acordo de paz nas guerras de adoração buscando unir o melhor dos dois mundos. Mas essa tentativa de diálogo entre duas escolas diferentes de liturgia não é sempre bem sucedida, e podemos ver, na literatura disponível que até mesmo aqueles que advogam pela adoração combinada não conseguem chegar a uma definição única do que seria essa proposta.

Robert Webber (2006) chega a dizer que essa tentativa de unir a liturgia mais tradicional com a contemporânea é excelente porque o que falta em uma é forte na outra e vice-versa. Na liturgia tradicional, faltava o sentido da experiência real e vital com Deus. No movimento contemporâneo, faltava substância. Para ele, “a adoração combinada juntou o conteúdo do movimento litúrgico com a experiência do movimento contemporâneo (WEBBER *in* BASDEN, 2006, p. 184).

Mas Robert Webber veio de um contexto carismático, ligado ao movimento de Jesus, e por isso, sua visão é mais otimista com relação ao movimento contemporâneo. Já Mark Dever e Michael Lawrence (2009) que vêm de um contexto mais conservador reformado, já são mais cautelosos com esse diálogo entre essas duas vertentes litúrgicas.

Na verdade, não existe um modelo definido para a Adoração Combinada.

A Adoração Combinada também recebeu várias formas, variando de incorporação de canções de louvor nas igrejas mais tradicionais a um arranjo mais contemporâneo tanto para canções de louvor quanto para hinos, ou com uma dicotomização musical dentro do mesmo culto, onde os hinos são

tocados de um jeito mais tradicional usando arranjos instrumentais convencionais, enquanto as canções de louvor são tocadas no estilo contemporâneo com o acompanhamento de uma banda (INGALLS, 2008, p. 113).

Dever e Lawrence (2009), se utilizando de termos que definimos no capítulo anterior, dizem que a Adoração Combinada consiste no uso de elementos do culto, que são bíblicamente orientados, mas numa variedade de estilos e formas (DEVER; LAWRENCE *in* DUNCAN *et al*, 2009, capítulo 7).

Isso na prática se traduz em canções que vão dos hinos ou salmos metrificadas à canções contemporâneas de adoração, numa variedade de estilos. Quando se fala de oração, elas podem ser escritas e preparadas com antecedência, como espontâneas. A leitura das Escrituras deve ser feita pelo pastor, no texto que vai pregar, mas também inserida em outros momentos do culto e lida por outros membros da congregação (DEVER; LAWRENCE *in* DUNCAN *et al*, 2009, capítulo 7).

Embora Dever e Lawrence (2009) pareçam concordar com Frame numa aplicação mais ampla do PRC, com o desenvolvimento da argumentação deles, fica claro que eles abraçam o entendimento mais clássico do PRC restrito ao culto de adoração coletivo (DEVER; LAWRENCE *in* DUNCAN *et al*, 2009, capítulo 7).

Eles defendem que para eles a Adoração Combinada não é uma mistura de estilos, pura e simplesmente, embora eles entendam que Webber (2006), outro advogado da Adoração Combinada possa ser interpretado dessa forma (DEVER; LAWRENCE *in* DUNCAN *et al*, 2009, capítulo 7).

O desenho de um culto que segue a Adoração Combinada fica assim (DEVER; LAWRENCE *in* DUNCAN *et al*, 2009, capítulo 7):

MÚSICA DE PREPARAÇÃO (Pode ser hinos ou canções contemporâneas, ou os dois)

LEITURA DE CONVITE À ADORAÇÃO

ORAÇÃO DE INVOCAÇÃO

CÂNTICO CONGREGACIONAL (Pode ser hinos ou canções contemporâneas, ou os dois)

ORAÇÃO DE LOUVOR

LEITURA DAS ESCRITURAS

ORAÇÃO DE CONFISSÃO

CÂNTICO CONGREGACIONAL (Pode ser hinos ou canções contemporâneas, ou os dois)

ORAÇÃO DE AÇÕES DE GRAÇAS

SERMÃO (Expositivo)

Para os críticos dessa posição, ela não é nem renovada o suficiente para os que buscam uma liturgia mais contemporânea e nem conservadora o suficiente para os que buscam uma liturgia mais tradicional e pode parecer uma mistura forçada.⁵⁶

3.3.3. Adoração emergente

A Adoração Emergente se coloca como algo novo que não se encaixa em modelos anteriores (KIMBALL, 2004, p. 16). Brian McLaren, citado por Carson (2010), Dan Kimball (2004) e Sally Morgenthaler (2006) são três dos maiores expoentes dessa proposta que busca ser o mais contemporânea possível, sendo que para eles, a Adoração Contemporânea e sua estética já está datada.

Ambos defendem que a liturgia da Adoração Emergente é menos organizada e planejada tanto que a adoração tradicional reformada quanto o culto contemporâneo. Morgenthaler (2006) diz que existe uma homogeneização da liturgia

⁵⁶ Isso fica claro na réplica que Harold Best (2006), defensor de uma liturgia mais tradicional, e Joe Horness (2006), defensor de uma liturgia contemporânea, fazem à apresentação da proposta de Webber (2006) para a Adoração Combinada (WEBBER *in* BASDEN, 2006, p. 241-252). Também nas respostas de Dan Wilt (2009) e Dan Kimball (2009), defensores da Adoração Contemporânea e da Adoração Emergente, respectivamente, pois ambos se mostram insatisfeitos com o alcance da proposta da Adoração Combinada (DUNCAN *et al*, 2009, capítulo 8).

contemporânea, com um modelo sendo replicado em vários lugares do mundo (MORGENTHALER *in* BASDEN, 2006, p. 236).

Ambos apontam que embora a Adoração Emergente seja o resultado da busca de uma geração criada já numa sociedade sem valores judaico-cristãos no seu fundamento, de forma misteriosa, essas pessoas se voltaram para formas litúrgicas de adoração, mas as ressignificando, numa colagem bem característica da pós-modernidade (MORGENTHALER *in* BASDEN, 2006, p. 232).

Essa mudança, defende Kimball (2004), também vai muito além de uma mudança de estilo. É uma mudança de filosofia e pensamento mais profundo. (KIMBALL, 2004, p. 40-41) Dentro dessa visão, o culto de adoração se torna mais holístico (integrado ao todo da missão da igreja) (KIMBALL, 2004, p. 51) e mais orgânico (a partir das particularidades do indivíduo e de uma comunidade) (MORGENTHALER *in* BASDEN, 2006, p. 237).

Sendo assim, há uma preocupação maior com conteúdo do que com uma produção mais elaborada, e os cultos emergentes não se preocupam em serem lineares. (KIMBALL, 2004, p. 76) Carson (2010) concorda com isso ao afirmar que na Igreja Emergente existe uma ênfase nos sentimentos e afeições em oposição ao pensamento linear (CARSON, 2010, p. 34).

Essa visão de culto de adoração abraça o mistério, e os sermões buscam colocar o adorador situado dentro da narrativa do Evangelho e das Escrituras (MORGENTHALER *in* BASDEN, 2006, p. 231). O adorador adota uma postura mais ativa e passa a ser menos espectador. (KIMBALL, 2004, p. 74)

Essa é uma característica importante, sendo que a cultura pós-moderna valoriza o poder das narrativas. Importante fazer a ressalva de que, segundo McLaren, metanarrativas são encaradas como absolutistas e por isso, é importante, as narrativas fragmentadas se tornam centrais. (CARSON, 2010, p. 37)

Na prática, a Adoração Emergente tem uma narrativa pós-moderna e abraça a cultura multifacetada de estilos, recortando vários estilos na montagem de um culto mais autêntico e abrangente, na percepção deles (KIMBALL, 2004, p. 83) e podem ter

diversas manifestações artísticas construindo essa narrativa não-linear (MORGENTHALER *in* BASDEN, 2006, p. 232).

A adoração emergente também vê com bons olhos a utilização de elementos visuais no culto de adoração, como velas e crucifixos (CARSON, 2010, p. 43). A mensagem bíblica é passada através de um misto de palavras, artes visuais, silêncios propositais, testemunhos pessoais e histórias (CARSON, 2010, p 44).

O desenho de um culto emergente, embora tenha muitas variações pode ser mais ou menos assim (KIMBALL, 2004, p. 137-138):

PRELÚDIO (Música com alta energia)

CANÇÃO DE ADORAÇÃO

BOAS VINDAS (Com pergunta para interação)

OFERTAS E AVISOS

LEITURA DE POESIA

MENSAGEM (com uso de Power Point, objetos para ilustração e *flip chart*.)

CÂNTICO E RESPOSTA

ORAÇÃO E INTERCESSÃO (Enquanto a banda toca, há uma oração uns pelos outros)

FECHAMENTO (com a leitura de alguma passagem de livro que tenha a ver com o tema geral do culto)

Carson (2010) destaca que a Igreja Emergente, na busca por uma liturgia conectada com os tempos em que vivemos, tem seus méritos, por buscar esse diálogo relevante com a cultura que nos cerca (CARSON, 2010, p. 56-57). E elogia o esforço para retomar elementos históricos da tradição reformada (CARSON, 2010, p. 65).

Mas ele também afirma que existe uma condenação ao cristianismo confessional, ou às tradições históricas de adoração, como a liturgia reformada (CARSON, 2010, p. 77-78).

Robert Webber (2006) diz que essa busca pela relevância cultural causa um esgotamento pela necessidade de criação de liturgias novas a todo momento, e que torna a igreja escravizada culturalmente (WEBBER *in* BASDEN, 2006, p. 259).

Essa é uma crítica recorrente ao movimento da Igreja Emergente, e conseqüentemente, da liturgia proposta por eles, de que se tornam tão parecidos com a cultura e que se torna difícil trazer qualquer crítica à ela.

3.4. Desafios propostos por tempos contemporâneos e a necessidade de contextualização

Embora não seja novidade na história da igreja, os tempos contemporâneos propõem vários desafios para a comunidade cristã⁵⁷ e, em nossa análise, especialmente para a liturgia cristã. E qualquer proposta litúrgica relevante para os dias atuais, deve dialogar com esses desafios.

Estes desafios externos incluem o atual ambiente cultural e o ressurgimento das ideologias políticas e religiosas. Os desafios internos incluem a acomodação evangélica à religião civil, racionalismo, ênfase no aspecto privado e pragmatismo (WEBBER, 2008, Apêndice) (tradução do autor).

Temos defendido em todo o tempo uma liturgia que seja ditada pelas Escrituras e desenhada pelo Evangelho. Essa aplicação da autoridade das Escrituras sobre o culto cristão, no que podemos chamar de dogma⁵⁸, como algo que é dado e deve ser recebido pela fé (NEWBIGIN, 2016, p. 18) é colocada em xeque.

No entanto, a partir dessa revelação e formulação do dogma, ele precisa passar sempre por atualizações na sua formulação e aplicação, pois o contexto muda de acordo com o local e a época.⁵⁹ Apesar do caráter autoritativo dos dogmas, é

⁵⁷ Alguns exemplos podem ser citados como: o pluralismo relativista, o posicionamento da religião como algo subjetivo e não prático, a negações dos padrões judaico-cristãos, entre outros. Para maior aprofundamento nessas questões, indicamos NEWBIGIN, 2016 e PEARCEY, 2006.

⁵⁸ McGrath (2015) discute de forma bastante interessante a aplicação dos termos “dogma” e “doutrina”, mostrando suas similaridades e diferenças. (MCGRATH, 2015, p. 24-25)

⁵⁹ Newbigin (2016) chama esse contexto de “estruturas de plausibilidade” e diz que são “padrões de crença e de prática aceitos por uma determinada sociedade, que determinam quais crenças são plausíveis para seus membros e quais não são. (NEWBIGIN, 2016, p. 22)

preciso reconhecer sua necessidade de reformulação de acordo com a mudança dos tempos e dos contextos.

É preciso afirmar que esse processo de reapropriação crítica contínua do dogma, da tradição, e fazer com que haja um diálogo contextualizado com tempos e desafios atuais não é uma tarefa fácil. Devemos nos questionar que critérios devem ser empregados na avaliação desse passado para que se selecione quais são os aspectos da tradição cristã que devem ser mantidos, por sua vitalidade e relevância contemporâneas (MCGRATH, 2015, p. 9).

McGrath (2015), então, propõe um abandono da repetição acrítica da herança narrativa da tradição, somente porque ela está no passado. Newbiggin (2016) concorda com ele quando afirma a necessidade de uma constante contextualização que muitas vezes não ocorre porque “a igreja tem buscado segurança em seu próprio passado, em vez de arriscar sua vida num envolvimento profundo com o mundo” (NEWBIGGIN, 2016, p. 198).

Essa contextualização faz com que, no nosso caso em questão, o Evangelho seja “comunicado na língua daqueles a quem está sendo comunicado e deve estar revestido de símbolos que sejam significativos para eles” (NEWBIGGIN, 2016, p. 185). E esse é um processo constante e uma tarefa árdua.

Claro que há o risco da contextualização exagerada⁶⁰, quando a narrativa secularizada dita os termos, e então, “o mundo não é desafiado em sua profundidade, mas, em vez disso, absorve e domestica o Evangelho e usa-o para sacralizar seus próprios propósitos”⁶¹ (NEWBIGGIN, 2016, p. 198).

⁶⁰ Smith (2018) vai dizer que devemos nos aprofundar sobre os riscos de assimilação pela participação da igreja na cultura (SMITH, 2018, p. 93).

⁶¹ Smith (2018) dá um exemplo sobre isso ao comentar o consumismo na sociedade moderna: “Infelizmente, a resposta cristã às liturgias de consumismo é, não raro, extremamente inadequada, e chega a ser até mesmo uma paródia do shopping. Em vez de se opor, como seria de se esperar, à liturgia do consumo, a igreja acaba por imitá-la, substituindo-a simplesmente por mercadorias cristãs – versões ‘jesusificadas’ dos produtos seculares, que são adquiridos, acumulados e descartados para abrir espaço para o novo e para o original’ (SMITH, 2018, p. 106).

Portanto, os termos do enorme desafio para uma liturgia cristã profunda, fundamentada na tradição e ao mesmo tempo relevante para o século XXI, estão lançados.

Vivemos numa sociedade pluralista⁶² com uma “estranha separação entre ‘nós sabemos’ e ‘nós cremos’” (NEWBIGIN, 2016, p. 31), com questionamento total de valores do passado, e nesse cenário temos que buscar um culto cristão que seja bíblico, que rompa com as narrativas secularizadas na formação do caráter cristão, no que Smith (2018) chama de “práticas cristãs *contraformadoras*” (SMITH, 2018, p. 125). Por isso, que ele vai propor “ler” a sociedade pelas lentes da adoração, no processo que ele chama de “exegese cultural” (SMITH, 2018, p. 91).

Nessa visão, as liturgias seculares capturam nosso coração, cativam nossa imaginação e nos levam a rituais que nos ensinam a amar algo que não é o Reino de Deus. Somente a adoração cristã, o culto cristão pode combater esse processo de formação errada, e ser intencionalmente formativa e pedagógica (SMITH, 2018, p. 90).

Esse “intencionalmente” nos mostra que não são leituras simplistas do cenário em que nos encontramos que irão solucionar esses grandes desafios, e por isso a necessidade da reflexão a que nos propusemos nesta pesquisa, recuperando a força bíblica, o mergulho na tradição e o entendimento do contexto cultural em que vivemos.

O culto deveria ser interessante – afinal, é um encontro com Deus! – e seria interessante, se os ministros e suas congregações demonstrassem com inteligência e arte a intenção no desenvolvimento e significado de cada ato do culto. Entretanto, quer seja o culto contemporâneo quer seja o tradicional, ambos se tornarão rotineiros, maçantes e sem propósito, se permitirmos que ele se realize sem uma direção intencional em sua preparação (HORTON, 2007, p. 170).

Marva Dawn (1999) comenta a questão da falta de intencionalidade e cuidado na preparação de um culto, usando como exemplo uma liturgia mais tradicional.

Algumas denominações tem uma liturgia mais formal e usam elementos que datam dos primeiros séculos da Igreja, portanto, compartilham elementos de adoração com outras comunidades cristãs através do tempo e do espaço. Essas liturgias tradicionais não são monótonas nelas mesmas, mas pode se

⁶² Newbigín (2016) diz que essa pluralidade é comemorada como algo aprovado e valorizado: “O pluralismo é concebido como sendo uma característica própria da sociedade secular, na qual não há um padrão oficialmente aprovado de crenças ou condutas.” (NEWBIGIN, 2016, p. 13)

tornar quando elas são ministradas sem cuidado. Enquanto não há um padrão absoluto sobre como as coisas devem ser, as Escrituras nos chamam frequentemente para a fidelidade, decência e ordem e atenção aos detalhes (DAWN, 1999, p. 200) (tradução do autor).

Toda essa jornada nos leva a conclusão de que necessitamos de um modelo litúrgico que valorize todos esses aspectos e encontramos no modelo proposto por Tim Keller (2017), com duas vertentes, sendo a primeira uma Adoração Reformada Contemporânea, e a segunda uma Adoração Contemporânea Reformada, uma proposta que merece ser analisada com cuidado para responder as perguntas feitas por esta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é o momento neste trabalho que diante de tudo que foi discutido, vamos analisar a proposta de um modelo litúrgico que faça jus a tudo que foi analisado aqui em nossa pesquisa.

Tendo por base a discussão do capítulo 1 sobre a necessidade do culto cristão continuar a ser o local formador do caráter cristão, onde o Evangelho cria vida e é reencenado pelos adoradores do Deus vivo, passamos pelo capítulo 2 onde destacamos entendimento de Calvino sobre o culto cristão, no que o reformador entendia como um retorno à adoração da igreja primitiva, na busca por um culto simples, que seja bíblico na sua forma e conteúdo, e que seja instrutivo e pedagógico.

Depois chegamos até a formulação histórica do Princípio Regulador do Culto (PRC) dentro do contexto maior da Confissão de Fé de Westminster (CFW), e na busca puritana por um culto exclusivamente ordenado pelas Escrituras, que passa pela criação das categorias elemento/substância e forma/circunstância, até chegarmos na aplicação e entendimento do PRC no desenvolvimento histórico posterior.

No capítulo 3, apresentamos a ruptura litúrgica causada pela aplicação da teologia carismática ao culto cristão, o surgimento da Música Cristã Contemporânea (MCC) e da Música de Adoração Contemporânea (MAC), e o surgimento de propostas e modelos litúrgicos contemporâneos que, cada um à sua maneira, procuraram apresentar propostas que já foram analisadas em seus pontos positivos e negativos para lidar com os desafios contemporâneos.

Com base na constante necessidade de contextualização, abordada no capítulo anterior, deduzimos que o PRC, por ser uma formulação fruto de esforços dos séculos XVI e XVII, não pode ser aplicado sem uma análise crítica que, ao mesmo tempo preserve a sua intenção original na busca de uma adoração bíblica, reveja em que pontos ele pode ser reformulado para dialogar melhor com o contexto histórico do século XXI. Nos parece que, como princípio, ele não deve ser absoluto, mas, sim dialogar com diferentes contextos culturais e estéticas litúrgicas.

É aí que surge a necessidade de algum modelo que atenda a todos esses pontos, tendo coerência, sem superficialidade e que seja bíblico e honre a tradição reformada da igreja. Michael Horton (2007) clama: “Precisamos ir além das categorias de tradicional e contemporâneo e redescobrir a urdidura e a trama do culto bíblico, confessional e teológico” (HORTON, 2007, p. 211).

Nesse sentido, Keller (2017) advoga a favor de um modelo de proposta litúrgica que seja ao mesmo tempo fiel à tradição reformada e contemporânea e que, segundo ele, pode instruir e moldar o culto coletivo num cenário muito contemporâneo (KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 202).

Para ele, a solução para as “guerras de adoração”, não é nem rejeitar e nem respaldar sem crítica a tradição histórica, mas buscar novas formas de culto coletivo que levem à sério tanto a tradição histórica quanto os desafios da realidade contemporânea (KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 202).

Na verdade, esse modelo se desdobra em duas propostas: uma que ele chama de “Adoração Contemporânea Reformada” e outra que ele chama de “Adoração Reformada Contemporânea”. Esses dois modelos têm em comum entre si o fato de que buscam ser coerentes na aplicação de três pilares: a Bíblia, o contexto cultural onde nossa comunidade está inserida, e a tradição histórica (KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 223).

Embora com intensidades diferentes, como veremos adiante, ambos os modelos integram as Escrituras com a difícil teia da tradição versus a contemporaneidade. Aqui, fica implícito, ao que parece, uma crítica de Keller (2017) ao modelo de Adoração Combinada, pois ele diz que essa proposta trazia por ele não é um “simples compromisso de 50%” (KELLER *in* KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 223). Ao que parece essa crítica é motivada por um receio de que essa mudança pode ser simplesmente superficial e não uma mudança realmente estrutural a partir do correto entendimento do papel e função do culto cristão.

Por que devemos integrar a tradição reformada ao nosso modelo? Porque, primeiro, tanto Keller (2017) quanto Smith (2018) notam que a ditadura da novidade na cultura contemporânea é cruel, ou seja, tudo que é novo, rapidamente se desgasta

e se torna ultrapassado (KELLER *in* KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 198; SMITH, 2018, p. 102). Segundo, porque a tradição litúrgica traz uma riqueza e profundidade que não são próprios de uma estética mais contemporânea.

“Embora tenhamos a tendência de pensar que essa é uma forma de atualizar a adoração e a tornar contemporânea, meu receio é de que, nesse processo, tenhamos perdido alguns aspectos fundamentais da nossa formação e discipulado (SMITH, 2018, p. 156).

Como fica claro em nossa argumentação, a tradição que oferece o caminho mais rico para a adoração cristã nos parece ser a que remonta à Calvino. Keller também concorda com isso, ao afirmar que a adoração coletiva proposta por Calvino é relevante para os pós-modernos e ao mesmo tempo fiel aos pais da igreja (KELLER *in* KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 204).

Lembremo-nos, pois, que abordamos o fato de que Calvino foi mais flexível no seu entendimento do culto cristão do que seus seguidores puritanos e quando advogamos por uma liturgia que beba do pensamento de Calvino, não estamos advogando por um único estilo.

Interessante notar que Keller (2017) concorda com Frame (1992 e 2006) com relação a uma aplicação mais ampla do PRC, no todo da vida, mas reforçando que há algo distintivo quando falamos de louvor e adoração em conjunto (KELLER *in* KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 208).

Para Keller (2017), quando ocorre uma diferenciação muito grande da vida em geral do culto cristão, corremos o risco de nos tornar muito inflexíveis na aplicação de regras para o culto (KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 208), e certamente foi o que ocorreu na aplicação do PRC ao longo da história.

Quando digo que a adoração é litúrgica, não quero dizer necessariamente que apoio um *estilo* particular de adoração; pelo contrário, a ênfase está nas práticas formativas encarnadas que constituem a adoração cristã – muitas das quais são partilhadas por uma diversidade de estilos, denominações e tradições teológicas (SMITH, 2018, p. 154).

E como já dissemos, não existe uma tradição puramente bíblica e toda interpretação do Evangelho está incorporada a alguma forma cultural (NEWBIGIN, 2016, p. 189). Todos os modelos refletem aspectos culturais do seu tempo, até mesmo

a própria igreja primitiva, que teve que lidar com aspectos culturais da cultura judaica e das culturas pagãs em que se inseriu.⁶³

E devemos ser contemporâneos para nos endereçarmos aos desafios próprios de nosso tempo, como também já abordamos. Porque, de outra forma, corremos o risco de nos acharmos bíblicamente fiéis, mas não combatermos as narrativas seculares que permeiam o mundo em que vivemos, como Smith (2018) propõe.

Keller (2017) defende que esse modelo, em suas duas propostas, é doxológico, ou seja, promove a adoração da igreja e o papel formativo do culto cristão ao mesmo tempo que é evangelístico, quando também se preocupa em apresentar o Evangelho fielmente para os não-cristãos (KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 220).

Mais uma vez, é necessário o equilíbrio entre a tradição e a contemporaneidade para que ambos os aspectos, o doxológico, ligado à tradição, e o evangelístico, ligado à contemporaneidade, sejam respeitados.

Esse equilíbrio deve se refletir em aspectos práticos, como a nossa conduta. Não existe um mandamento bíblico exclusivo advogando a necessidade de um ambiente formal de adoração, mas devemos ser sábios na decisão do ambiente em que promoveremos o culto (FRAME, 2006, p. 120).

Em vez de informalidade, deve haver dignidade e um senso de contemplação. Em segundo lugar, se tivermos um senso de liberdade no amor de Deus, não estaremos nervosos, intimidados ou autoconfiantes demais. Em vez de tensão, deve haver doçura e paz. Em terceiro lugar, se tivermos um senso de humildade diante da graça de Deus, não seremos pomposos, autoritários severos ou 'ministeriais'. Em vez de pompa, deve haver autenticidade e humildade (KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 225).

Horton (2007) coloca dessa forma: “Chegamos em confiança, mas não com frivolidade; com alegria, mas não com familiaridade desrespeitosa” (HORTON, 2007, p. 192). E continua:

Assim, o culto bíblico implica o reconhecimento de que, até mesmo, quando estamos alegremente exaltando a proximidade e a bondade de Deus para

⁶³ Um exemplo claro disso é o concílio da igreja em Jerusalém para lidar com a questão dos gentios que se converteram à mensagem do Evangelho, relatado em Atos 15.

conosco, é sempre uma proximidade 'pesada' e há sempre um 'peso' de bondade que admiramos (HORTON, 2007, p. 192).

Historicamente, a fé reformada tem dificuldades em se utilizar das emoções para expressões de adoração a Deus e acabou por adotar um tom mais racional em seus cultos (FRAME, 2006, p. 113). As emoções fazem parte do ser humano e por isso, devem ser trazidas para o culto. Essa expressividade é muito importante na cultura contemporânea e se bem utilizadas podem ser uma grande ferramenta de adoração a Deus.

Um aspecto que envolve tanto práticas tradicionais de adoração da igreja quanto adeptos dos cultos mais contemporâneos é o envolvimento do corpo em adoração.

Uma das primeiras coisas que devem nos impressionar no tocante à adoração cristã é seu caráter tão terno, tão material e trivial. Para adorar, é preciso um corpo - com pulmões para cantar, joelhos para ajoelhar, pernas para ficar em pé, braços para levantar, olhos para chorar, nariz para cheirar, língua para degustar, ouvidos para ouvir, mãos para segurar e erguer. A adoração cristã não é o tipo de coisa de que espíritos etéreos, desencarnados possam participar. (...) Portanto, a própria performance da adoração cristã se opõe ao gnosticismo dualista, para quem a matéria e o corpo são inerentemente malignos, bem como ao naturalismo reducionista, que interpreta o mundo como algo 'simplesmente' natural (SMITH, 2018, p. 140 e p. 145).

Ao pensar sobre a linguagem oral adotada, não devemos buscar adotar uma linguagem que seja rebuscada só para dar um senso de transcendência, mas que se torna antiquada na comunicação da mensagem. Mas ao mesmo tempo, a nossa linguagem não deve ser muito coloquial, para não perdermos totalmente o senso de transcendência (KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 225-226).

Um dos aspectos a ser analisado na definição de toda a linguagem do culto, que permeia a escolha do estilo do sermão, das canções, das orações, é a inteligibilidade (FRAME, 2006, p. 121). E inteligibilidade pede que haja contemporaneidade. A maior parte das práticas históricas de adoração da igreja podem e devem ser formuladas e praticadas em linguagem contemporânea (FRAME, 2006, p. 102).

Esse cuidado está presente na escolha das canções, que devem ser bem escolhidas para comunicar transcendência, excelência, e ao mesmo tempo,

simplicidade, que tenha letras poéticas e que também faça a contextualização necessária (KELLER *in* CARSON, 2017, p. 237).

E esse cuidado para ser inteligível e relevante deve estar presente no sermão. No seu livro “Pregação”, Keller (2017) diz que é importante o pregador pregar sempre o Evangelho, como a moldura maior do tema do seu sermão, para mostrar como a Bíblia toda faz sentido (KELLER, 2017, p. 72)

E, de fato, pregar Cristo sempre é também a única maneira de ajudar verdadeiramente as pessoas a mudar de dentro pra fora. Qualquer sermão que diz a seus ouvintes somente como devem viver, sem colocar esse padrão no contexto do Evangelho, dá a eles a impressão de que podem ser completos o suficiente para viver uma vida equilibrada se realmente se esforçarem para isso (KELLER, 2017, p. 73).

E a outra tarefa do pregador, que ele descreve e que interessa em nossa discussão é que, também na pregação, o pregador deve usar vocabulário acessível aos seus ouvintes (KELLER, 2017, p. 124). E mais uma vez advoga sobre a necessidade de contextualização:

Esse entendimento da pregação é um aspecto do que os missiólogos chamam de ‘contextualização’. Significa identificar-se com a cultura à sua volta, sem, porém, deixar de confrontá-la.. Significa antagonizar os ídolos da sociedade e, ao mesmo tempo, demonstrar respeito pelas pessoas e por muitas de suas esperanças e aspirações. Significa comunicar o Evangelho de um modo que não seja apenas compreensível mas também convincente (KELLER, 2017, p. 121).

Voltando às duas propostas de Keller para um culto cristão reformada e contemporâneo, a primeira é a Adoração Contemporânea Reformada, que traz primordialmente elementos da Adoração Contemporânea com elementos significativos de uma liturgia reformada mais tradicional integrados. Neste modelo se usa MAC, mas com hinos históricos em arranjos contemporâneos⁶⁴ (KELLER *in* CARSON *et al*, 2017, p. 223).

A segunda é a Adoração Reformada Contemporânea, que traz uma liturgia mais histórica, mais próxima do desenho de culto de Calvino – com a ceia mais frequente, silêncio e reverência - com alguns elementos contemporâneos incorporados.

⁶⁴ Apesar de criticar algumas características da Adoração Combinada, Keller (2017) reconhece que a proposta de Webber (2002) para tal se aproxima do modelo que ele propõe. (KELLER, 2017, p. 223)

Sendo assim, o desenho de um culto com a ênfase Contemporânea Reformada sugerida por Keller seria (KELLER *in* CARSON, 2017, p. 236):

CICLO DE LOUVOR

Preparação (Escritura)

Cânticos de louvor (3 músicas de Adoração Contemporânea)

Invocação

CICLO DE RENOVAÇÃO

Chamado ao arrependimento

Cântico de renovação (1 música de Adoração Contemporânea)

Oração de confissão

Confissão em silêncio

Palavras de Encorajamento (Escrituras)

Cânticos de renovação (2 músicas de Adoração Contemporânea)

CICLO DO COMPROMETIMENTO

Testemunho

[Votos/batismo]

Oração pelas pessoas

Cântico de resposta

Palavras de boas-vindas

Leitura das Escrituras

Sermão

Chamado para a oferta

Ofertório

Cântico de louvor (1 música de Adoração Contemporânea)

Bênção e despedida

A mesma ordem litúrgica na proposta de Adoração Reformada Contemporânea seria (KELLER *in* CARSON, 2017, p. 228):

CICLO DE LOUVOR

Preparação (Escritura)

Hino de Louvor

Chamada responsiva para a adoração (Escritura)

Invocação

O Pai Nosso

Doxologia

Adoração silenciosa

CICLO DE RENOVAÇÃO

Chamado para a renovação (Leitura das Escrituras)

Oração de confissão

Confissão silenciosa

Resposta de confissão

Palavras de encorajamento (Leitura das Escrituras)

[Batismos, votos de membros, testemunhos]

Oração (pastoral ou orações da congregação)

Hino

CICLO DE COMPROMETIMENTO

Palavras de boas-vindas

Leitura das Escrituras (antes do sermão)

Sermão

Chamado para as ofertas

Ofertório

Hino

Exortação

Bênção e despedida

Analisando essas duas propostas de liturgia diante de tudo que discutimos, podemos notar que, primeiramente, ambas têm o “desenho” do Evangelho no desenvolvimento da sua ordem. Estão amplamente ancoradas e refletem o entendimento dos reformadores e, principalmente, o entendimento da Calvino de como o culto cristão deveria ser.

Nas duas propostas dentro do viés de uma adoração reformada global, as Escrituras permeiam todo o culto e são elas que dão o conteúdo para as orações e canções, além do sermão. Sendo assim, tanto na sua vertente mais reformada quanto na mais contemporânea, temos a primazia central das Escrituras preservadas na adoração cristã.

Em relação ao objetivo principal do PRC, à luz do entendimento de Calvino de preservar um culto que contenha elementos/substância exclusivamente bíblicos, vemos que ambas as propostas são fiéis aos elementos elencados pelo “Diretório de Culto” elaborado no contexto da CFW, a saber: pregação e leitura da Palavra, oração, ofertas, confissão de pecados, bênção final. Por isso, podem ser chamadas de “Reformadas” sem nenhum tipo de estranhamento ou uso indevido da terminologia.

Claro que como vimos, o PRC foi além do entendimento de Calvino sobre a rigidez na determinação das formas/circunstâncias, como fruto do contexto histórico de sua formulação, que foi elencado no desenvolver desta pesquisa. Por essa razão, não vemos essa rigidez puritana, que pode ser classificada como mais extrema que a posição original de Calvino como indispensável para se decidir como um culto bíblico e contemporâneo deve transcorrer.

Essas duas propostas de liturgia têm estilos musicais bem definidos, seja mais tradicional com hinos ou mais contemporânea com cânticos, e combinam com cuidado elementos da outra proposta a fim de criar um todo coerente. Nesse sentido, nenhum estilo é mais sacralizado do que o outro, pois tanto os hinos mais tradicionais quanto as MAC têm que obedecer aos mesmos critérios já mencionados acima.

O cuidado com a linguagem geral do culto está presente em ambas as liturgias e a procura pelo equilíbrio mencionado igualmente: na Adoração Reformada Contemporânea um cuidado para não cair no formalismo extremo ao temperar a linguagem com a alegria e o tom convidativo da contemporaneidade, e na Adoração Contemporânea Reformada o cuidado para não incorrer no informalismo extremo, temperando toda a linguagem do culto, seja corporal, musical ou retórica com a reverência da tradição histórica.

Sendo assim, entendemos que essa proposta trazida por Keller, e apoiada pelos autores citados, com essas duas vertentes apresentadas, faz uso do melhor que a contemporaneidade oferece. Ao mesmo tempo, resguarda a rica herança trazida pela tradição litúrgica da igreja.

A liturgia cristã cumpre o seu papel ao ser relevante para o momento atual, confrontando a cultura dominante quando necessário, e ao mesmo tempo, recuperando o papel formativo do culto cristão. Ao forjar o caráter cristão através de práticas milenares de adoração, o culto cristão verdadeiramente bíblico unifica toda a Igreja Cristã em torno do Cordeiro de Deus, Jesus Cristo, o Senhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRET, Matthew (ed.). *Teologia da Reforma*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2017. Edição Kindle.

BARTHOLOMEW, Craig G.; GOHEEN, Michael W.. *The Drama of Scripture: finding our place in the biblical story*. Grand Rapids: Baker Academic, 2004. Edição Kindle.

BASDEN, Paul A.. *Adoração ou show? Críticas e defesas de seis estilos de culto*. São Paulo: Vida, 2006.

BEEKE, Joel; JOHSON, Terry L.; HYDE, Daniel R.. *Por que devemos cantar os Salmos?* Recife: Os Puritanos, 2016. Edição Kindle.

BIEMA, David Van. The New Calvinism. **Time**, 2009. Disponível em: <http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1884779_1884782_1884760,00.html>. Acesso em: 4 jun. 2019.

BLOCK, Daniel I.. *Para a Glória de Deus: resgatando uma teologia bíblica do culto*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

BOGAZ Antônio S.; HANSEN, João H.. *Vaticano II: novos tempos e novos templos*. São Paulo: Paulus, 2015.

BOICE, James M.. *O Evangelho da Graça: a aventura de restaurar a vitalidade da igreja com as doutrinas bíblicas que abalaram o mundo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

CALVINO, João. *As Institutas – Versão Clássica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

_____. *Institutas da Religião Cristã*. São José dos Campos: Fiel, 2018. Edição Kindle.

_____. *João Calvino: uma coletânea de escritos*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

_____. *Salmos Volume 1 – Série Comentários Bíblicos*. São José dos Campos: Fiel, 2009.

_____. *1 Coríntios. Série Comentários Bíblicos*. São José dos Campos: Fiel, 2014. Edição Kindle.

CARDOSO, Dario de A.. “A Influência do Saltério de Genebra na solidificação da fé reformada”. Dissertação de Mestrado em Ciência da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011. 268p. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2382>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

_____. “O papel da música na Reforma e a formação do saltério de Genebra.” **Fides Reformata**. São Paulo, ano XXII, nº 2, p. 23-41, 2017.

CARSON, D. A.. *Igreja Emergente: o movimento e suas implicações*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

_____. ADORAÇÃO POR MEIO DA PALAVRA. in CARSON, D. A.; KELLER, Timothy J; HUGUES, R. Kent; ASHTON, Mark. *Louvor: análise teológica e prática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017

CARSON, D. A.; KELLER, Timothy J.; HUGUES, R. Kent; ASHTON, Mark. *Louvor: análise teológica e prática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017

CHAPELL, Bryan. *Christ-Centered Worship: letting the gospel shape our practice*. Grand Rapids: Baker Academic, 2009. Edição Kindle.

CHESTERTON, G. K.. *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

CLARK, R. Scott. *Recovering the Reformed Confession: our theology, piety and practice*. Phillipsburg: P&R, 2008.

CLARKE, Martin V.. “John Wesley and Methodist music in the eighteenth century: principles and practice.” Tese de Doutorado em Filosofia, Durham University, 2008. Disponível em: <<http://etheses.dur.ac.uk/1894/>>. Acesso em: 07 jun. 2019.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. Petrópolis: Vozes, 1969. Disponível em português em <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/va-t-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html> Acesso em 4 de jun. 2019.

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER (1643-46). Disponível em: <http://www.executivaipb.com.br/arquivos/confissao_de_westminster.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2019.

COSTA, Hermisten M. P. da. *João Calvino 500 anos: introdução ao seu pensamento e obra*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

_____. “O Culto Cristão na Perspectiva de Calvino: uma análise introdutória.” **Fides Reformata**. São Paulo, ano VIII, no 2, p. 73-104, 2003.

COSTA, Valeriano dos S.. “Liturgia em ‘tempos líquidos’”. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, ano XXIV, n. 87, p. 70-95, jan/jun 2016. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i87.28552>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

_____. “A Corporeidade na Liturgia.” **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, ano VI, n. 25, p. 19-30, out/dez 1998. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14615/17207>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

CUNHA, Magali dos S.. *A Explosão Gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

DAVIE, M.. Calvin’s influence on the theology of the English Reformation. *Ecclesiology*, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 315–341, 2010. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLA0001983092&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

DAWN, Marva. *Reaching Out Without Dumbing Down: a theology of worship for this urgente time*. Grand Rapids; Cambridge: William B. Eerdmans, 1995.

_____. *The Royal Waste of Time: the splendor of worshiping God and being church for the world*. Grand Rapids; Cambridge: William B. Eerdmans, 1999.

DELIVUK, J. A.. “Biblical Authority and the Proof of the Regulative Principle of Worship in The Westminster Confession.” **The Westminster Theological Journal**, [s. l.], v. 58, n. 2, p. 237–256, 1996. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLA0001020906&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

DIRETÓRIO DE CULTO DE WESTMINSTER: Um diretório para o Culto Público a Deus nos três reinos: Inglaterra, Escócia e Irlanda. Recife: Os Puritanos, 2000. Edição Kindle.

DEVER, Mark; LAWRENCE, Michael. BLENDED WORSHIP. *in* DUNCAN, Ligon J; KIMBALL, Dan; DEVER, Mark; LAWRENCE, Michael; QUILL, Timothy C. J.; WILT, Dan; PINSON, J. Matthew (eds.). *Perspectives on Christian worship: 5 views*. Nashville: BH Academic, 2009.

DUNCAN, Ligon J; KIMBALL, Dan; DEVER, Mark; LAWRENCE, Michael; QUILL, Timothy C. J.; WILT, Dan; PINSON, J. Matthew (eds.). *Perspectives on Christian worship: 5 views*. Nashville: BH Academic, 2009.

DUCAN, J. Ligon. DOES GOD CARE HOW WE WORSHIP? *in* RYKEN, Philip Graham; THOMAS, Derek W. H.; DUNCAN III, Ligon. *Give Praise to God: a vision for reforming worship: celebrating the legacy of James Montgomery Boice*. Phillipsburg: P&R Publishing, 2003.

EDWARDS, Jonathan. *Afeições Religiosas*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

FRAME, John M.. *Contemporary worship music: a biblical defense*. Phillipsburg: P&R Publishing, 1997.

_____. *Em Espírito e em Verdade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

_____. "Some questions about the regulative principle." **The Westminster Theological Journal**, [s. l.], v. 54, n. 2, p. 357–366, 1992. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0000859173&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

GORE Jr, R. J.. "Reviewing the Puritan Regulative Principle of Worship." **Presbyterion**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 29–47, 1995. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0000883025&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

HERON, A. I. C.. "Shaping the worship of the Reformed church in Geneva: Calvin on prayer and praise." **Hervormde Teologiese Studies**, [s. l.], v. 68, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0001928339&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

HORNESS, Joe. ADORAÇÃO CONTEMPORÂNEA. in BASDEN, Paul A.. *Adoração ou show? Críticas e defesas de seis estilos de culto*. São Paulo: Vida, 2006.

HORTON, Michael. *A Lei da Perfeita Liberdade – Os Dez Mandamentos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2000

_____. *Um Caminho Melhor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

HURTADO, Larry. *As Origens da Adoração Cristã: o caráter da devoção no ambiente da igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HYDE, Daniel R.. “According to the Custom of the Ancient Church? Examining the Roots of John Calvin’s Liturgy.” **Puritan Reformed Journal**, vol 01, n. 02, p. 189-211, jul 2009.

INGALLS, Monique. “Awesome in this Place: sound, space and identity in contemporary north american evangelical worship.” Tese de Doutorado em Filosofia, University of Pennsylvania, 2008. 450p.

JANSEN, J. F.. “Calvin on a fixed form of worship--a note in textual criticism.” **Scottish Journal of Theology**, [s. l.], v. 15, n. 3, p. 282–287, 1962. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rh&AN=ATLA0000684397&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

JOHNSON, Terry. *Adoração Reformada: adoração segundo as Escrituras*. Brasília: Monergismo, 2014a. Edição Kindle.

_____. *Worshipping with Calvin: recovering the historic ministry and worship of reformed protestantism*. Faverdale North: EP Books, 2014b.

JOHNSON, Steve. “John Wesley’s Liturgical Theology: His Sources, Unique Contributions, and Synthetic Practices.” Tese de Doutorado em Filosofia, The University of Manchester, 2016. 280p. Disponível em: <<https://www.escholar.manchester.ac.uk/api/datastream?publicationPid=uk-ac-man-scw:299140&datastreamId=FULL-TEXT.PDF>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

JONES, D. M.. *Charles Wesley: a study*. London: Skeffington & Son, 1919. Disponível em: <<https://archive.org/details/charleswesleyast00joneuoft/page/n5>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

JUNIOR, Paulo J. dos S.; RANGEL, Felipe de O.; ESPÍRITO SANTO, Magno L.; FÓFANO, Clodoaldo S.; SILVA, Edeson dos A.. "Liturgia e Culto no Primeiro Século da Igreja Cristã." **Tear Online**. São Leopoldo, v. 7, n. 2, p. 98-107, julho 2018. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/view/3477/3136>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

KEITH, G.. "Too narrow a straightjacket?: Reflections on the historical development of the regulative principle in worship." **Scottish Bulletin of Evangelical Theology**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 3–31, 2008. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLA0001673945&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

KELLER, Timothy J.. *Igreja Centrada*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

_____. ADORAÇÃO REFORMADA GLOBALIZADA. in CARSON, D. A.; KELLER, Timothy J.; HUGUES, R. Kent; ASHTON, Mark. *Louvor: análise teológica e prática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

_____. *Pregação: comunicando a fé na era do ceticismo*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KIMBALL, Dan. *Emerging Worship: creating worship gatherings for new generations*. Grand Rapids: Zondervan, 2004.

_____. EMERGING WORSHIP. in DUNCAN, Lingon J.; KIMBALL, Dan; DEVER, Mark; LAWRENCE, Michael; QUILL, Timothy C. J.; WILT, Dan; PINSON, J. Matthew (ed.). *Perspectives on Christian worship: 5 views*. Nashville: BH Academic, 2009.

KUYPER, Abraham. *Calvinismo: o canal em que se moveu a Reforma do século 16, enriquecendo a vida cultural e espiritual dos povos que o adotaram. O sistema que hoje a igreja cristã deve reconhecer como bíblico*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

LAWSON, Steve J.. *A Arte Expositiva de João Calvino*. São José dos Campos: Fiel, 2008. Edição Kindle.

LEE, Tripp. Must All Regulative Principle Churches Look the Same? *9Marks Journal*, Washington D.C., 2013, p. 43-45). Disponível em <<https://www.9marks.org/article/journalmust-all-regulative-principle-churches-look-same/>> Acesso em 27 jun. 2019.

LESSA, Vicente do R. T.. *Lutero: sua vida e obra*. Brasília: Monergismo, 2017.

LOPES, Augustus N.. *O Culto Segundo Deus: a mensagem de Malaquias para a igreja de hoje*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

_____. Os calvinistas estão chegando. **Tempora! Mores!**, 2008. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com.br/2008/01/os-calvinistas-esto-chegando.html>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

LUTERO, Martinho. *Martinho Lutero: obras Selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal. Porto Alegre: Concórdia, 2000, v.7.

_____. *Martinho Lutero: uma coletânea de escritos*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MACARTHUR, John. *O Caos Carismático*. São José dos Campos: Fiel, 2011.

MAIA, Hermisten. *Fundamentos da Teologia Reformada*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

MARINONI, Renato. *Mergulhando na Adoração: aspectos práticos sobre a liderança e a ministração de louvor*. São Paulo: 2010.

_____. *Sem Atalhos: em busca de uma adoração autêntica*. São Paulo: 2017.

MATHISON, Keith. A CEIA DO SENHOR. in BARRET, Matthew (ed.). *Teologia da Reforma*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2017. Edição Kindle.

MATOS, Alderi de S.. "O Movimento Pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário." **Fides Reformata**, v XI, n. 02, p. 23-50. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/2-O-movimento-pentecostal-reflex%C3%B5es-a-prop%C3%B3sito-do-seu-primeiro-centen%C3%A1rio-Alder-Souza-de-Matos.pdf>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

_____. O Movimento Carismático na igreja reformada. **Bereianos, 2013**. Disponível em: <<https://bereianos.blogspot.com/2013/11/o-movimento-carismatico-na-igreja.html>>. Acesso em: 5 maio 2019.

MCGRATH, Alister. *A gênese da doutrina: fundamentos da crítica doutrinária*. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MCKEE, E. A.. "Context, Contours, Contents: Towards a Description of the Classical Reformed Teaching on Worship." **The Princeton Seminary Bulletin**, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 172–201, 1995. Disponível em: <<https://ia801206.us.archive.org/10/items/princetonseminar1621prin/princetonseminar1621prin.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

_____. "(Re)introducing Pastor John Calvin." **The Journal of Presbyterian History** (Philadelphia: 1997), [s. l.], v. 87, n. 2, p. 53–61, 2009. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23338113?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 1 jul. 2019.

MOELLER, Pamela A.. *Calvin's Doxology: worship in the 1559 Institutes with a view to contemporary worship renewal*. Allison Park: Pickwick Publications, 1997.

MORGENTHALER, Sally. ADORAÇÃO EMERGENTE. in BASDEN, Paul A. *Adoração ou show? Críticas e defesas de seis estilos de culto*. São Paulo: Vida, 2006.

MURPHY, Debra D.. *Teaching that transforms: worship as the heart of christian education*. Eugene: Wipf and Stock, 2006.

NEEDHAM, Nick R.. WORSHIP THROUGH THE AGES. in RYKEN, Philip G.; THOMAS, Derek W. H.; DUNCAN III, Ligon. *Give Praise to God: a vision for reforming worship: celebrating the legacy of James Montgomery Boice*. Phillipsburg: P&R Publishing, 2003.

NETO, Emilio Garofalo in JOHNSON, Terry. *Adoração Reformada: adoração segundo as Escrituras*. Brasília: Monergismo, 2014a. Edição Kindle.

NICHOLS, Stephen J.. *Além das 95 teses: a vida, o pensamento e o legado de Martinho Lutero*. São José dos Campos: Fiel, 2017.

NEWBIGIN, Lesslie. *O Evangelho em uma sociedade pluralista*. Viçosa: Ultimato, 2016.

O CATECISMO DE HEIDELBERG: o segundo dos padrões doutrinários das igrejas reformadas. Recife: CLIRE, 2016. Edição Kindle.

OLD, Hugues O.. *Art and Architecture: their use in christian theology and worship*. San Juan Capistrano: Worship Leader Partnership, 2012. Edição Kindle.

_____. *Themes & Variations for a Christian Doxology: some thoughts on the theology of worship*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1992.

OPPENHEIMER, Mark. Evangélicos se encontram no meio de um avivamento calvinista? **Voltemos ao Evangelho, 2014**. Disponível em: <<https://voltemosaoevangelho.com/blog/2014/01/evangelicos-encontram-se-no-meio-de-um-avivamento-calvinista-mark-oppenheimer-the-new-york-times/>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

OWEN, John. *The Works of John Owen*. Vol. IX. Carlisle: The Banner of Truth, 1968.

PARK, Andy. *Em Espírito e Em Verdade: cultivando o coração do líder de louvor e adoração*. São Paulo: Vida, 2002.

PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PINSON, J.. INTRODUCTION in DUNCAN, Lingon J.; KIMBALL, Dan; DEVER, Mark; LAWRENCE, Michael; QUILL, Timothy C. J.; WILT, Dan; PINSON, J. Matthew (eds.). *Perspectives on Christian worship: 5 views*. Nashville: BH Academic, 2009.

PIPER, John. *Cinco Pontos: em direção a uma experiência mais profunda da graça de Deus*. São José dos Campos: Fiel, 2018.

PLATINGA JR, Cornelius; ROZEBOOM, Sue A.. *Discerning the spirits: a guide to thinking about Christian Worship Today*. Grand Rapids: WM B. Eerdmans Publishing, 2003.

RATZINGER, Joseph. *Joseph Ratzinger Collected Works: theology of the liturgy*. San Francisco: Ignatius Press, 2008. Edição Kindle.

REDMAN, Robb. *The Great Worship Awakening: singing a new song in the postmodern church*. San Francisco: Jossey-Bass, 2002. Edição Kindle.

RUSHDOONY, Rousas J.. *Rejeição à humanidade: os efeitos do neoplatonismo no cristianismo*. Brasília: Monergismo, 2019.

SACROSANCTUM CONCILIUM. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2001.

SCHWERTLEY, Brian. *Sola Scriptura and the Regulative Principle of Worship*. Lansing, MI: Reformed Witness, 2000. Disponível em: <http://www.reformedonline.com/uploads/1/5/0/3/15030584/sola_scriptura_and_the_regulative_principle_of_worship.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019.

SELDERHUIS, Herman J.. *Calvin's Theology of the Psalms*. Grand Rapids: Baker Academics, 2007.

SILVA, Rafael F.. "O amor de Deus, a liturgia e o mundo atual." **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. São Paulo, vol 11, n. 20, p. 157-169, jul/dez 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/36213>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SILVA, Vanderson de S.. "Lex orandi – fonte da Espiritualidade cristã: aspectos de teologia litúrgico-espiritual." **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, ano XXII, n. 83, p. 97-126, jan/jun 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/19227>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

SMITH, F. J.; LACHMAN, D. C.. "Reframing Presbyterian worship: a critical survey of the worship views of John M. Frame and R. J. Gore." **The Confessional Presbyterian**, [s. l.], v. 1, p. 116–150, 2005. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLA0001727928&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

SMITH, F. J.. "The regulative principle of worship: sixty years in Reformed literature Part One (1946-1999)." **The Confessional Presbyterian**, [s. l.], v. 2, p. 89–164, 2006. Disponível em: <<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=rfh&AN=ATLA0001733140&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 1 jul. 2019.

SMITH, James K. A.. *Desejando o Reino: culto, cosmovisão e formação cultural*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

_____. *Imaginando o Reino: a dinâmica do culto*. São Paulo: Vida Nova, 2019.

SPEHR, Christopher. O Culto na Concepção de Lutero. *Vox Scripturae: revista teológica internacional*. São Bento do Sul: vol XXII, n 2, jul-dez 2014.

SPROUL, R. C.. *How, then, shall we worship? Biblical Principles to Guide Us Today*. Colorado Springs: David Cook, 2013.

TABORDA, Francisco. "Lex orandi - Lex credendi. Origem, sentido e implicações de um axioma teológico." **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte, v. 35, n.95, p. 71-86, 2003. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/588>>. Acesso em: 28 mai. 2019.

TCHIVIDJIAN, Tullian. Ser calvinista é o mesmo que ser reformado? **Monergismo**, 2011. Disponível em: < <http://monergismo.com/tullian-tchividjian/ser-calvinista-e-o-mesmo-que-ser-reformado/>>. Acesso em: 10 jul. 2017

THOMAS, Derek W. H.. THE REGULATIVE PRINCIPLE: RESPONDING TO RECENT CRITICISM. *in* RYKEN, Philip G.; THOMAS, Derek W. H.; DUNCAN III, Ligon. *Give Praise to God: a vision for reforming worship: celebrating the legacy of James Montgomery Boice*. Phillipsburg: P&R Publishing, 2003.

URSINUS, Zacharias. *The Commentary of Dr. Zacharias Ursinus on the Heidelberg Catechism*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1954.

VANHOOZER, Kevin J.. *Autoridade Bíblica Pós-Reforma: resgatando os solas segundo a essência do cristianismo protestante puro e simples*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

_____. *O Drama da Escritura: uma abordagem canônico-linguística da teologia cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

_____. *Quadros de uma Exposição Teológica: cenas de adoração, testemunho e sabedoria da igreja*. Brasília: Monergismo, 2018.

WEBBER, Robert E.. *Ancient—Future Worship: proclaiming and enacting God's Narrative*. Grand Rapids: Baker Books, 2008. Edição Kindle.

_____. ADORAÇÃO COMBINADA. in BASDEN, Paul A. *Adoração ou show? Críticas e defesas de seis estilos de culto*. São Paulo: Vida, 2006.

WHITE, James F.. *Introdução ao Culto Cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997, p. 10-11.

_____. *Protestant Worship: traditions in transition*. Louisville: Westminster/John Knox Press, 1989.

WILT, Dan. CONTEMPORARY WORSHIP. in DUNCAN, Lingon J.; KIMBALL, Dan; DEVER, Mark; LAWRENCE, Michael; QUILL, Timothy C. J.; WILT, Dan; PINSON, J. Matthew (eds.). *Perspectives on Christian worship: 5 views*. Nashville: BH Academic, 2009.

WITVLIET, John D.. *Worship Seeking Understanding: windows into christian practice*. Grand Rapids: Baker Academic, 2003.

WILLIAMS, Don. ADORAÇÃO CARISMÁTICA. in BASDEN, Paul A. *Adoração ou show? Críticas e defesas de seis estilos de culto*. São Paulo: Vida, 2006.

WILLIAMSON, G.I. "The Regulative Principle of Worship". **Ordained Servant**. Manchester, NH, v. 10, n. 4. p. 67-78, 2001. Disponível em http://www.reformedprescambridge.com/articles/ICRC_RPW_Final.pdf. Acesso em: 10 jul. 2019.

WRIGHT, N. T.. *For All God's Worth: true worship and the calling of the church*. Grand Rapids; Cambridge: William B. Eerdmans, 1997.

_____. Sign and Means of New Creation: Public Worship and the Creative Reading of Scripture. **NTWrightPage, 2017**. Disponível em: <<http://ntwrightpage.com/2017/01/30/sign-and-means-of-new-creation-public-worship-and-the-creative-reading-of-scripture/>>. Acesso em 5 maio 2019.

ZANINI, Fábio. Na PB, megaevento evangélico compete com Carnaval e usa estrutura do São João. **Folha de São Paulo, 2019**. Disponível em: <<https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2019/03/22/na-pb-megaevento-evangelico-compete-com-carnaval-e-usa-estrutura-do-sao-joao>>. Acesso em: 4 jun. 2019.

SITES:

<www.box95.com.br>. Acesso em: 4 jun. 2019.

<www.doisdedosdeteologia.com.br/clube>. Acesso em: 4 jun. 2019.